



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA**

SANDRA MEDIANEIRA TESSARO ZEIST

**PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE AUTOSSUSTENTO NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE BARRA DO RIO AZUL-RS**

**ERECHIM
2016**

SANDRA MEDIANEIRA TESSARO ZEIST

**PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE AUTOSSUSTENTO NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE BARRA DO RIO AZUL-RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

**ERECHIM,
2016**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Zeist, Sandra Medianeira Tessaro

Produção de Alimentos de Autossustento na Agricultura Familiar:
Um Estudo de Caso no Município de Barra do Rio Azul-Rs/ Sandra
Medianeira Tessaro Zeist. -- 2016.

130 f.

Orientador: Márcio Freitas Eduardo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia-Licenciatura , Erechim, RS , 2016.

1. Introdução. 2. Metodologia. 3. Fundamentação teórica. 4.
Estudo de caso. 5. considerações finais. I. Eduardo,
Márcio Freitas, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

SANDRA MEDIANEIRA TESSARO ZEIST

**PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE AUTOSSUSTENTO NA AGRICULTURA
FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE BARRA DO RIO AZUL-RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
24/06/2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo – UFFS

Prof. Drando. Everton de Moraes Kozenieski-UFFS

Prof. Dr. Janete Teresinha Reis-UFFS

Dedico este trabalho às pessoas que amo que durante todo o percurso de formação acadêmica estiveram ao meu lado me apoiando, em especial aos meus filhos André e Ricardo e ao meu companheiro Antônio Zeist.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus, por ter me dado força e coragem para superar todas as dificuldades encontradas especialmente durante a vida acadêmica.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Erechim, por me proporcionar ao longo destes quatro anos e meio condições para o desempenho da carreira acadêmica.

Ao professor orientador Márcio Freitas Eduardo, pela dedicação, empenho, apoio, amizade e pela confiança depositada no meu trabalho e na orientação da pesquisa.

Aos demais professores, em especial os do curso de Geografia pelos ensinamentos e amizade durante a graduação.

Aos colegas e amigos de graduação por cada palavra de apoio, além da amizade, ajudaram-me sempre com opiniões, críticas e elogios.

As famílias de agricultores entrevistados, que me receberam em suas propriedades e pela colaboração na pesquisa.

Aos meus pais e as minhas três irmãs, pelo apoio e incentivo, de modo especial ao meu pai Algassir e minha mãe Irís meus heróis, agricultores e exemplo de dedicação ao trabalho rural.

Ao meu esposo Antônio pela paciência, compartilhando comigo minhas alegrias, angústias, frustrações e se fazendo presente em tudo, mas principalmente pela compreensão imensurável durante estes anos de vida acadêmica, por saber a importância que tinha na minha vida.

Aos meus filhos André e Ricardo que mesmo de longe sempre estiveram me apoiando, incentivando e auxiliando na execução de algumas tarefas, especialmente em aquelas que precisavam de mais conhecimentos na área de informática.

Aos demais familiares e amigos companheiros de todos os momentos.

Enfim meu agradecimento a todos que de alguma forma contribuíram para a consolidação deste trabalho. O meu muito obrigado.

RESUMO

A produção para autossustento não é somente considerada um processo produtivo para se obter produtos necessários a alimentação da família, mas constitui-se na produção e reprodução social da identidade familiar. A produção para autossustento gera uma relativa independência econômica e social, principalmente pela diversidade de alimentos produzidos e também pela existência da reciprocidade com os vizinhos nas trocas dos produtos, sementes e conhecimentos. A divisão do trabalho na questão de gênero também deve de ser levada em conta, pois o patriarcado ainda está muito presente no campo, especialmente nas relações de produção para o autossustento. O presente trabalho consiste em realizar uma pesquisa no espaço rural do município de Barra do Rio Azul, localizado na região norte do Rio Grande do Sul, enfocado a produção de alimentos para o autossustento na agricultura familiar. O município estudado faz parte da trajetória de vida da autora e possui características da agricultura familiar e tem em sua cultura costumes das heranças passadas entre gerações quanto à produção doméstica de alimentos. Diante a importância de estudarmos este tema, o trabalho tem como objetivo analisar a produção e o consumo de alimentos de autossustento nas unidades familiares e como esta prática expressa uma territorialidade que permite a reprodução social das famílias agricultoras. Visando dar conteúdo ao tema proposto e com a finalidade de obter respostas aos objetivos, nos procedimentos metodológicos realizou-se revisão bibliográfica em livros, materiais impressos e disponíveis eletronicamente. O trabalho teve como foco um estudo de caso realizado a campo com pesquisa participativa com questionário semi-derigido aplicado a dez famílias da agricultura familiar e dados secundários. Desta forma, a partir da pesquisa foi possível identificar quais são e qual é a quantidade de alimentos produzidos na unidade familiar para o autoconsumo; observar de que maneira são realizadas as técnicas e as relações sociais na produção de alimentos domésticos; verificar como se dá a divisão do trabalho para o autossustento nas unidades de produção estudadas; e, avaliar o grau de importância monetária dos alimentos produzidos para o autossustento.

Palavras Chave: Barra do Rio Azul. Agricultura familiar. Autossustento. Territorialidade.

ABSTRACT

Production for self-support is not only considered a production process to obtain products needed to feed the family, but is in the production and social reproduction of family identity. Production for autossustentoera relative economic and social independence, especially the diversity of food produced and also the existence of reciprocity with neighbors in trade of products, seeds and knowledge. The division of labor in the issue of gender should also be taken into account because patriarchy is still very present in the field, especially in the relations of production for self-support. This work is to conduct a survey in rural areas in the municipality of Barra do Rio Azul, located in the northern region of Rio Grande do Sul, focused on food production for self-support family farming. The city studied is part of the author's life trajectory and has family farming characteristics and features in their culture customs of heirlooms passed between generations as domestic food production. On the importance of studying this subject, the study aims to analyze the production and consumption of self-support of food in households and how this practice expresses a territoriality that allows social reproduction of farming families. Aiming to give content to the proposed theme and in order to get answers to the objectives, the methodological procedures was performed literature review in books, printed materials and available electronically. The work focused on a case study in the field with participatory research with semi-derigido questionnaire applied to ten families of family farming and secondary data. Thus, from the research we could identify what they are and what is the amount of food produced in the family unit for self; observe how are held the technical and social relations in the production of domestic food; verify how the division of labor for self-support in the studied production units; and assess the degree of monetary importance of the food produced for self-support.

Keywords: Barra do Rio Azul. Family farming. Self-support. Territoriality.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produto Interno Bruto (PIB) Barra do Rio Azul	42
Gráfico 2 - População rural e urbana de Barra do Rio Azul.....	43
Gráfico 3 - Produção de culturas agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.....	44
Gráfico 4 - Produção de culturas agrícolas temporárias de Barra do Rio Azul-RS.....	45
Gráfico 5 - Produção de culturas agrícolas permanentes em Barra do Rio Azul-RS	46
Gráfico 6 - Produção de pastagens agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.....	47
Gráfico 7 - Produção de pastagens agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.....	48
Gráfico 8 - Produção pecuária de Barra do Rio Azul-RS	49
Gráfico 9 - Número de membros da UPAF	75
Gráfico 10 - Idade dos membros das UPAF	76
Gráfico 11- Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos de farináceos.....	102
Gráfico 12- Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como verduras e legumes	103
Gráfico 13 - Valor monetário (R\$) mensal estimado de frutas.....	104
Gráfico 14 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos leite e derivados.....	105
Gráfico 15 - Valor monetário (R\$) mensal estimado de gorduras e açúcares	106
Gráfico 16 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos carnes e ovos.	107
Gráfico 17 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como processados e outros.....	108
Gráfico 18 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como lenha e gás	109
Gráfico 19 - Total do valor econômico monetário (R\$) mensal estimado dos produtos produzidos em relação aos adquiridos em mercado nas UPAF.....	110
Gráfico 20 - Adubação orgânica e química (%) realizada nas UPAFs para a produção de autossustento	114
Gráfico 21 - Dados gerais (%) da maneira que as UPAFs adquirem sementes e mudas.....	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diversidade de atividades agrícolas na UPAF J	61
Figura 2 - Bovinos de leite da raça Jersey na UPAF B.....	62
Figura 3 - Ordenha mecanizada de bovinos de leite na UPAF B	62
Figura 4 - Produção de aves para o autossustento na UPAF E.....	63
Figura 5 - Algumas verduras e legumes produzidos nas UPAFs para o autossustento	84
Figura 6 - Algumas frutas produzidas nas UPAFs para o autossustento	85
Figura 7 - Alguns alimentos farináceos produzidos nas UPAFs	85
Figura 8 - Alguns produtos processados produzidos nas UPAFs	86
Figura 9 - Divisão sexual do trabalho nas tarefas para a produção do autossustento.....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados da estrutura fundiária de Barra do Rio Azul-RS	44
Tabela 2 - Formas de utilização da terra nas UPAFs.....	78
Tabela 3 - Atividades pecuárias desenvolvidas nas UPAFs	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produtos, energia e instrumentos agrícolas utilizados no início da colonização	53
Quadro 2 - Máquinas e implementos agrícolas utilizados nas UPAFs.....	82
Quadro 3 - Equipamentos agrícolas utilizados para a produção do autossustento nas UPAFs.....	82
Quadro 4 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF A.....	87
Quadro 5 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF B.....	88
Quadro 6 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF C.....	90
Quadro 7 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF D.....	92
Quadro 8 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF E.....	94
Quadro 9 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF F.....	95
Quadro 10 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF G.....	96
Quadro 11 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF H.....	98
Quadro 12 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF I.....	99
Quadro 13 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF J.....	100

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do município Barra do Rio Azul	41
Mapa 2 - Imagem de satélite do município de Barra do Rio Azul-RS	59

LISTA DE SIGLAS

COTREL	Cooperativa Tritícola Erechim
EMATER	Empreendimento de Assistência Técnica e Extensão Rural
FEE	Fundação de Economia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UPAF	Unidade de Produção Agrícola Familiar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OBJETIVOS.....	20
1.1.1 Objetivos específicos.....	20
1.1.2 Objetivos específicos.....	20
1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	20
2 METODOLOGIA	22
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	22
2.1.1 Pesquisa qualitativa.....	22
2.1.2 Estudo de caso.....	22
2.2 TÉCNICAS DE PESQUISA	23
2.2.1 Pesquisa participativa	23
2.3 ETAPAS DA PESQUISA	24
2.3.1 Matrizes teóricas-conceituais.....	24
2.3.2 Trabalho de campo.....	25
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONTEXTULIZANDO AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO PARA AUTOSSUSTENTO	27
3.1 AGRICULTURA FAMILIAR	27
3.2 PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOSSUSTENTO E AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE	30
3.3 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	32
3.4 CAMPO, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.....	35
4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	40
4.1 BARRA DO RIO AZUL- RS.....	40
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO MUNICÍPIO	50
4.3 AUTOSSUSTENTO EM BARRA DO RIO AZUL	56
5 ESTUDO DE CASO	59
5.1 DESCRIÇÕES GERAL DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIARES ESTUDADAS - COMPREENDENDO O LUGAR DO AUTOSSUSTENTO NA DINÂMICA DE TRABALHO E NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS.....	64
5.1.1Análise das características das UPAFs.....	76

6 AUTOSSUSTENTO COMO ESTRATÉGIA DE EQUILIBRIO ECONÔMICO INTERNO NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO	83
6.1 DESCRIÇÕES E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO AUTOSSUSTENTO.....	102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
8 REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE I: Roteiro de entrevistas	124
APÊNDICE II: Lista dos preços dos produtos em supermercados, pesquisados no mês de março de 2016.....	130

1 INTRODUÇÃO

A produção de alimentos para o autossustento¹ na agricultura familiar é indispensável para a alimentação diária e podem ser cultivadas em pequenas áreas de terra. O autossustento, não é somente considerado um processo produtivo, onde são obtidos produtos necessários para a alimentação da família. Mas sim, um processo que faz parte da produção e reprodução social da identidade familiar. Gera relativa independência econômica e social, em função, principalmente da diversidade de alimentos produzidos e pela presença de reciprocidade social com os vizinhos, por meio da troca de produtos, insumos e conhecimentos (GAZOLLA, 2004).

Perante o interesse de compreender a produção e o consumo de produtos de autossustento na agricultura familiar e em função dessa identidade fazer parte da realidade da autora, este trabalho tem por tema a produção e alimentação, dirigido pelo olhar geográfico, propondo realizar uma análise da produção agrícola interna para o autoconsumo na alimentação de famílias agricultoras situadas no município de Barra do Rio Azul, Norte do Rio Grande do Sul. Neste trabalho serão priorizados os alimentos produzidos “pro-gasto”, mas que também podem ter seu excedente comercializado. Constituem estes alimentos, os que são utilizados na alimentação da unidade familiar conforme suas necessidades, os de transformação caseira, os de origem animal e os vegetais produzidos em hortas ou pequenos espaços de terra mais conhecidos por “miudezas”.

É necessário destacar que a referida pesquisa para a coleta de dados, seguirá as definições propostas na lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, a qual em seu artigo 3º considera como agricultor familiar aquela que,² segundo dados do Escritório Municipal da EMATER um módulo rural do município estudado corresponde a 20 hectares de área de terra. No entanto, muito além de delimitar uma quantidade de terra e outros requisitos, deve-

¹ Ao longo do trabalho, quando for utilizada a expressão “autossustento”, “autoconsumo”, “produção pro-gasto”, “produção doméstica”, estar-se-á fazendo menção para a “produção de alimentos para autossustento”, isto, é para o consumo interno pelos membros de uma família agricultora.

² “I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família”.(Lei 11.326, BRASIL, 2006)

se ressaltar que pode haver diferenciações de acordo com cada unidade familiar no contexto histórico/social e espacial.

Para identificar o processo de produção e consumo de alimentos é importante entender como as famílias conservam as tradições que são herdadas de geração a geração, um patrimônio cultural, o qual é considerado “uma herança do passado [...] que identifica sujeitos e grupos sociais, ritualiza-os e/ou materializa-os através de grupos étnicos” (TEDESCO, 2010, p.139).

Assim, para compreender como é conservada a tradição de produção e consumo de alimentos “pro-gasto” na unidade familiar, no município de Barra do Rio Azul, é necessário abordar aspectos culturais inerentes as famílias agricultoras descendentes de italianos, considerando seus costumes e as formas de trabalho. Ressaltando, especialmente, o histórico de organização e transformação social e econômica sofrido pelos colonos migrantes e em seguida pelos seus descendentes nos espaços rurais do município estudado.

Para abordar o tema do autossustento na agricultura familiar segue-se uma perspectiva teórica chayanoviana, que baseia-se na microeconomia. Onde destaca-se a importância da produção doméstica de alimentos para a reprodução social dos sujeitos envolvidos. Destacando-se que a unidade de produção familiar assim como abordado por Chayanov, é uma totalidade indivisível, em que a produção para o autossustento relaciona-se com a dinâmica social e produtiva da unidade familiar como um todo, incluindo a dinâmica econômica externa. Nesse sentido, a pesquisa também explora a dimensão do equilíbrio interno da família ao ponderar a função/participação do autossustento em relação às atividades econômicas internas monetarizadas.

Este trabalho foi motivado pela relação que existe entre as informações que estão sendo supracitadas com a trajetória de vida profissional da autora, que é agricultora. O município do estudo é também o de origem da autora, caracterizado pela presença de agricultura familiar e constituído basicamente por população residente em pequenos estabelecimentos rurais.

A realização deste estudo considerou-se de fundamental importância, pois identificou e analisou os alimentos produzidos pelas famílias no interior de suas unidades e avaliou de que maneira os alimentos são produzidos e qual é seu impacto econômico nas unidades familiares. Por meio do estudo pretende-se contribuir com as famílias analisadas,

demonstrando o quanto os alimentos produzidos em suas hortas e outros espaços na unidade familiar influenciam em sua reprodução social e econômica.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a produção e o consumo de alimentos de autossustento em unidades de produção familiares e como esta prática expressa uma territorialidade que permite a reprodução social e econômica das famílias agricultoras da linha caçador e Paloma do município de Barra do Rio Azul, Rio Grande do Sul, Brasil.

1.1.2 Objetivos específicos

Visa-se com este estudo, por meio de pesquisa participativa com famílias pertencentes à agricultura:

- Identificar a diversidade e a quantidade de alimentos produzidos para o autoconsumo nas unidades produtivas familiares;

- Observar quais são as técnicas utilizadas e as relações sociais presentes na produção doméstica de alimentos;

- Verificar como se sucede a divisão do trabalho para o autossustento nas unidades de produção familiares;

- Estimar o grau de importância monetária dos alimentos produzidos para o autossustento.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O texto aqui apresentado está organizado em uma parte introdutória, no capítulo 1, onde consta o tema proposto, o objetivo geral e específicos que norteiam este trabalho, além da importância desempenhada pela realização deste estudo e juntamente com sua justificativa.

A metodologia está representada no capítulo 2, descrita em revisão bibliográfica, estudo de caso, trabalho de campo, pesquisa participativa, pesquisa qualitativa, e dados secundários. É necessário ressaltar que definir a metodologia é um passo fundamental em

qualquer pesquisa, pois é a partir dela que se produz uma base para obter as informações necessárias e desenvolver a organização do trabalho.

O capítulo 3 compreende a fundamentação teórica, onde se destacam os conceitos de agricultura familiar, produção de alimentos para autossustento e as relações de reciprocidade, divisão sexual do trabalho, campo, território e territorialidade, com intenção de suprir a necessidade de esclarecer, dialogar e buscar referências em autores que já realizaram pesquisas com assuntos semelhantes a proposta do trabalho.

O recorte espacial de estudo é apresentado no capítulo 4, momento onde expo-se as características do município estudado, o contexto histórico da migração italiana e uma breve contextualização sobre a produção do autossustento no município estudado.

No capítulo 5, é apresentado os dados primários coletados no estudo de caso da caracterização das unidades de produção estudadas.

A descrição, os resultados e as discussões são apresentados no capítulo 6, onde foram analisados os dados coletados para a análise do valor monetário dos produtos e a forma que os mesmos eram produzidos para se chegar ao resultado das hipóteses .

Por fim, no capítulo 7, se encontram as considerações finais obtidas de posse dos resultados da pesquisa.

2 METODOLOGIA

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

2.1.1 Pesquisa qualitativa

O trabalho a ser realizado envolve pesquisa qualitativa para compreender como se realiza a produção de alimentos “pro-gasto” nas unidades de produção familiar.

O método qualitativo permite “[...] identificar as motivações que levam os sujeitos sociais ao exercício de suas práticas espaciais, sendo importante a fundamentação de elementos que sustentam a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social”. (BAUER; GASKELL, 2002 apud, SOUZA JUNIOR, 2009, p. 30). Assim, possibilita os métodos necessários à investigação e a compreensão dos comentários que os atores sociais possuem e permite maior aproximação com a realidade a ser analisada.

2.1.2 Estudo de caso

Esta pesquisa fundamenta-se em estudo de caso realizado a campo por meio de pesquisa participativa para analisar a produção de alimentos para autossustento nas unidades de produção familiares. O método de estudo de caso serve como direção para desenvolver-se a metodologia, com a finalidade de se obter novas informações e descobertas. Geralmente a pesquisa do estudo de caso serve de estrutura básica para todo o trabalho.

O estudo de caso tem como característica o “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo”. (GIL, 1987, p. 78). Fachin (2006) corrobora, salientando que no estudo de caso deve-se levar em conta, principalmente, a compreensão do assunto investigado, em que todos os aspectos do caso serão investigados. A mesma autora destaca também que quando o estudo de caso é intensivo, pode até surgir relações que, de outra maneira não seriam descobertas.

Os estudos de caso além de serem importantes, podem ser auxiliados com formulários ou entrevistas semi-dirigidas no qual sua função principal de acordo com Fachin (2006, p. 45)

[...] é a explicação sistemática das coisas (fatos) que ocorrem no contexto social e que geralmente se relacionam com uma multiplicidade de variáveis. Quando assim ocorre, os dados devem ser representados sob a forma de tabelas, quadros, gráficos estatísticos e por meio de uma análise descritiva que os caracterizam.

2.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

2.2.1 Pesquisa Participativa

A pesquisa participativa foi realizada a partir de questionário semi-dirigido (apêndice I) aos participantes da pesquisa, para melhor compreender a produção e consumo de alimentos para autossustento nas unidades de produção familiares.

Elaborou-se um roteiro de entrevistas semi-dirigido e aplicado em 8 famílias que se enquadram na agricultura familiar e 2 famílias que contenham entorno 100 hectares de terra e não fazem parte dos critérios da agricultura familiar do município de Barra do Rio Azul- RS, com diferentes estruturas demográficas e tamanhos de propriedades, com o intuito de conhecer a realidade na produção e consumo de alimentos para autossustento. Em virtude da pesquisa demandar certa relação de confiança entre pesquisadora e pesquisados, houve necessidade de levantar informações particulares, as famílias que participaram das entrevistadas fazem parte do círculo de amizade da autora.

Para a obtenção dos dados, foi muito relevante, a realização da pesquisa a campo, a fim de coletar dados com diferentes famílias do interior do município. Os critérios de escolha das famílias foram definidos seis grupos, considerando suas diferenças internas da seguinte forma: 1) duas famílias com presença de aposentados; 2) uma família em que os filhos optaram em trabalhar com os pais na agricultura; 3) os pais da autora por serem agricultores e fazerem parte da trajetória da vida da mesma; 4) duas famílias em que a propriedade contenha em torno de 100 hectares de área de terra as quais trabalham com diversas atividades agropecuárias e não fazem parte dos critérios da agricultura familiar; 5) três famílias que fazem parte da agricultura familiar com produções diversificadas; e 6) por fim, procedemos com a coleta de dados da propriedade da autora.

A divisão dos seis grupos se deu para contemplar a pesquisa da produção e consumo no autossustento na agricultura, para entender como o mesmo repercutia em unidades familiares com diferentes estruturas demográficas, sociais e fundiárias desde os pequenos proprietários até os mais capitalistas. E também para compreender se a partir da pluriatividade desenvolvidas nas propriedades ainda existe o costume da produção de alimentos para o autossustento.

Os dados foram coletados durante o mês de dezembro de 2015 e Janeiro e fevereiro de 2016, juntamente com as 10 famílias através de pesquisa participativa com entrevistas semi-estruturadas, na qual continha dados de identificação, questões abertas e fechadas, e um

levantamento dos alimentares que eram apresentados às famílias e estes identificavam a presença e consumo na unidade de produção.

Para preservar a identidade dos entrevistados, todas as famílias foram identificadas com uma sigla de A a J, em ordem alfabética sequencial. Também em relação as famílias os integrantes foram identificados pela idade e pelas siglas alfabéticas em seus depoimentos e também os jovens de sexo feminino foram identificados como “a jovem” e o jovem de sexo masculino foi identificado como “o jovem”.

A pesquisa participativa neste trabalho compreende-se como uma pesquisa que propõem a perfaz participação da população a ser pesquisada no processo de geração de conhecimentos que é considerado um procedimento formativo (GONSALVES, 2007).

Cada entrevista teve duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos e, em todas houve a participação do casal. Nas famílias em que existem filhos residindo com os pais, os mesmos também contribuíram com a entrevista. Sendo proveitoso, pois todos os participantes buscaram interagir e fornecer informações condizentes com a realidade da unidade de produção familiar.

Durante o trabalho a campo a as famílias, foram coletados dados através da entrevista, e observado as atividades que realizam na propriedade, realizado registros fotográficos dos alimentos produzidos para o autoconsumo e das instalações e técnicas agrícolas utilizadas na dinâmica produtiva. Durante as visitas em hortas, pomares e aos espaços utilizados para o plantio de produtos para o consumo e comercialização foi possível confirmar as respostas dos questionamentos e coletar mais informações espontâneas. Pois, os entrevistados sentiam-se mais a vontade em conversas informais do que diante ao questionamento.

2.3 ETAPAS DA PESQUISA

2.3.1 Matrizes teórico-conceituais

Com finalidade de conceder base teórica aos objetivos propostos, a revisão bibliográfica foi realizada por meio de leitura de artigos científicos, monografias, livros, dissertações e documentos eletrônicos de caráter público e de fonte confiável, que proporcionou construir entendimento sobre os conceitos de agricultura familiar, produção de alimentos para autossustento e as relações de reciprocidade, divisão sexual do trabalho, campo, território e territorialidade.

Para reforçar o trabalho Gil (1994 apud GONSALVES, 2007, p. 39) destaca “[...] a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre um determinado assunto”. Para tanto a pesquisa bibliográfica é entendida como um conjunto de informações reunidas em várias obras, em que sua finalidade é conduzir o leitor a pesquisa de determinado certo assunto, mediando saber, a mesma se fundamenta em muitos procedimentos metodológicos desde a leitura até como selecionar a base para a pesquisa (FACHIN, 2006).

De acordo com Moura (1998 apud GONSALVES, 2007 p. 54) o mesmo ressalta que

A revisão da literatura é uma sistemática no sentido de mapear o que se tem pesquisado na área. Não é uma fase discreta, independente da pesquisa. A integração do material levantado deve permitir uma análise do que se tem denominado ‘o estado da questão’ sobre um determinado tema ou problema de pesquisa, revelando lacunas que justificam o estudo que se pretende fazer.

Neste contexto é importante destacar que é necessário estar sempre atento aos dados que são construídos, pois a partir destes podem surgir novas categorias teóricas (GONSALVES, 2007).

2.3.2 Trabalho de campo

Esta pesquisa foi realizada a campo no município de Barra do Rio Azul- RS, mais especificamente nas linhas Paloma e Caçador. O estudo de campo se caracteriza por uma pesquisa participativa a qual se detém na observação de um fato social (problema), que inicialmente passa a ser examinado e na sequência encaminhado para explicações, através dos métodos e das técnicas específicas (FACHIN, 2006). O estudo a campo frequentemente é empregado para investigações que buscam avaliar a eficácia de um conjunto de processo em que irá ajudar a sociedade. “busca controlar a influência de obstáculos no meio social, os quais poderiam interferir na relação entre as variáveis independentes e as dependentes. [...] E também se apoia em métodos, técnicas, instrumentos e outros procedimentos [...] (FACHIN, 2006, p. 144).

Também foram coletados dados secundários, fazendo-se a consulta de dados estatísticos do município a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE), coletando dados relacionados à demografia, produção agropecuária, estrutura fundiária e dinâmica econômica do município de Barra do Rio Azul.

Por fim, foi realizado análise dos dados coletados, seja por meio do questionário, fotografia e entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO PARA AUTOSSUSTENTO

Para a realização da fundamentação teórica deste trabalho revisou-se diversas revisões bibliográficas, dentre elas dissertações, artigos, monografias, materiais de cunho acadêmico e científico e livros, com o intuito de proporcionar conhecimento acerca dos assuntos abordados e para enriquecimento no trabalho através das ideias estruturadas pelos autores.

Para suprir a fundamentação teórica destacou-se as seguintes concepções: agricultura familiar; produção de alimentos para autossustento e as relações de reciprocidade; divisão sexual do trabalho; e campo, território e territorialidade; trazendo assim para o corpo do trabalho as pesquisas já desenvolvidas ao tema produção de alimentos para o autossustento na agricultura familiar.

3.1 AGRICULTURA FAMILIAR

O termo agricultura familiar é utilizado para definir um grupo familiar que desenvolve atividade agrícola assumindo todos os trabalhos próprios ao processo de produção. Associa a família ao trabalho e a produção ao mesmo tempo em que molda a forma de agir social e econômica de um grupo (WANDERLEY, 1999).

O conceito de agricultura familiar com base na autora Wanderley (1999), é descrita como aquela em que a família é proprietária dos meios de produção e ao mesmo tempo também assume o trabalho no estabelecimento produtivo.

Nesse sentido, a unidade da agricultura familiar caracteriza-se pela forma de organização para a produção de alimentos, na qual os próprios elementos da família administram e efetivam o processo de produção. A partir dessa reflexão, Wanderley (1999) destaca que:

[...] da centralidade da família, como portadora do esforço do trabalho e detentora da propriedade tanto, quanto definidora das necessidades de consumo, decorre a importância que assume a evolução de sua composição, como um elemento chave do próprio processo de transformação interna da unidade família/estabelecimento. (WANDERLEY, 1999, p. 27).

Em geral, essa atividade adapta-se a produção de várias culturas, como a criação de animais e o beneficiamento de produtos, tanto para o consumo da família quanto para a comercialização. Os agricultores familiares são um grupo que possui em comum a relação com o campo, por meio da atividade agrícola, onde aproveitam os recursos naturais da propriedade e a força de trabalho da família. Neste contexto “[...] a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e espaço, uma grande diversidade de formas sociais”. (WANDERLEY, 1999, p. 23).

A agricultura familiar contribui expressivamente na produção de alimentos, na geração de renda e no desenvolvimento de todas as regiões do país, sendo que a mesma é responsável por grande parte dos alimentos produzidos no Brasil e apresenta produção variada.

Segundo dados do Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar (2015) “a agricultura familiar está crescendo e hoje é responsável por 70% dos alimentos consumidos internamente no país”. (p. 15). Ou seja, a contribuição da agricultura familiar é considerada significativa em termos de produção de alimentos de diferentes espécies para a subsistência e também para a comercialização. Os agricultores familiares que ocupam pequenas áreas de terra em geral preservam a produção e o consumo dos alimentos tradicionais. São os agricultores que administram a sua propriedade, dando destaque na diversificação e utilizando o trabalho familiar.

Minetto (2011) apoiada em Chayanov (1974), destaca que a propriedade camponesa³ é a segurança de reprodução familiar, considerada ao mesmo tempo, unidade de consumo e produção, cujo principal desígnio é o bem estar da família, em que o mesmo estabelece a extensão e dimensão de trabalho.

Chayanov em sua obra “La Organización de la Unidad Económica Campesina” de 1974, tenta mostrar a identidade da produção camponesa, como uma forma em andamento de reprodução, em que esta reprodução está concentrada entre o trabalho e o consumo de um grupo familiar. Neste sentido o trabalho camponês procura satisfazer as necessidades da

³ Sabe-se que existe uma diferença entre o termo agricultura familiar e camponês, pois, neste TCC não será debatido a cerca da diferenciação. Neste trabalho optei pelo conceito de agricultura familiar por o município estudado ser basicamente formado de propriedades com características da agricultura familiar. A agricultura familiar por sua vez se funda sobre a relação entre propriedade, trabalho e família.

família, em que a unidade familiar camponesa não objetiva o lucro, todavia suprir as necessidades da família.

Woortmann (2014) considera que a economia camponesa também é produtora, principalmente, de valores de uso, num modelo simples na circulação de mercadorias. Ou seja, “aquilo que é vendido no mercado é o excedente o consumo familiar (e é em medida transformado em outros bens de consumo não produzidos na propriedade camponesa)” (WOORTMANN, 2014, p. 237).

Gazzolla (2004) cita Chayanov (1974), destacando que a unidade de produção familiar é formada pelo número de membros que compõe a família e que estão em totais condições de trabalho. A unidade de consumo é formada pelos membros de composição da família que se encontra em condições de trabalho bem como os que não estão em condições de trabalho ou não a alcançaram. Para o autor as crianças menores de 14 anos e os velhos e enfermos pessoas incapacitadas para o trabalho produtivo são entendidas somente como consumidoras. Conforme Chayanov (1974, p. 81) “El volumen de la actividad de la familia depende totalmente del número de consumidores y de ninguna manera del número de trabajadores”.

Desse modo conforme Gazzolla (2004) o camponês busca um equilíbrio ótimo entre o trabalho familiar e o consumo. Para tanto o camponês organiza seu trabalho conforme as condições materiais internas (tamanho do estabelecimento, topografia, fertilidade da terra, proximidade com os mercados etc.) e sua estrutura familiar, isto é, o seu tamanho e a composição interna por idade e sexo “ao longo do ciclo biológico e de existência da mesma, de maneira a obter o melhor ponto de equilíbrio entre o consumo e o trabalho do grupo doméstico”. (GAZOLLA, 2004, p. 66)

Ainda dentro deste contexto Chayanov (1974, p. 84), mencionou que,

La producción del trabajador en la explotación doméstica se detendrá en este punto de natural equilibrio porque cualquier otro aumento en el desgaste de fuerza de trabajo resultará subjetivamente desventajoso. Cualquier unidad doméstica de explotación agraria tiene así un límite natural para su producción, el cual está determinado por las proporciones entre la intensidad del trabajo anual de la familia y el grado de satisfacción de sus necesidades. (CHAYANOV, 1974, p. 85)

Segundo Gazzolla (2004), para Chayanov quanto maior for à exploração da força de trabalho familiar isto faz com que ocorra um aumento das fadigas de trabalho, assim, o bem

estar familiar evidentemente diminui a cada vez que ocorrer um novo avanço no trabalho. Neste contexto formulou o autor, “Cuanto mayor es la cantidad de trabajo realizada por un hombre em um período definido de tempo, mayores fatigas representan para el hombre las últimas (marginales) unidades de fuerza de trabajo consumidas.”(CHAYANOV, 1974, p. 84).Ou seja, na lógica Chayanovana isto deriva da busca do equilíbrio interno entre a satisfação das necessidades e a penosidade do trabalho.

3.2 PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOSSUSTENTO E AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE.

Os alimentos produzidos na agricultura familiar, que são para consumo são as chamadas “miudezas” ou “pro gasto” no jargão popular dos agricultores. Alguns desses produtos são a moranga, as batatas doce e inglesa, a cebola, a alface, os temperos verdes, tomate, alho, mandioca, entre outros. São alimentos perecíveis, de origem vegetal, que geralmente são produzidos em hortas, sem a utilização de agrotóxicos, favorecendo assim, o hábito de alimentação saudável. Por meio dos alimentos de origem vegetal são obtidos os alimentos transformados como geleias, conservas, açúcar mascavo e outros. Além dos alimentos de origem vegetal, existem os de origem animal, que são ovos, leite, carnes e seus derivados.

Gazolla (2004) na sua concepção define o autossustento como a produção animal, vegetal e os transformados caseiros que são utilizados para a alimentação conforme necessidades das famílias agricultoras. Outro princípio da produção doméstica refere-se aos hábitos de consumo do local este princípio pode ser compreendido com uma alimentação que a família gosta de consumir diariamente em suas refeições. Dessas acepções Gazolla e Schneider, (2007) coadunam-se com as reflexões de Chayanov (1974) em que,

sem se desfazer da sua “cultura” alimentar, do seu corpo do saber relacionado ao consumo, preparo e aos hábitos alimentares que foram herdados dos seus ascendentes. Este aspecto é importante de ser compreendido, já que as unidades familiares que possuem o seu autoconsumo não vulnerabilizado, não necessitam suprir as suas necessidades por meio de alimentos “estranhos”, como no caso da compra de produtos industrializados. Neste sentido, a não vulnerabilização do autoconsumo gera a conservação dos hábitos alimentares os quais, por sua vez, estão ligados à manutenção da bagagem cultural histórica das gerações ascendentes de agricultores do território (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007, p. 116).

A agricultura familiar além de produzir para o comércio, produz para seu autossustento, visando uma melhor alimentação e menores despesas monetárias com a compra de alimentos. Para tanto, este princípio de soberania alimentar de acordo com Gazolla e Schneider (2007, p. 114) referiram-se a Chayanov (1974), em que o mesmo afirma “está relacionado ao acesso aos alimentos, já que aqueles agricultores que possuem o autoconsumo não vulnerabilizado nas suas unidades de produção precisarão comprar os alimentos necessários para atingir o balanço ótimo [...]”. Produzindo os próprios alimentos na unidade de produção, as famílias rurais não dependem da compra, predominando, assim, uma maneira em que os agricultores possuem certa autonomia referente ao mercado, uma vez que não precisarão em grande medida efetivar compras de produtos para o autoconsumo familiar (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007).

A produção para autoconsumo é muito diversificada de acordo com as práticas culturais de cada local em que as famílias rurais estão inseridas, buscam-se manter as tradições e hábitos alimentares, expressando assim, a reciprocidade e a preservação de uma identidade peculiar (MINETTO, 2011). Neste contexto, cada território, ao longo de sua história construiu um conjunto de práticas de alimentação que constitui o atual patrimônio cultural, social e econômico. Por meio destas tradições peculiares de cada grupo social, permitem que as pessoas se integrem e se reconheçam como integrantes de um mesmo espaço social (MALUF, MENEZES e MARQUES, 2001). Neste contexto mais especificamente para os descendentes de italianos ocorre a integração pelas trocas de alimentos, sementes, insumos e conhecimentos e se reconheçam pelas práticas produtivas semelhantes e pelos tipos de preparos de alimentos com pessoas de um mesmo local.

Produzir os próprios alimentos para autossustento familiar, conforme Grisa (2007), destaca que os mesmos colaboram para adicionar a autonomia em virtude a constituir-se uma maneira de economização, devido às opções dos alimentos produzidos, por relacionar-se com a identidade social dos agricultores, ou também, devido à vinculação dos mesmos com o desenvolvimento de redes de reciprocidade e a sociabilidade representada pelas trocas de alimentos com vizinhos e a comunidade. Ainda de acordo com Grisa (2007), os agricultores rurais ao produzirem seus próprios alimentos sentem-se valorizados pela importância de manterem-se no campo e aumentam sua autoestima.

A produção doméstica de alimentos é responsável em maior parte pela geração de sociabilidade e de reciprocidade entre os agricultores, realizando as práticas de trocas de produtos como sementes e ramas entre outros ligados a esfera de autossustento e de doação

de alimentos aos vizinhos no seu entorno. De acordo com Gazolla (2004), a troca de serviços, produtos e a ajuda mútua são a base das relações de reciprocidade. Para Sabourim (2006 apud MINETTO, 2011, p. 21).

[...] as estruturas de reciprocidade (ajuda mutua, compartilhamento de recursos) produzem obviamente valores materiais de uso, mas também, valores humanos: a amizade entre os próximos, a responsabilidade entre gerações e perante os recursos naturais, a confiança nos modos de redistribuição, etc.

De acordo com a pesquisa participativa realizada a campo, e sua análise, é perceptível a presença das relações de trocas de sementes e ramas para a produção de alimentos “pro-gasto” nas pequenas propriedades rurais. Para tanto Menasche et al (2008 apud MINETTO, 2011), destacam que grande parte dos agricultores que produzem alimentos para o autossustento adquire uma parte das mudas e sementes necessárias para cultivar em hortas ou pequenos espaços de terra. De acordo com os mesmos autores por meio do processo de guardar as sementes e ramas de um ano para outro e da troca consolidada com os vizinhos, ocorrem práticas de manutenção que permitem o abastecimento dos insumos necessários para o próximo cultivo.

3.3 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Quanto à questão da produção doméstica de alimentos, geralmente está colocada a questão de gênero, pois trata-se de um trabalho quase que exclusivamente realizado pelas mulheres. Se constitui uma divisão do trabalho nas unidades de produção agrícola que influencia diretamente na vida das mulheres agricultoras, pois são responsáveis pelo trabalho não remunerado e, além disso, realizam a maior parte do trabalho considerado diário e invisível economicamente. Nesse contexto “as mulheres estão no espaço reprodutivo cuidando das tarefas que não geram renda direta, efetuando, portanto, um trabalho invisível” (RODRIGUES, 2011 apud MST, 2003, p. 22). A autora complementa “e esse trabalho invisível não aparece na perspectiva de gerar renda monetária, em espécie, apesar de fundamental para o desenvolvimento da economia camponesa” (p. 22).

Nas pequenas propriedades agrícolas de produção familiar, a produção doméstica de alimentos geralmente está atrelada a uma estrutura de poder sustentada no patriarcado. Desta forma Schmitz, Fernandes e Santos (2012) destacam:

[...] o patriarcalismo estruturam as relações de gênero nas famílias [...], esse sistema denomina o homem como chefe da família, sendo ele o administrador dos negócios e da unidade de produção, essa relação se torna mais intensa na agricultura, pelo fato de que, grande parte das mulheres não obtém renda (mensal), pois quem controla a gestão do dinheiro geralmente é o homem. (SCHMITZ; FERNANDES; SANTOS, 2012, p. 3)

Portanto, neste contexto se identifica mais com as famílias de origem italiana, em que os cultivos tradicionais e os trabalhos domésticos são executados pelas mulheres e os homens exercem o trabalho com a produção remunerada e de administrar a propriedade rural, em que o mesmo tem maior valorização social e economia, assim, “a divisão sexual do trabalho se mantém pelo princípio da separação entre o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, sendo que o trabalho de mulher está associado à reprodução, o cuidado com as crianças e a manutenção e cuidado com as outras pessoas” (SILVA et al., 2012 apud SCHMITZ ; SANTOS, 2013, p. 2).

Conforme Pesquisa a campo, nos relatos e na observação é perceptível no processo produtivo, que são as mulheres que planejam a produção doméstica, o entorno da casa, o embelezamento (jardim) e cuidam de todos os afazeres domésticos da casa e da alimentação da família. Dessa forma pode-se compreender com base em Rodriguês (2011) que,

A sociedade de classes impôs tarefas e papéis diferenciados aos homens e mulheres tentando, a todo o momento naturalizar estas diferenças e fazendo-nos acreditar que elas existem como fruto da biologia, ou seja, da essência natural de cada ser, sem levar em conta os momentos históricos e as necessidades materiais do modo de produção capitalista. (RODRIGUÊS, 2011, p. 23)

Para tanto, como já afirmado, os homens se dedicam aos trabalhos fora da casa, e as mulheres as tarefas domésticas. Estas relações que diferenciam trabalhos de homem e mulher são consideradas relações de gênero, em que Gilda Cabral (2003 apud RODRIGUÊS, 2011) escreve.

[...] através desse negócio de gênero (relação de gênero) se consegue explicar muitos comportamentos de homens e mulheres em nossa sociedade e também nos ajuda a entender as dificuldades que as mulheres enfrentam na sua família, na sua

vida sexual, no trabalho e na vida política. As relações de gênero são construídas pela sociedade em que vivemos e variam de país e também no tempo. O que observamos hoje é que estas relações, construídas através das diferenças sexuais das pessoas, limitam muito a ação das mulheres, e a sociedade não reconhece o seu trabalho reprodutivo. (GILDA CABRAL, 2003 apud RODRIGUES, 2011, p. 23)

Neste sentido vale ressaltar que a divisão do trabalho é visível, em que são impostas regras de como devemos nos comportar ou ser diante a sociedade. De acordo com Schmitz, Fernandes e Santos (2012) gênero é construído socialmente e muda de acordo com cada povo, raça, idade, cultura, religião, classes sociais, entre outros “essas relações geram conflitos entre os indivíduos de uma sociedade, de maneira que uns tenham mais oportunidades do que outros, uns exercendo poder sobre os outros, ocasionando imensas desigualdades” (SCHMITZ; FERNANDES; SANTOS, 2012, p. 4).

Gazolla (2004) enfatiza o processo das relações de trabalho familiar, no sentido do método de ensinamento passado de geração a geração, sendo um patrimônio histórico e cultural. Assim, o início do processo de socialização do trabalho na agricultura se dá desde as idades mais tenras acompanhando na lavoura e lida diária os seus pais. “A produção para autoconsumo entre os agricultores envolve a relação de hierarquia, de gênero e da idade do grupo doméstico” (GAZOLLA, 2004, p. 86).

Quanto a hierarquia é o pai quem governa a família e detém o saber, pois é ele quem controla o método produtivo hegemônico, porque é ele quem detém o saber das atividades “economicamente importantes”, sendo neste caso o saber é o poder do comando na unidade de produção familiar. Também o papel da pessoa mais velha é fundamental na família devido a sua experiência de vida para governar o processo produtivo (GAZOLLA, 2004).

Com relação a educação, formação e transmissão de conhecimentos para o filho homem a reponsabilidade é do pai, para avante o filho poder dar continuidade as tarefas agropecuárias da propriedade. Ou seja, “O pai de família é que decide as tarefas a fazer, como, quem as executa e quando um filho dos filhos está apto a ser o ‘novo’ chefe a assumir as responsabilidades sobre a produção” (GAZOLLA, 2004, p. 86).

Segundo Gazolla (2004) com relação a sociabilizar as filhas é de responsabilidade da esposa a mãe de ensinar nos afazeres domésticos da esfera da casa (fazer faxina, lavar, passar, cozinhar) até a produção de alimentos para o autoconsumo.

Para as mulheres cabe o trabalho na esfera da residência, do quintal e das pequenas lavouras e criações destinadas ao autoconsumo. É a mãe que ensina as filhas a se socializarem, por exemplo, no preparo e cozimento dos alimentos, ensinando a não desperdiçarem e a prepararem o alimento de forma que fique gostoso e palatável, pois para os colonos um dos atributos de uma ‘boa esposa’ é aquela que ‘cozinha bem’ (GAZOLLA, 2004, p. 87).

A partir dessas afirmações é possível compreender que as tarefas entre homens e mulheres são divididas e que os homens exercem os trabalhos remunerados como a criação de animais e nas lavouras para comercialização e as mulheres são responsáveis pelos afazeres da casa e da produção para o autossustento da família.

3.4 CAMPO, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Com o objetivo de investigar aspectos relacionados à atual produção de alimentos de autossustento na agricultura familiar é relevante evidenciar alguns conceitos na ciência geográfica, dentre eles o conceito de campo, território e territorialidade, que atualmente tem sido muito pesquisado na Geografia.

Conforme Girardi (2008), o campo para o camponês é visto como um local de produção de vida e não apenas de produção de mercadorias. É onde ocorrem de forma indissociável o desenvolvimento de suas atividades econômicas, políticas e familiares. O campo pode ser visto como a natureza coletiva dos espaços.

Neste contexto, é importante destacarmos que, “ao contrário do camponês, o agronegócio com todas suas modernizações, tem entendido e ‘produzido’ o campo de outra forma, enquanto meramente espaço de produção, espaço de insegurança de vida, aspecto multifatorial” (BERTOTTI, 2014, p. 16).

Segundo Saquet (2006), “apreender o campo em-si-mesmo é compreendê-lo de maneira bastante limitada, por conta das múltiplas relações que se estabelecem na desordem sócio-espacial, rompendo com as barreiras espaciais” (p. 61). Para Saquet (2006), o campo pode ser entendido principalmente a partir da existência do camponês, de seus habitantes, produtores agropecuários.

Diante disso cabe-se destacar a importância do campo como uma monopolização do território pelo capital. De acordo com Oliveira (2010), o capital monopolista desenvolveu liames para controlar por meio de mecanismos de amarração a renda da terra do camponês,

produtores do campo transformando-a em capital. Neste caso o capital não se territorializa, mas monopoliza o território caracterizado pela produção camponesa.

Saquet, Candiotto e Alves (2010), constituindo um grupo de estudos onde o tema é território, destacam que:

O território significa, acima de tudo, movimento histórico e interações socialmente definidas, ou seja, corresponde a uma construção histórica que é, simultaneamente, relacional. Sua produção é social, porém, envolve e é envolvida, ao mesmo tempo, pelos processos naturais que estão no homem e nos demais componentes naturais de nossa vida. O território contém, assim, elementos característicos dos processos sociais e naturais em interações historicamente definidas (SAQUET; CANDIOTTO; ALVES, 2010, p. 55-56).

Neste contexto “os territórios manifestam-se nos lugares, porem a territorialização combina aspectos gerais ligados ao movimento de reprodução da sociedade e da natureza com elementos específicos de cada lugar” (SAQUET; CANDIOTTO; ALVES, 2010, p. 60).

Conforme a realidade do município de Barra do Rio Azul, pode-se descrever que o território é construído e desenvolvido pelas histórias locais carregadas de valores simbólicos. “São estratégias territoriais que grupos sociais, no caso aqui, unidades familiares do meio rural, encontram para reproduzir-se na continuidade de outros processos (históricos, culturais, de saberes, identidades étnicas e espaço-ambientais)” (TEDESCO, 2010, p. 142).

Assim, quanto ao território, conforme Saquet (2006), sua formação se evidencia pela sua identidade pelo seu processo histórico por meio das relações sociais e culturais das pessoas na vida em sociedade e ao ambiente natural. Saquet (2004 apud SAQUET, 2006) descreve território como resultado de ação de territorialização.

Ou seja, o homem, vivendo em sociedade, territorializa-se através de suas atividades cotidianas, seja no campo seja na cidade. Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos, (i) materiais, no trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico. (SAQUET, 2004 apud SAQUET, 2006, p. 62).

A territorialidade se manifesta por pessoas que fazem parte de um mesmo grupo social ou de grupos diferentes em que as territorialidades estão ligadas a cada lugar e são determinadas pelas características geográficas de cada lugar. (Saquet, 2006).

Conforme Saquete e Briskievicz (2009) destacaram que territorialidade pode ser compreendida como

um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana. Isso significa dizer que entendemos a identidade de maneira híbrida, isto é, como processo relacional e histórico, efetivado tanto cultural como econômica e politicamente. A identidade é construída pelas múltiplas relações-territorialidades que estabelecemos todos os dias e isso envolve, necessariamente, as obras materiais e imateriais que produzimos, como os templos, as canções, as crenças, os rituais, os valores, as casas, as ruas etc.(SAQUET; BRISKIVICZ, 2009, p. 8).

Com a expansão do modo capitalista de produção, pode-se considerar de acordo com Saquet (2006), que a produção agropecuária familiar vem se modificando, integrando-se cada vez mais ao método de reprodução expandida pelo capital por meio de processo de circulação de mercadorias.

A partir da monopolização do território, nestes últimos tempos é possível perceber, o aparecimento das inovações a partir da chamada “Revolução verde”, na qual pode ser conceituada como “[...] a difusão de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção [...] a partir da modernização das técnicas utilizadas” (OCTAVIANO, 2010, p. 1).

A agricultura sofreu processos de transformação com a modernização e a Revolução Verde, assim Octaviano (2010) ressalta que “a Revolução Verde [...] é reconhecida por aumentar a concentração fundiária e a dependência de sementes, alterando a cultura dos pequenos proprietários que encontraram dificuldades para se inserir nos novos moldes” (p. 1).

Neste contexto, até mesmo as pequenas propriedades rurais deixaram de lado muitas características de produção. Perdendo-se os costumes da produção diversificada para o autossustento e passaram a produzir com o uso de defensivos agrícolas e adubos químicos, visando apenas, maior produtividade e lucratividade. Assim, os agricultores rurais foram

submetidos à homogeneização de um modelo dominante, o empresário rural (REDIN; SILVEIRA, 2009).

Portanto, com o desenvolvimento da agricultura comercial, o agricultor se torna subordinado ao capitalismo. Por meio do forte processo de transformação de todo o “setor agro-alimentar provoca um redimensionamento da produção agrícola [...] onde a crescente artificialização dos sistemas produtivos permitem expandir a produção dos cultivos agrícolas para diferentes agro-ecossistemas, emancipando cada vez mais a produção agrícola dos limitantes naturais” (REDIN; SILVEIRA, 2009, p. 12).

Na concepção de Gazolla (2004) a definição da mercantilização da agricultura familiar é um processo social em que o mercado se apresenta como campo principal e organizador da reprodução social dos agricultores rurais. Na atualidade a mercantilização em grande parte domina a produção e reprodução da agricultura familiar moderna.

A partir dessa reflexão é possível compreender o quanto a agricultura familiar está submetida à produção para a comercialização, deixando de produzir alimentos saudáveis para o consumo sem o uso de agrotóxicos e fertilizantes, agredindo o meio ambiente.

Assim sendo, é possível perceber que a alimentação da população rural vem se transformando ao longo dos anos. Conforme Grisa (2007) as mudanças técnicas produtivas no meio rural brasileiro tem ocorrido nas ultimas décadas com “a ideologia da modernização agrícola preconizada na Revolução Verde” (p. 15). Na qual a mesma autora escreve que ocorreu a troca dos instrumentos de trabalho manuais e insumos tradicionais pelas inovações mecânicas, biológicas e físico-químicas. Mas, isto não significa que,

Os agricultores tenham abdicado de todos seus hábitos tradicionais ou deixado de praticar atividades integrantes a sua identidade social. Uma destas práticas é a produção destinada ao consumo da mesma. O autoconsumo não é um resquício do passado ou “o que sobrou da tradição”. É uma tradição re-contextualizada que, ao associar-se às condições hordernas, assume papéis e significados diferenciados. (GRISA, 2007, p. 15)

Em função disso é possível evidenciar que a produção doméstica de alimentos vem passando por transformações, mas continua tendo importância para a garantia das condições de reprodução material e cultural na agricultura familiar, evidenciando a autonomia das famílias agricultoras quanto à produção para consumo familiar. De acordo com Grisa (2007,

p. 18) “nos contextos mercantilizados, a manutenção do autoconsumo cumpre um papel fundamental. Funciona como instrumento para garantir autonomia às unidades familiares, isto é, maior controle sobre o processo produtivo e sobre a reprodução social.” Ou seja, uma reprodução autônoma, que busca reproduzir-se internamente com recursos disponíveis no local. Desta forma “ao mesmo tempo em que mantem relações com o mercado, não permite que as relações mercantis, adentrem todas as etapas do processo (re) produtivo, o que deixaria a reprodução social mais vulnerável” (GRISA, 2007, p. 19).

Mesmo diante da expansão do agronegócio capitalista, a pequena produção familiar tem se estabelecido como símbolo de resistência no campo, uma vez que, através produção para autossustento existe uma garantia de alimento para o grupo familiar. A produção para o autoconsumo nas unidades familiares também cumpre a função no equilíbrio econômico interno que é fundamental para as famílias agricultoras. Ou seja, este processo de produção faz com que a unidade de produção não seja tão dependente em relação ao mercado da produção de alimentos para o autossustento, passando a ocorrer uma economização.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1 BARRA DO RIO AZUL- RS

Os dados a seguir foram escritos a partir dos conhecimentos da autora, referências bibliográficas e do site da prefeitura municipal de Barra do Rio Azul,⁴ dados do Instituto Brasileiro de Estatísticas Geográficas (IBGE) e da Fundação de Economia e estatísticas (FEE).

O município de Barra do Rio Azul, está inserido na microrregião geográfica de Erechim, a qual faz parte da mesorregião noroeste rio-grandense, Segundo o IBGE e da Fundação de Economia e Estatística (FEE) (Mapa1).

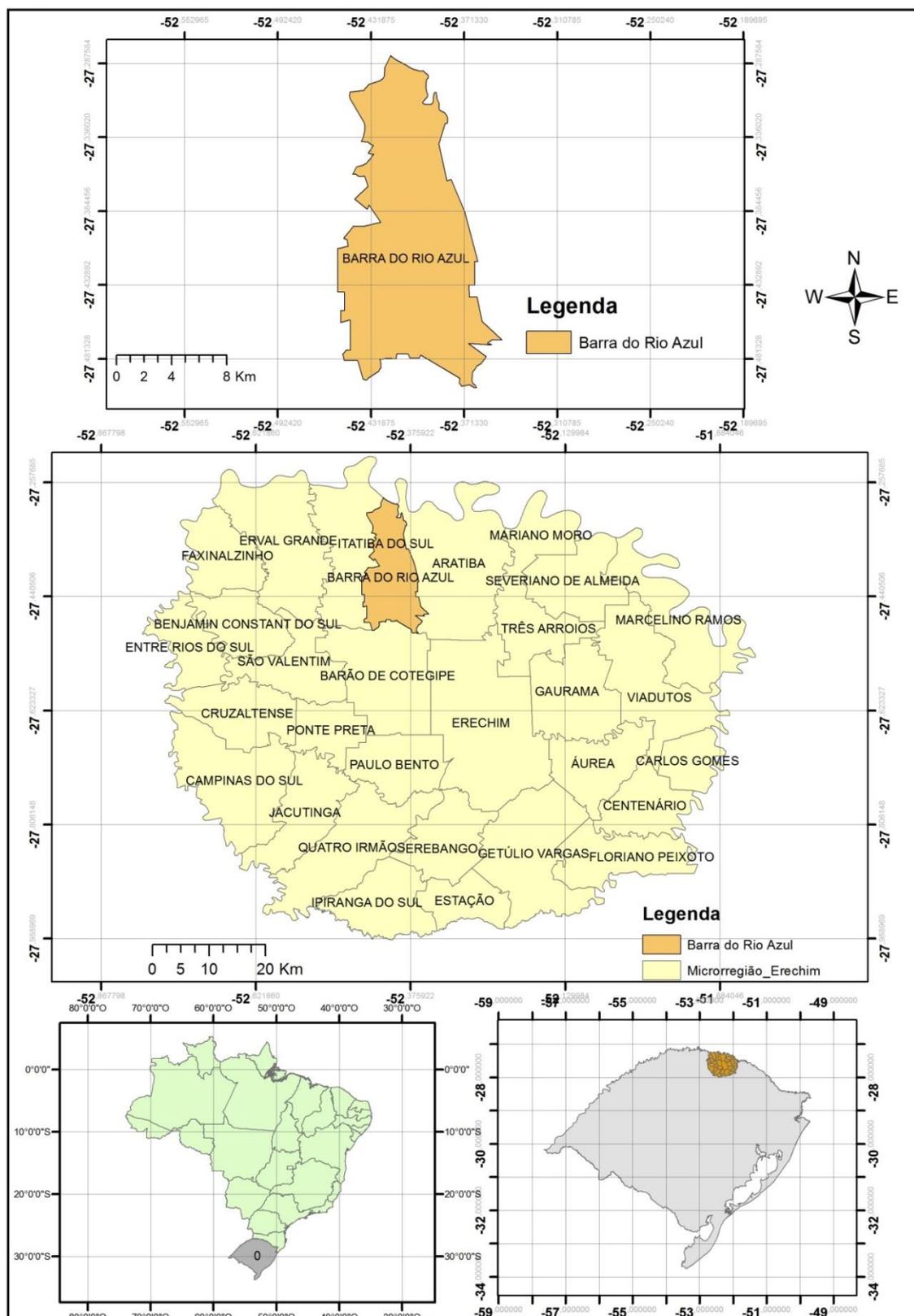
O município de Barra do Rio Azul foi emancipado em 20 de março de 1992, desmembrado do município de Aratiba. No centro da cidade, ocorre o encontro dos rios Paloma e o Rio Azul, o qual dá-se o nome ao município. Barra do Rio Azul faz divisa com os municípios de Itatiba do sul, Aratiba, Barão de Cotegipe e, ao norte, faz divisa fluvial pelas águas do Rio Uruguai com o estado de Santa Catarina.

As características do relevo se apresentam com ondulações e “morros”. Possui vales e nas proximidades dos rios várzeas de solos férteis que propiciam práticas agrícolas para a comercialização tais como milho e soja e pastagens para gado leiteiro e corte. A formação geológica é composta em sua maior parte por rocha basáltica.

Quanto aos aspectos físicos, o clima predominante é o subtropical. Geologicamente, o município está inserido na bacia sedimentar do Paraná, onde predominam rochas ígneas extrusivas. Conforme Ab’ Saber (2003) o norte do estado do Rio Grande do Sul possui uma geologia e topografia com “altiplanos basálticos que decaem para oeste, acompanhando a rampa geral dos planaltos meridionais que se inclinam para os vales do Rio Paranaíba e do médio Uruguai” (p. 104).

⁴ Material disponível em: <http://barradorioazul-rs.com.br/municipio/historia.php#meio>. Acesso em 12 out. 2015.

Mapa 1 - Localização do município Barra do Rio Azul.



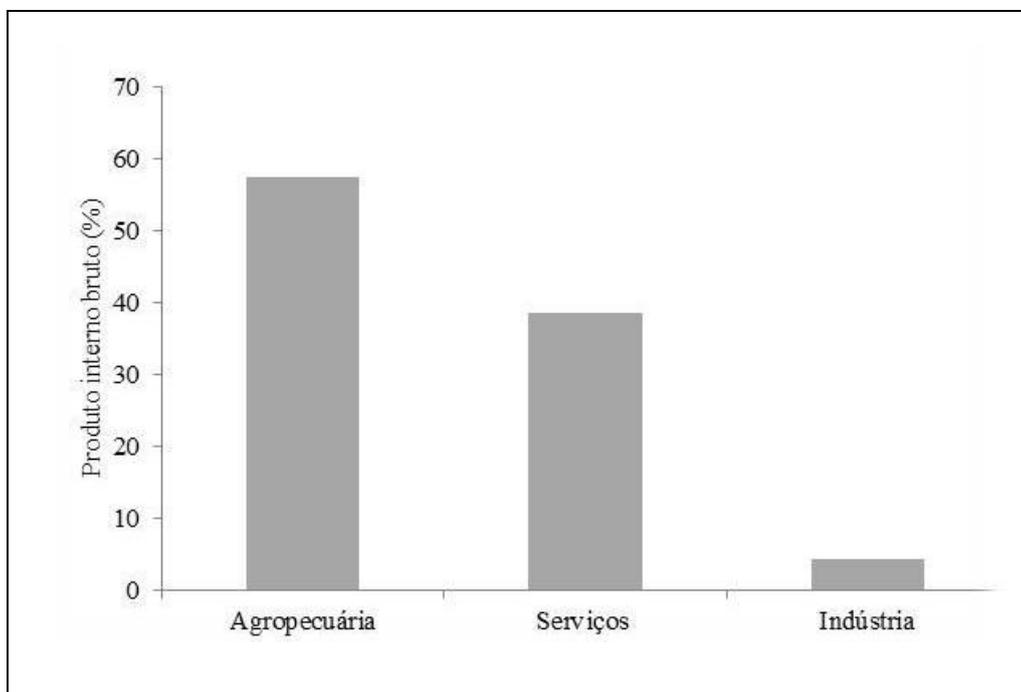
Fonte: Base cartográfica IBGE; Malha Digital Municipal, 2010. Elaborado por Janete Reis e Sandra Zeist (2016), no programa QIGS, Desktop. 2.8.2.

Quanto à vegetação, prevalece, a Floresta Subtropical e a Floresta Ombrófila Mista. Perante a real situação da vegetação do município estudado é possível afirmar a partir das considerações de Piran (1975 *apud* PIRAN, 2001) o qual destaca que:

Atualmente esta vegetação encontra-se quase que totalmente devastada, [...] em decorrência da intensa ocupação humana. Os representantes originais são encontrados sob a forma de pequenas manchas nos vertentes mais íngremes dos vales ou topos de morros, correspondendo normalmente a áreas de difícil exploração. Encontra-se atualmente substituída por uma vegetação arbórea popularmente conhecida por capoeirões ou simplesmente capoeiras, quando seu aspecto é mais definhante. Este desaparecimento da flora originária deve-se a uma ocupação predatória, exaurindo a fertilidade do solo e, conseqüentemente, dificultando a reconstituição da mata é a diminuta extensão das propriedades agrícolas, não havendo possibilidades de deixar algumas reservas florestais originárias (PIRAN, 1975 *apud* PIRAN, 2001, p. 29)

Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE), em 2012 o Produto Interno Bruto PIB total do município estudado, em sua maioria é proveniente da agricultura e pecuária, em que 57,27% são da agropecuária, 38,43% de serviços e 4,3% da indústria (Gráfico 1).

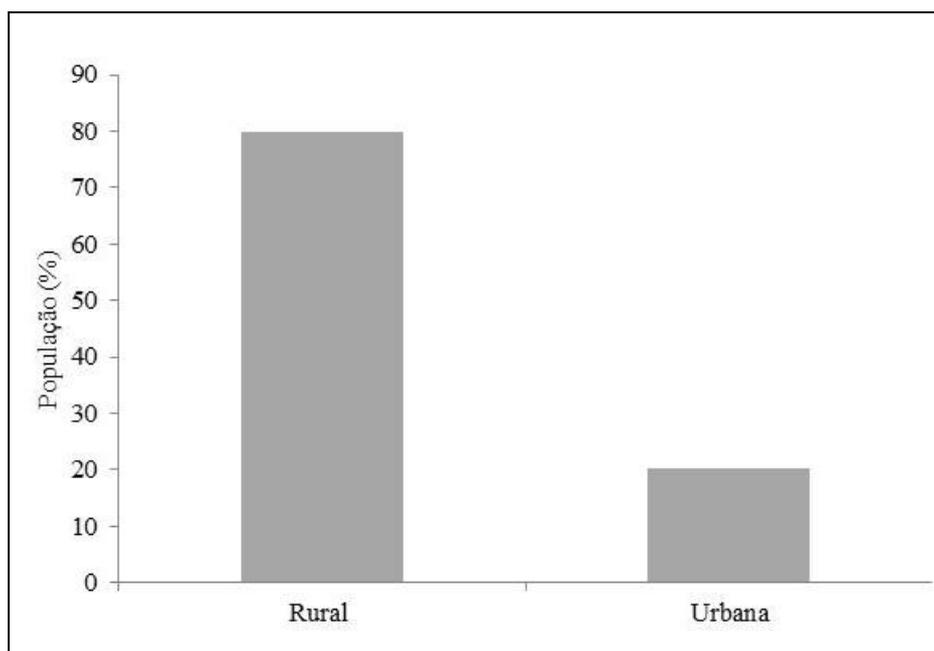
Gráfico 1 - Produto Interno Bruto (PIB) Barra do Rio Azul.



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE), 2012.

Segundo dados do IBGE do censo de 2010, o município já citado contém uma área de 147,139 km². Possui uma população de 2003 habitantes, destes 1600 habitantes são população rural, distribuídas em 468 domicílios nas propriedades rurais, por sua vez a população urbana é composta por 403 habitantes distribuída em 151 domicílios. Conforme Gráfico 2, 79,88% da população reside no espaço rural e 20,12 % da população no espaço urbano. (IBGE, 2010)

Gráfico 1 - População rural e urbana de Barra do Rio Azul.



Fonte: IBGE (2010)

A agricultura e pecuária são fortes pilares no setor econômico do município. Atualmente, conforme informação obtida junto ao Escritório Municipal da EMATER do município, nos estabelecimentos rurais existe uma produção diversificada de, em que as principais atividades agropecuárias do município são as seguintes: suínos, aves, bovinocultura de leite e de corte e atividades com cereais agrícolas. A maior parte das áreas geograficamente agricultáveis é explorada por famílias da agricultura familiar, em que os mesmos realizam as atividades para a comercialização e autossustento no processo de produção e a gestão de seu estabelecimento. A renda é oriunda das atividades agropecuárias.

No município de Barra do Rio Azul, conforme dados do IBGE do Censo Agropecuário (2006) existem 501 estabelecimentos rurais, sendo que 90,18% dos estabelecimentos possuem área de até 50 hectares, demonstrando um quadro significativo de unidades da agricultura familiar. O percentual de 9,82% é de estabelecimentos de 50 até 200

hectares. A Tabela 1 demonstra que o município tem em sua maioria propriedades da agricultura familiar. Assim a agricultura familiar do município pode-se dizer conserva características do camponês na produção do autossustento, mas está inserida as relações de comercialização para o mercado (MINETTO, 2011).

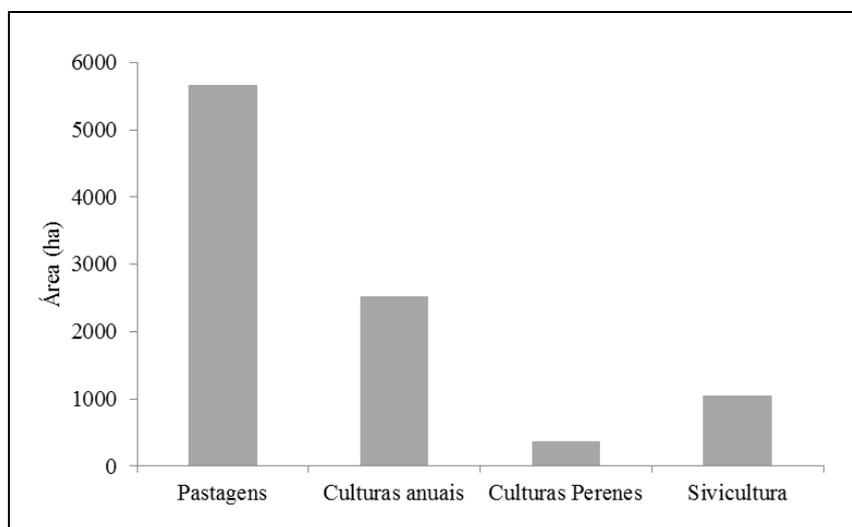
Tabela 1 - Dados da estrutura fundiária de Barra do Rio Azul-RS

Grupo de área (ha)	Nº de estabelecimentos	Área (ha)	Média dos estabelecimentos (ha)
0 até 5	32	66	2,06
5 até 10	36	269	7,47
10 até 20	156	2273	29,86
20 até 50	236	7049	65,32
50 até 100	37	2417	65,32
100 até 200	4	500	125
Total	501	12574	25,09

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

Na sequência a partir de dados coletados no IBGE do Censo Agropecuário (2006) do município, são destacas a produção agrícola e pecuária. No Gráfico 3, é apresentado a área produzida total do espaço rural, em que é respectivamente utilizada para pastagens 5666 hectares, culturas agrícolas anuais 2516, culturas agrícolas perenes 373 e atividade de silvicultura 1043 hectares.

Gráfico 2 - Produção de culturas agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.

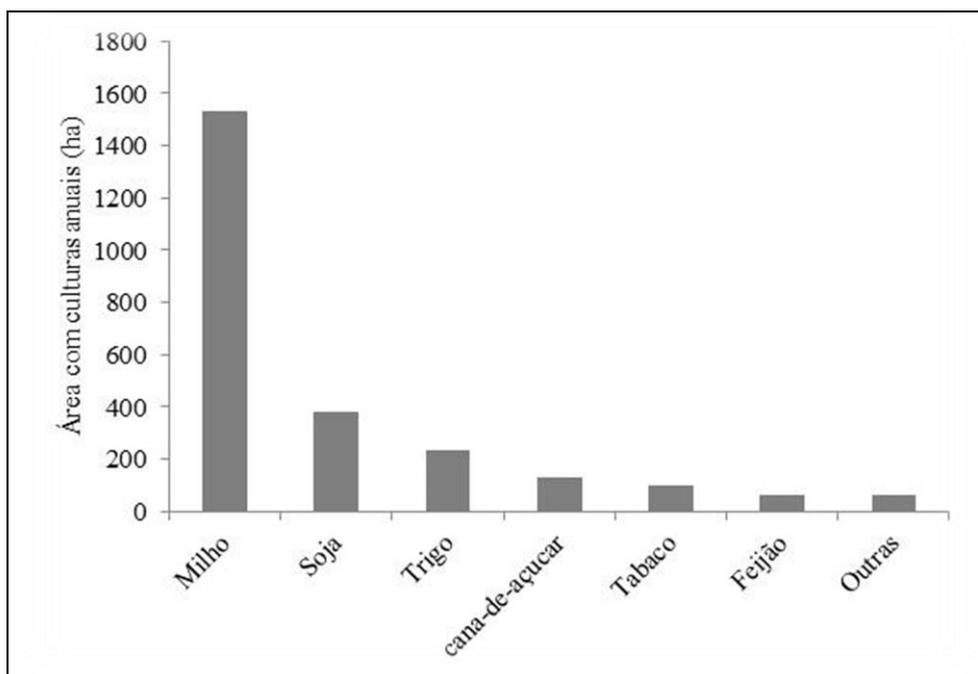


Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

Segundo dados do Censo Agropecuário (2006), dos 2.516 hectares cultivados com culturas anuais, em 1530 hectares são utilizados para cultivo de milho, em 380 para soja, 235 para trigo, 130 para cana-de-açúcar, 99 para tabaco, 62 para feijão e outros 12 hectares são para culturas menos significativas (Gráfico 4).

Em termos de produção agrícola anual a cultura com a maior área cultivada é o milho, em função de que o mesmo é utilizado além de para o “autoconsumo” e comercialização, também como principal base alimentar dos animais nas UPAFs. Culturas como a soja, trigo, cana-de-açúcar, tabaco e feijão são menos expressivas que o milho, em função de que são utilizadas apenas para o “autoconsumo” e comercialização. Por sua vez, segundo dados do Censo Agropecuário (2006) as outras distribuídas em 12 hectares são de mandioca, batata, arroz e outras culturas anuais que não são comercializadas. Mas são produzidas e consideradas importantes para o consumo do grupo familiar.

Gráfico 3 - Produção de culturas agrícolas temporárias de Barra do Rio Azul-RS.



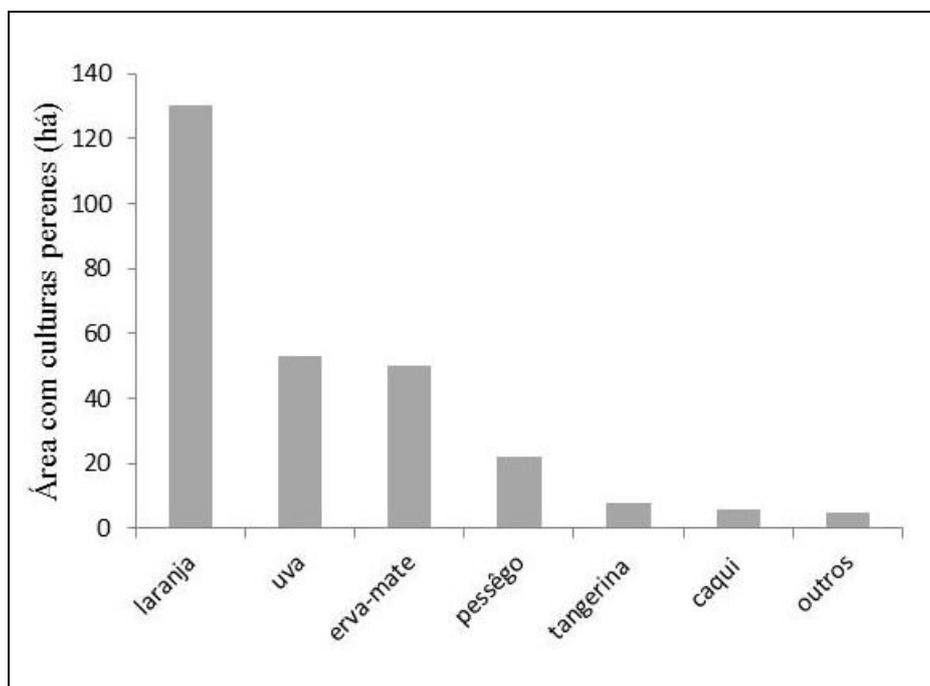
Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

De acordo com dados do IBGE do Censo Agropecuário (2006), no município as lavouras perenes constituem 373 hectares da área total utilizada para cultivo agrícola. As principais culturas perenes cultivadas são laranja 130 hectares, uva 53, erva-mate 50, pêssego 22, tangerina 8, caqui 6, entre outras 5 hectares (Gráfico 5).

As culturas perenes representam as culturas permanentes que não necessitam ser semeadas ou transplantadas anualmente. Com exceção da erva-mate, no município as perenes

de maior evidência são espécies frutíferas, que são utilizadas para o “autoconsumo” e comercialização. As demais culturas (outras), de menor significância, são as culturas destinadas exclusivamente para o autossustento do grupo familiar, essas são figo, banana, mamão, limão, goiaba, abacate, entre outras.

Gráfico 4 - Produção de culturas agrícolas permanentes em Barra do Rio Azul-RS.



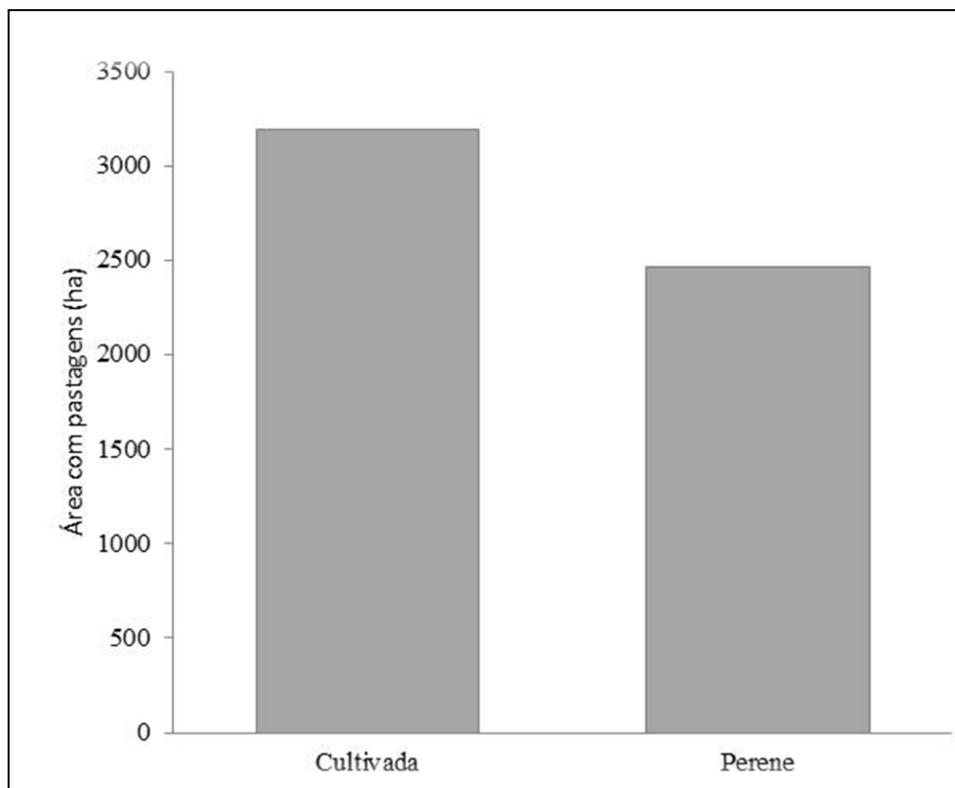
Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

Os dados do IBGE do Censo Agropecuário (2006) demonstram que o município de Barra do Rio Azul apresenta 5.666 hectares destinados a pastagens que são utilizados para a alimentação de bovinos, ovinos, equinos e caprinos. Da área total de pastagens, 2.469 hectares são de pastagens perenes e 3.197 hectares de pastagens cultivadas (Gráfico 6).

Em relação às pastagens cultivadas são as pastagens semeadas, que são de cultivo anual, realizadas no inverno e verão. No inverno os agricultores cultivam especialmente aveia e azevém, enquanto que no verão culturas como aveia de verão, braquiária, milho e outras. As pastagens cultivadas são especialmente destinadas a alimentação de bovinos de leite. As mesmas pastagens são também as que utilizam maior área de terra.

Por sua vez, as pastagens perenes, são as pastagens permanentes, que não necessitam ser semeadas anualmente. Utilizam menor área de terra em relação às cultivadas e são caracterizadas pelos poteiros de grama que é a base da alimentação dos bovinos de corte.

Gráfico 5 - Produção de pastagens agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.



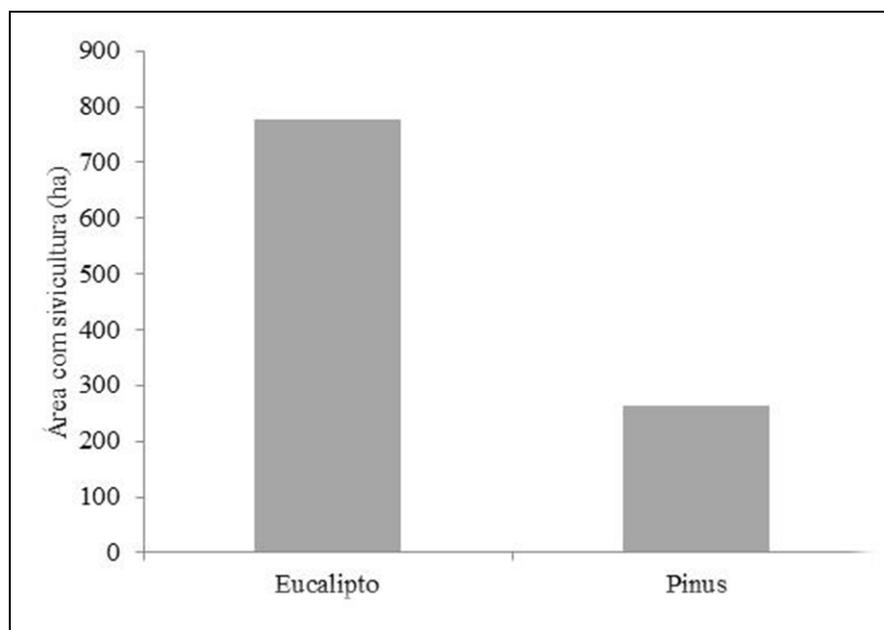
Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

Conforme dados do IBGE do Censo Agropecuário (2006) a silvicultura no município de Barra do Rio Azul utiliza área de 1043 hectares, com plantio de eucaliptos e pinus, em respectivamente 778 e 265 hectares (Gráfico 7). Em função dos dados observados pode-se considerar que o cultivo de espécies arbóreas de eucaliptos e pinus são bastante significativas no município. As quais são exploradas especialmente por meio do extrativismo da madeira, tanto para as necessidade das UPAF, como para a comercialização.

Durante o trabalho a campo, famílias relataram que há aproximadamente 25 anos, o cultivo de eucaliptos e pinus foi incentivado pela Cooperativa Tritícola Erechim LTDA, (COTREL). Em que os assistentes-técnicos convocavam os associados para reuniões nas comunidades, propondo a ideia de “reflorestamento”. Em que as espécies poderiam ser cultivadas em terrenos mais ondulados ou montanhosos e de baixa fertilidade solo, inapropriados para culturas cultivadas. Assim as famílias poderiam ter um maior aproveitamento das áreas. Após 5 a 10 anos do transplântio de eucaliptos e pinus, é possível realizar a extração da madeira e sua comercialização, obtendo-se assim maior renda e aproveitamento das propriedades.

No entanto, é necessário mencionar também os problemas ambientais que são ocasionados à fauna e à flora, pela prática agrícola da monocultura de eucaliptos e pinus, que além de degradar as características físicas do solo, também contribuem para a redução da diversidade biológica.

Gráfico 6 - Produção de pastagens agrícolas de Barra do Rio Azul-RS.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

Em relação a produção de pecuária, de acordo com os dados do IBGE do Censo Agropecuário (2006), o município estudado apresenta população de aves de 514.000 cabeças, superior a de suínos 17.068 , bovinos de corte 10.741 , bovinos de leite 3.084 , caprinos 172 e ovinos 321 cabeças, (Gráfico 8).

O município de Barra do Rio Azul apresenta elevado potencial pecuário, destacando-se especialmente a produção de suínos e aves. A produção desses animais ocorre em sistemas de integrações com as empresas Aurora⁵ e Perdigão⁶ (atualmente a BRfoods). Em um sistema que as empresas exercem poder sobre os familiares, em função que é oferecida a matéria

⁵ “[...] Aurora é formada por 13 cooperativas filiadas, mais de 70 mil famílias associadas, mais de 26 mil funcionários da Aurora Alimentos e mais de 8 mil empregados das cooperativas filiadas ao Sistema da Cooperativa Central Aurora Alimentos. Com gestão participativa, atua na industrialização e comercialização de carnes suínas, aves, lácteos, massas, vegetais e suplementos para nutrição animal. As unidades industriais, comerciais, granjas e distribuidores estão por todo o Brasil [...]” Disponível em: <http://www.auroraalimentos.com.br/sobre/aurora> Acesso em: 18 abr. 2016.

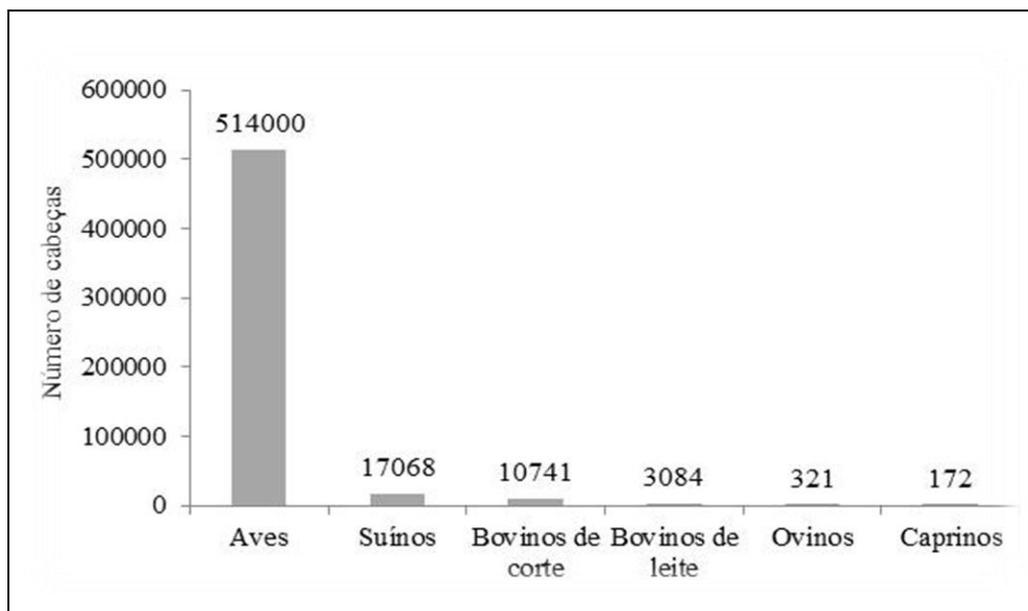
⁶ A empresa Perdigão S/A é uma marca brasileira de alimentos frigoríficos que nasceu no ano de 1934, em Videira Santa Catarina, em 2009 ocorreu associação da Perdigão com a Sadia que formaram atualmente a BRfoods. “A marca perdigão integra uma das maiores empresas de alimentos do Brasil e do mundo [...]” Disponível em: <https://www.brf-global.com/brasil/nossas-marcas/perdigao>. Acesso em: 18 abr. 2016.

prima, perante relações contratuais restritas que possibilita controlar a produção da propriedade.

Os sistemas de integração entre agroindústrias e agricultores vêm alterando o panorama de subsistência. Acelerando o contexto econômico das transformações estruturais em que sucessivamente as relações tecnológicas de produção entre o agricultor e a indústria se destacam com o agronegócio em relação à modernização da agricultura e o funcionamento da agroindústria.

Em relação à produção de bovinos de corte e bovinos de leite, ao contrário da produção de aves e suínos, as famílias comercializam o leite e a carne para empresas, sem interferências com integração. Quanto aos ovinos e caprinos, por ser uma produção de baixa escala, a produção da carne é provavelmente destinada ao consumo doméstico da UPAF.

Gráfico 7 - Produção pecuária de Barra do Rio Azul-RS.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006.

A população do município é constituída em maioria por descendentes de italianos e uma minoria de descendentes de poloneses, alemães e outros. Os quais trouxeram costumes, hábitos e características das regiões dos países de origem. Instalaram-se, dedicando-se especialmente à agricultura e à pecuária. Em função da maioria da população municipal descender de italianos, na sequência será apresentada uma breve abordagem sobre os aspectos socioculturais dos migrantes, estabelecendo uma interface com o tema do autossustento.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A MIGRAÇÃO ITALIANA NO MUNICÍPIO

Optou-se realizar uma contextualização sobre a migração de descendentes de italianos em função que o município de Barra do Rio Azul é habitado predominantemente por descendentes de origem italiana. Desta maneira estas famílias ainda carregam consigo aspectos culturais e sociais de seus descendentes, mantendo a tradição da produção de alimentos de autoconsumo. Esta constituição étnica é considerada importante para o desenvolvimento da pesquisa, considerando que a identidade étnica se manifesta perpassando seus valores nas relações sociais de geração para geração, demonstrando assim, a identidade no modo de vida rural.

A região norte do Rio Grande do Sul, inicialmente era habitada por nativos e caboclos. Contudo, de acordo com Piran (2001), no segmento da incorporação e produção capitalista, os mesmos foram os primeiros a serem excluídos. “[...] índios e caboclos são desterritorializados e são submetidos a uma nova territorialidade [...] destroem-se o ordenamento, a paisagem, o território por eles construídos, e constrói-se uma nova territorialidade com empresários rurais e agricultores familiares” (PIRAN, 2001, p. 59).

Portanto, ainda conforme o autor é dessa maneira, que os colonos se instalaram nesta região. “A crise do relativo excedente populacional das ‘colônias velhas’ é enfrentada com migração e implantação de novas colônias agrícolas entre as quais a colônia de Erechim [...] Assim implantam-se as desigualdades, excluindo índios e caboclos, e instalando pequenos, médios e grandes proprietários” (PIRAN, 2001, p. 24).

Deste modo, o local desterritorializa seus primeiros habitantes e constrói uma nova territorialidade. De acordo com Saquet (2002):

A des-territorialização italiana implicou re-territorialização em outros lugares, onde os grupos sociais desenvolveram estratégias distintas para produzir, controlar e manter um novo território e novas territorialidades, como fruto da imbricação entre as velhas e as novas territorialidades no movimento de des-re-territorialização. (p. 52).

A colonização de Barra do Rio Azul teve início em 1917 com a demarcação das terras da região pela companhia Luci Rosa, em que se deu a chegada dos primeiros migrantes descendentes de italianos: Hotero Munaro, Josué Vazzatta, Querino Mazzochin, Antônio Pilatti, João Basso, Bernardo Basso, Ernesto Munaro e Luiz Munaro vindos das chamadas

“colônias velhas” da região da Serra Gaúcha, para desbravarem as “novas terras”, em que visavam ocupar espaços vazios, formando colônias de agricultores. “Tal ocupação não é determinada pelas condições originais (naturais). Mas pelos compromissos de classe dos governantes” (PIRAN, 2001, p. 17). O governo facilita a compra e ocupação deste território (PIRAN, 2001).

Entretanto foi a partir da década de 20 que o fluxo migratório foi mais intenso. As famílias vistas como da agricultura familiar ocupavam as piores terras, com relevo mais ondulado e mais acidentado. Piran (2001) corrobora enfatizando que somente a partir da primeira década do Século XX ocorre a desterritorialização dos primeiros ocupantes (caboclos e negros) e se constrói uma nova territorialidade pelos migrantes.

Em relação à construção de um novo território formado pelos migrantes, é importante destacar a construção da cultura de um povo, em relação a sua comunidade e espaço. Vale, Saquet e Santos (2005) dando ênfase no caso dos imigrantes, que mesmo deixando seu território de origem carregam consigo aspectos culturais que se manifestam e se materializam neste novo ambiente.

A mobilidade do homem, que o leva a distintos territórios, transforma-o em indivíduo que, aparentemente, age desconectado de outros indivíduos. Contudo, na clareza dos lugares de memória, os territórios adquirem um suplemento de sentidos de grande importância, pois essa mobilidade acopla diferentes identidades, formando, a partir de então, novas relações e redes sociais que se interligam, justapõem e se acoplam (VALE; SAQUET; SANTOS, 2005, p. 22).

Conforme Tedesco (2001 apud BERTOTTI, 2014) a maioria das famílias dos colonos migrantes descendentes de italianos, eram numerosas, o homem mandava sobre a mulher, os filhos e administrava a propriedade. Pode-se dizer que na família do colono a diferenciação de gênero estava muito presente na constituição da família. “O trabalho da mulher dependia quase sempre do ciclo de vida da família, sua jornada de trabalho era superior a do homem, porém vista sob a ótica de ajuda, de complemento e de obrigação para o todo familiar” (TEDESCO, 2001 apud BERTOTTI, 2014, p. 26). Neste contexto, perante a sociedade patriarcal, tanto os filhos como a mulher ocupavam um lugar menos significativo nas decisões familiares.

Conforme relatos dos entrevistados, o conhecimento da autora e referências bibliográficas, os primeiros migrantes chegados ao município, encontraram mata fechada, a qual era derrubada para obter a madeira extraída para a construção das casas. A partir da mata aberta, surgiam as primeiras lavouras, e assim, os colonos foram realizando o desmatamento

e produzindo alimentos para a subsistência, “ressalta-se que a grande produção para autoconsumo como principal meio de sobrevivência ao meio adverso da mata e do trabalho pesado nos primeiros anos de colonização.” (GAZOLLA, 2004, p. 19)

Todas as criações de animais e cultivos agrícolas eram para a manutenção da família. As famílias em geral eram muito numerosas, sendo necessário produzir alimentos em grandes quantidades para a alimentação. A produção de trigo e milho era realizada com finalidade de obtenção das farinhas em moinhos o milho também era utilizado para alimentar os animais. “as criações visavam ‘suprir’ a necessidade protéica e a carne de porco era guardada em latas de banha visando sua conservação por mais tempo” (MINETTO, 2011, p. 30). A carne de gado era vendida aos moradores nos sábados por um açougueiro que se encontrava instalado na vila. Já as criações de aves (galinhas caipiras) eram realizadas conforme as necessidades do consumo da família.

Quanto às técnicas de cultivo e produção utilizadas pelos colonos eram muito primitivas conforme enfatizou Waibel (1979 apud Gazolla, 2004)

[...] a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego. O colono chama este sistema de roça de capoeira; na literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras (WAIBEL, 1979 apud Gazolla, 2004, p. 20).

De acordo Piran (2001), a agricultura na fase inicial na região de Erechim era de característica tradicional, a qual apresentava predomínio do uso de recursos naturais (mão de obra familiar e fertilidade do solo natural). O autor também cita Brum (1985), que a partir dessa reflexão pontua que

[...] os instrumentos de trabalho eram simples..., as técnicas de produção eram fruto da experiência e se transmitiam de uma geração para a seguinte, aperfeiçoadas lentamente..., as principais energias utilizadas eram oriundas da própria natureza..., em cada propriedade rural, cultivada pela própria família, produzia-se grande variedade de produtos..., criavam-se animais domésticos e aves... (BRUM, 1985 apud PIRAN, 2001, p. 31)

Neste sentido, pode-se ressaltar que os colonos produziam em suas propriedades, praticamente tudo o que era necessário para sua sobrevivência, tanto os alimentos, como os instrumentos de trabalho e as energias utilizadas era da própria natureza (Quadro 1).

Quadro 1 - Produtos, energia e instrumentos agrícolas utilizados no início da colonização.

Produtos	Energias	Instrumentos
Milho	Humana	Enxada
Mandioca	Animal	Arado de tração animal
Feijão	Água	Foice
Arroz	Vento	Machado
Lentilha		Máquina manual de plantar
Ervilha		Foicinha de cortar trigo,
Abóbora		arroz, etc...,
Centeio		Ancinho
Aveia		Máquina de matar formiga
Cevada		Carroça
Amendoim		Etc...
Batata inglesa		
Batata doce		
Fumo		
Cana-de-açúcar		
Alfafa		
Suínos		
Gado leiteiro		
Animais domésticos		
Aves		
Hortaliças		
Legumes		
Frutas		
Etc...		

Fonte: Brum (1985 *apud* PIRAN, 2001, p. 32) Agricultura familiar: Lutas e perspectivas no Alto Uruguai.

O excedente da produção era trocado no comércio mais próximo com mercadorias que não era possível produzir na propriedade, como sal, açúcar, querosene, ferramentas de trabalho, tecidos e outros (PIRAN, 2004). Esta característica esteve muito presente no município aqui estudado desde o início da colonização até o período da chamada “Revolução Verde”, em que a agricultura passou por um processo de transformações com as inovações na agricultura, através dos insumos químicos e a mecanização.

Ou seja, a vinculação (dependência) com o mercado era realizado por meio dos comerciantes locais.

Nas diversas localidades, desenvolvia-se também o comércio (casas de negócio), como lojas e armazéns de secos-e-molhados e armarinhos. As casas de negócios do interior, quando necessário, forneciam aos colonos artigos que necessitavam, o crédito, operando-se assim, uma forma de financiamento, cujo débito seria pago na colheita da produção agrícola ou com a venda de animais, particularmente suínos.

Exerciam, desta forma, uma dupla intermediação: num sentido, abasteciam a família rural, vendendo-lhe os artigos essenciais para o consumo; no outro sentido, compravam-lhe a produção agrícola ou animal, com destino aos atacadistas das cidades maiores (BRUM, 1985 *apud* PIRAN, 2001, p. 33).

Conforme Piran (2001), desde o início era necessário que os agricultores familiares organizassem a produção também para o mercado, pois necessitavam do excedente, para viabilizar a manutenção da família e pagar as terras.

As estradas que davam acesso à vila e outros municípios eram mantidas pelos agricultores, em forma de mutirão. Todos trabalhavam com suas ferramentas utilizando arado de atração animal (boi e mulas), picareta, enxada, pá e foice.

As relações de reciprocidade estavam muito presentes nas relações com os vizinhos, todos se ajudavam na derrubada da mata, plantio, colheita e nas construções. Também predominava o hábito de visitas para o lazer (filó) e fornecer solidariedade no caso de doenças e amparar no nascimento dos filhos (MINETTO, 2011). Ou seja, “das formas de sociabilidade vicinal eram importantes as trocas simbólicas de alimentos, a prática de ajuda mútua, as relações de vizinhanças, as festas comemorativas da comunidade e do padroeiro, os serões, os jogos de futebol, etc” (GAZOLLA, 2004, p. 19). Nesse sentido, o autor enfatiza que o sistema do colono na agricultura pode ser entendido como uma forma de sociabilidade e uma forma de produzir conforme interpretou schneider (1999 *apud* Gazzola, 2004, p. 19)

A forma de produzir refere-se a organização do trabalho num processo produtivo capaz de assegurar a subsistência da família, é a maneira pela qual os indivíduos que trabalham organizam os meios de produção para garantir sua reprodução [...]. A forma de sociabilidade refere-se ao modo pelo qual se estruturam as relações sociais que a família do colono camponês estabelece com os elementos exteriores (SCHINEIDER, 1999 *apud* GAZZOLA, 2004, p. 19).

Da mesma forma Woortmann (2014) contribui afirmando que:

[...] as relações de parentesco (e de compadrio) traziam consigo formas de ajuda mútua nas etapas mais ‘pesadas’ do processo produtivo, o que reduzia a intensidade de trabalho dos membros de cada grupo doméstico. A família que recebia a ajuda num momento prestava ajuda em outro, seguido num padrão de reciprocidade. A área cultivada por cada grupo doméstico podia, então, ser maior do que seria se contasse apenas com sua própria mão de obra (WOORTMANN, 2014, p. 243-244).

Nesta fase tradicional da agricultura no município, os colonos possuíam uma autonomia no processo produtivo, pois produziam suas matrizes, suas sementes, decidiam as tecnologias a serem utilizadas na produção, o ritmo de trabalho entre outros. Assim, as características principais da agricultura, nesta fase, são as seguintes: (PIRAN, 2001).

- Predomínio de uma tecnologia simples;
- Relação com o mercado via comerciantes dos povoamentos, vilas e indústrias (empresas de capital local);
- Grande importância da indústria doméstica do artesanato e das fábricas vinculadas à produção agrícola;
- Autonomia relativa dos agricultores na relação com o setor urbano industrial; (PIRAN, 2001, p. 33).

Enfrentando muitas dificuldades, os primeiros colonizadores sempre se apoiavam na religiosidade do catolicismo. No município de Barra do Rio Azul, no ano de 1927 foi construída a primeira capela, com características fundamentadas nas raízes italianas.

A religiosidade, juntamente com o trabalho, teve centralidade [...] como componente da identidade italiana. Nos primeiros anos de apropriação e colonização, já edificaram capelas e igrejas; as casas de madeira e/ou pedra grês, a venda, as clareiras na mata nativa para fazer os cultivos agrícolas, atividades ligadas à reprodução biológica e social dos migrantes. Organizam o território, aos poucos, ao seu modo, com base em seus saberes e experiências reproduzidos em relação à forma de vida que tinham no norte da Itália até o momento da emigração para a América (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 11).

A Religião católica estava sempre muito presente nas várias dimensões da territorialidade, com sua reconstrução da cultura, integração e etc. Em que nos entornos da capela, existiam também áreas destinadas ao lazer e a socialização comunitária.

Em função de que os primeiros imigrantes eram apegados a religião católica, atualmente no município a religião é ainda a que apresenta maior expressão. Existindo a sede católica, na Igreja Matriz Nossa Senhora Medianeira e várias capelas comunitárias localizadas no interior do município. As famílias participam dos eventos comunitários e contribuem para a manutenção das obras religiosas, como salão comunitário, casa paroquial e igreja.

Até os anos de 1950, Barra do Rio azul era destaque como importante centro urbano, comparada as localidades vizinhas. A atual Escola Cardeal Leme constitui a primeira escola de Barra do Rio Azul, construída em 1929, sendo seu primeiro professor o Sr. João Nuckirchen. O município possuía energia elétrica, um comércio um grande e bem equipado hospital, fundado em 1949, o qual era administrado pelas freiras e o mesmo destinava-se também ao atendimento das populações vizinhas. Até os anos 50 o município disputava a economia da região com centros urbanos vizinhos como o município de Aratiba, com a passagem das principais estradas da região pelo território de Barra do Rio Azul comprometeu a dinâmica da sua economia, que atravessou um prolongado período de estagnação⁷.

4.3 AUTOSSUSTENTO EM BARRA DO RIO AZUL

Perante este estudo, é de importância realizar uma contextualização do autossustento do município estudado. Atualmente, o autoconsumo no município ainda possui características semelhantes ao dos primeiros migrantes colonos, quanto à produção de alimentos domésticos. Neste sentido, demonstra-se que o autossustento “faz parte dos elementos do cotidiano das famílias com a terra, com a própria família, com a alimentação e principalmente em torno do saber-fazer dos agricultores que é transmitido de geração em geração” (GAZOLLA, 2004, p. 64).

Apesar das tecnologias do capitalismo implementadas com a chamada modernização ter influenciado no cultivo dos alimentos da unidade familiar, algumas características herdadas dos primeiros colonizadores do município permanecem. Neste contexto, Gazolla (2004) enfatiza que:

Os colonos se metamorfoseiam em uma ‘nova’ forma social a qual usualmente denomina-se de agricultura familiar. Desta forma, o agricultor familiar ‘nasce’ com características distintas do colono de outrora em relação às estratégias que executa para obter a sua reprodução social, mas também, com algumas características constitutivas originais do colono. [...] Neste caso, o novo nasce do velho, mas, sem destruí-lo totalmente, sem supera-lo completamente em suas bases primordiais. O novo se edifica sobre o velho de forma a ser o velho um sujeito revestido de caráter novo, diferente e modernamente construído. (GAZOLLA, 2004, p. 23)

⁷ Material disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/barradorioazul.pdf>. Acesso em: 2 fev.2016.

Para tanto, se pode destacar a importância desse tipo de produção na dinâmica social, econômica, cultural e produtiva das famílias. A produção “pro-gasto” gera uma autonomia relativa do agricultor, pois garante a grande parte da soberania alimentar interna à unidade familiar, que é uma das mais importantes esferas responsáveis pela reprodução do grupo familiar. Assim, produzir para o autossustento faz com que o grupo doméstico tenha cada vez menos dependência de condições externas à unidade de produção (GAZOLLA, 2004).

A partir da pesquisa a campo em conversa com uma senhora, a mesma destacou a importância de se produzir seus próprios alimentos:

A gente sente prazer, satisfação em produzir o próprio alimento sem uso de veneno. Se come um alimento mais saudável, mais saboroso, que não faz mal para a saúde e se planta sementes guardadas de uma safra para outra, se compra muito pouco de sementes e mudas para plantar, e para comer a gente só compra no mercado algumas coisas que não dá para guardar para o ano todo, como moranga, mas só alguma vez a gente compra quando termina as que se produziu durante a safra e tem a cebola e a batatinha que também não dura de uma safra para outra porque só da para plantar uma vez por ano. E as frutas, a gente come conforme se produz. Tem épocas que se tem pêssego, melancia, melão, banana, e mais outras que se plantou, mas daí quando não têm mais dessas a gente tem laranja, bergamota, tangerina e outras desse tipo quase não se compra nada de frutas só de vez em quando alguma maçã e abacaxi. Eu tenho o costume de fazer pão, bolacha, grustuli, bolo, lasanha e a gente também faz chimias das frutas abóbora porque nunca se consegue comer todas assim deixando no pé, para não perder até o pêssego eu cozinho e guardo no freezer invés de fazer compota que daí é mais prático as chimias também guardo no freezer, pena que as vezes o tempo não colabora ou chove demais ou faz sol e se acaba tendo perdas na produção, ma eu planto de tudo um pouco todo o ano para não ter que ir comprar no mercado porque tá muito caro estas coisas. (MULHER 47 B, 2016)

Nota-se que a informante define a importância de se produzir os próprios alimentos para a produção do autossustento, sendo possível considerar que sente certa independência do mercado, gerando autonomia produtiva. Assim, é possível perceber que a produção de alimentos para o autoconsumo encontra-se muito presente nas UPAFs do município estudado.

A entrevistada também destacou da importância de produzir sem o uso de agrotóxicos, que é uma alimentação considerada mais saudável, significando soberania alimentar Conforme destacam Maluf e Menezes (2010 apud MINETTO, 2011, p. 52) há três eixos que avaliam a qualidade nutricional dos alimentos, “a ausência de produtos químicos que possam lesar a saúde; o respeito aos hábitos alimentares e a cultura alimentar específicos e característicos de cada comunidade ou de cada grupo social; e a sustentabilidade do sistema alimentar, ou seja, a continua produção e presença de alimentos”.

Como demonstraremos, ficará evidente que a produção doméstica é a principal forma de aquisição de alimentos consumidos no grupo familiar.

Quanto a produção “pro-gasto”, pode-se destacar a importância na reciprocidade existente entre as famílias vizinhas e da comunidade na troca de sementes, ramas e mudas. De acordo com Grisa (2007) “os camponeses são seres sociais que estabelecem relações comunitárias, de vizinhança e parentesco, que são importantes cultural, econômica [...]” (p. 31). Assim, as práticas tradicionais de produção e manejo herdadas do passado, de geração em geração, transformando alimentos, agroindustrializados artesanalmente (os transformados como compotas e conservas), guardando suas próprias sementes e ramas para a produção de seus próprios alimentos traz autonomia no grupo familiar.

5 ESTUDO DE CASO

“aqui em casa a gente come peixe 1 vez por semana eu vou pescar eles no rio Paloma, e quando chego com os peixes a mulher já os prepara para comermos, eles são mais gostoso pescar e já comer tu sente o sabor de um peixe da água limpa não tem gosto de barro que nem quando se pesca no açude” (Homem 63 D 2016).

O estudo de caso foi realizado a campo no município de Barra do Rio Azul-RS, mais especificamente nas linhas Paloma e Caçador (Mapa 2).

Mapa 2 - Imagem de satélite do município de Barra do Rio Azul-RS.



Fonte: Google Earth (2016). Adaptado. (Sandra Zeist, 2016).

Nesta etapa do trabalho será desenvolvida uma abordagem sobre as características das UPAFs estudadas. Destacando a composição demográfica das famílias pesquisadas, quantas pessoas recebem aposentadoria ou membros que trabalham em tempo parcial fora da UPAF, o número de pessoas que trabalha em tempo integral e parcial na unidade de produção. A área da propriedade em hectares e de que maneira a mesma é utilizada nas atividades agrícolas e

pecuárias desenvolvidas, sendo estas para consumo interno ou para a comercialização. Quais são os equipamentos agrícolas utilizados na propriedade e destes quais os utilizados para a produção doméstica e a porcentagem da renda familiar proveniente da agricultura.

Para a obtenção dos dados, foi muito relevante, a realização da pesquisa a campo, a fim de coletar dados com diferentes famílias do interior do município. Os critérios de escolha das famílias foram definidos seis grupos, considerando suas diferenças internas da seguinte forma: 1) duas famílias com presença de aposentados; 2) uma família em que os filhos optaram em trabalhar com os pais na agricultura; 3) os pais da autora por serem agricultores e fazerem parte da trajetória da vida da mesma; 4) duas famílias em que a propriedade contenha em torno de 100 hectares de área de terra as quais trabalham com diversas atividades agropecuárias e não fazem parte dos critérios da agricultura familiar; 5) três famílias que fazem parte da agricultura familiar com produções diversificadas; e 6) por fim, procedemos com a coleta de dados da propriedade da autora.

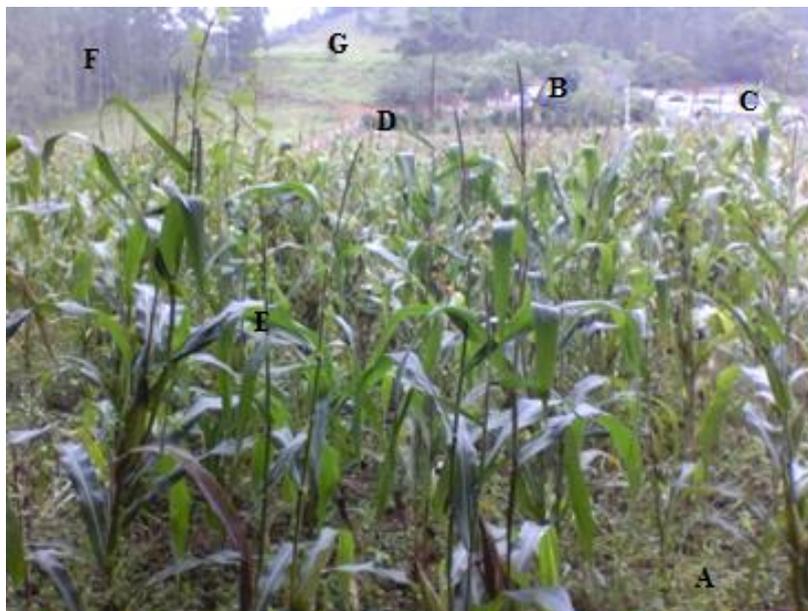
Conforme já citado na metodologia, cada entrevista teve duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos e, em todas houve a participação do casal. Nas famílias em que existem filhos residindo com os pais, os mesmos também contribuíram com a entrevista. Sendo proveitoso, pois todos os participantes buscaram interagir e fornecer informações condizentes com a realidade da unidade de produção familiar.

Durante as visitas as famílias foram realizadas as entrevistas, visitas as atividades que são desenvolvidas na propriedade, registros fotográficos dos produtos produzidos para o autossustento e das instalações e técnicas agrícolas utilizadas no meio produtivo. Durante as visitas em hortas, pomares e aos espaços utilizados para o plantio de produtos para o consumo e comercialização foi possível confirmar as respostas dos questionamentos e coletar mais informações espontâneas. Pois, os entrevistados sentiam-se mais a vontade em conversas formais do que diante ao questionamento.

Para preservar a identidade dos entrevistados, conforme já detalhado na metodologia, todas as famílias foram identificadas com uma sigla de A a J, em ordem alfabética sequencialmente. Também em relação as famílias os integrantes foram identificados pela idade e pelas siglas alfabéticas em seus depoimentos e também os jovens de sexo feminino foram identificados como “a jovem” e o jovem de sexo masculino foi identificado como “o jovem”.

A seguir será possível verificar algumas das atividades que são executadas nas UPAFs. Conforme Figura 1, é possível verificar a diversidade de atividades agrícolas e vegetação que existe em uma mesma unidade familiar do município de Barra do Rio Azul.

Figura1 - Diversidade de atividades agrícolas na UPAF J.



Fonte: Autora, dez.2015.

Legenda: A: Plantas espontâneas. B: Moradia em madeira. C: Estufas para produção de verduras. D: Espécies Frutíferas diversas, E: Plantio de milho, F: Cultivo arbóreo de eucalipto, G: Pastagens perenes (Barra do Rio Azul-RS, 2016).

Na Figura 2, são apresentados Bovinos da raça Jersey, de aptidão leiteira, em pastagens perenes (Figura 2). E, na Figura 3, estrebaria que abriga os animais no momento da ordenha, com bovinos em plena lactação e ordenhas mecanizadas sendo operadas por componentes da UPAF.

Figura 2 - Bovinos de leite da raça Jersey na UPAF B.



Fonte: Autora, dez.2015.

Legenda: Bovinos de leite da raça Jersey, em pastagens perenes (Barra do Rio Azul-RS, 2016).

Figura 3 - Ordenha mecanizada de bovinos de leite na UPAF B.



Fonte: Autora, fev., 2016.

Legenda: Bovinos de leite na estrebaria durante a ordenha mecanizada. (Barra do Rio Azul-RS, 2016).

Na Figura 4 é possível verificar a diversidade de aves para o consumo de autossustento, com presença de galinhas caipiras e patos.

Figura 4 - Produção de aves para o autossustento na UPAF E.



Fonte: autora, fev., 2016.

Legenda: Diversidade de aves destinadas ao consumo familiar das unidades familiares (Barra do Rio Azul, 2015/2016).

Estas imagens representam os elementos característicos de algumas das unidades avaliadas. Na maioria das unidades existe a bovinocultura de leite e estas necessitam ser diariamente ordenhadas. Enquanto que a produção de aves representa o envolvimento das unidades com o autossustento.

5.1 DESCRIÇÕES GERAL DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIARES ESTUDADAS: COMPREENDENDO O LUGAR DO AUTOSSUSTENTO NA DINÂMICA DE TRABALHO E NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORA

Unidade de Produção da Agricultura Familiar A

UPAF A, localizada na linha Caçador, contém três pessoas a entrevistada agricultora com 47 de idade; o entrevistado agricultor com 53 de idade; e um jovem com idade de 24. Todos de origem étnica italiana, trabalham em tempo integral no estabelecimento e a propriedade possui uma área de 82 hectares. Dos 82 hectares, 45 hectares são destinados a pastagens perenes (com grama), 20 hectares de pastagens cultivadas, 10 hectares para

produção de milho (cultura anual), que tem sua massa fresca armazenada em silos e utilizada para alimentação dos bovinos de leite e 05 hectares de eucaliptos (silvicultura). As produções agrícolas descritas, são destinadas em mais de 80% para o consumo da UPAF.

Quanto à produção de pecuária, a unidade possui 1200 suínos no sistema parceria com a empresa BRfoods, um novo carregamento para o frigorífico é realizado a cada aproximadamente 115 dias, e desses suínos, a empresa concede um como cortesia para a UPAF, destinado ao consumo familiar. A UPAF, possui um rebanho de 80 cabeças de bovinos de corte, os quais são anualmente comercializados com empresas e conforme necessidade e abatidos para consumo da família. Em relação aos bovinos de leite, a UPAF possui um rebanho de aproximadamente entorno 60 animais, em que 32 se encontram em plena lactação e os demais em período de gestação. O leite ordenhado é comercializado e utilizado para consumo na propriedade. Os integrantes, destacaram que executam atividades relacionadas a pecuária suína e bovina, em função de que as áreas de terra da propriedade são bastante acidentadas e com elevada presença de rochas, não possibilitando o cultivo de cultura de cereais em grande escala.

antigamente meus pais produziam grãos para vender, se trabalhava com arado e boi. Era tudo trabalho no braço, mas nos últimos anos não dava mais para fazer isto, pois se produzia pouco e hoje tem que produzir bastante para se ter lucro. Não era mais viável, então fizemos investimentos em gado de leite, corte e suínos. Apesar do leite não te preço bom, ainda dá um pequeno lucro, mas tem que ter uma quantidade grande de litros de leite. E suínos também já tiveram preço melhor. Nestes últimos três meses aconteceu o preço baixou, mas ainda é viável ter a parceria que por isso construímos outro chiqueiro (HOMEM 53 A, 2016).

E também para se ter as vacas de leite tem que ter os suínos para por o esterco nos pastos que daí ele vem rápido e dá um bom rendimento. Se não tem esterco não dá para ter as vacas de leite, o adubo tá muito caro compra, e só com trato no coxo a vaca produz pouco leite e o custo é caro (O JOVEM 24 A, 2016).

Unidade de produção A, possui também aves (galinhas poedeiras, caipiras e para corte) somente para o consumo doméstico. Na apicultura o entrevistado homem 53 A (2016) informou que *“o meu sobrinho têm 5 caixas de abelha colocadas por ai na minha terra, e quando ele tira o mel sempre deixa uns quilos para nós que também dá para o gasto do ano”*. Os equipamentos utilizados na propriedade para a produção são os seguintes: trator e implementos agrícolas: trator agrícola, grade aradora, pulverizador manual e motorizado, plantadeira acoplada a trator agrícola, distribuidor de adubo orgânico, ensiladeira rotacionada, carreta hidráulica e semeadora manual. Para a produção dos alimentos

familiares, que não são comercializados, é utilizada grade aradora acoplada ao trator para arar a terra e enxada e máquina manual para realizar semeadura.

Quanto a utilização de serviços de equipamentos terceirizados, destacou que não utilizam: *“nós temos o costume de fazer troca com os vizinhos quando fizemos a silagem, se ajudando com o trator e a carreta, enquanto um trator colhe o milho o outro puxa para ser descarregado perto da estrebaria, que então fica fácil de tratar as vacas de leite”* (HOMEM 53 A, 2016). Para o cultivo da produção pro-gasto são utilizados grade aradora acoplada ao trator para arar a terra, semeadora manual para realizar semeadura, e para controle de plantas daninhas, capina manual com enxadas. A renda familiar é 100% proveniente da agropecuária.

Quanto à melhoria na rentabilidade e no consumo da família com a produção diversificada os integrantes da unidade relataram que *“temos que trabalhar bastante para cuidar de tudo, mas também se tem os conforto na casa que se precisa e também nos equipamentos que precisamos para o trabalho agrícola”* (O JOVEM 25 A, 2016).

Unidade de Produção da Agricultura Familiar B

UPAF B, está localizada na linha Paloma, composta por um casal, agricultora com 47 anos e agricultor com 54 anos, ambos de origem étnica italiana. Trabalham em tempo integral na agricultura, a propriedade é constituída por 10 hectares. A área é utilizada para cultivo de milho em 4 hectares (cultura anual), que é armazenado e utilizado para alimentação dos bovinos; 0,5 hectares de eucaliptos (silvicultura), que é utilizado como lenha e para construções quando necessário; 2 hectares de pastagem perenes (grama); e 2 hectares de pastagens cultivadas, cultivadas em sistema de rotação, pastagens de inverno e verão.

Em relação à produção pecuária, a UPAF possui rebanho de 20 cabeças de bovinos de corte, que são comercializadas e utilizadas para o consumo da unidade familiar. Possui rebanho de 22 cabeças de bovinos leiteiro, em que o leite ordenhado é comercializado e utilizado para consumo na propriedade; e 1 suíno e aves (galinhas e patos), que são destinadas ao consumo na UPAF. A unidade, possui criação de abelhas em 8 colmeias, comercializado e utilizado para o consumo. Possui também piscicultura, em um (açude), com 150 peixes, que são destinados ao consumo interno da família.

Quanto a implementos agrícolas possui arado de tração animal, carroça, enxada, foice, semeadora manual, pulverizador costal e bois para tração. Estes equipamentos são utilizados para o cultivo de milho e produção de alimentos para o autoconsumo. A UPAF utiliza

também de equipamentos agrícolas terceirizados, como trator e semeadora para semeadura do milho e trator e ensiladeira para colheita da massa verde do milho. A renda familiar é 100% proveniente da agricultura.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar C

UPAF C, localizada na linha Paloma é composta por cinco membros. Um casal, mulher com 64 anos e o homem com 67 anos, ambos agricultores e aposentados por tempo de trabalho na agricultura. Além do casal de aposentados, na unidade residem mais um casal e um filho, a mulher com 31 anos, o homem com 38 e a criança com 6 anos. A mulher trabalha em tempo integral fora da UPAF, como professora, em 40 horas semanais e o homem, trabalha em tempo integral na UPAF. Todos os membros são descendentes de origem étnica italiana.

A UPAF possui área de 88 hectares. Em 50 hectares há presença de pastagens perenes, com gramas, em 15 hectares pastagens cultivadas, com as culturas da aveia e do azevém no inverno e “pasto de verão” e 1 hectare com eucaliptos. Em aproximadamente 20 hectares, apresenta vegetação nativa, utilizadas como preservação permanente que é um tipo de área protegida prevista pelo código florestal brasileiro. Em relação às atividades pecuárias desenvolvidas nos 88 hectares da UPAF, possui rebanho de 190 cabeças de gado de corte, que são comercializados por venda direta e consumo da unidade de produção e rebanho de 3 cabeças de bovinos de leite, cujo o leite ordenhado é utilizado exclusivamente para o consumo da unidade. A mulher 64, C destacou *“que se faz queijo, para o consumo com o leite, mas sempre sobra. Nós não consegue consumir todo ele ai se vende o restante ou doa para as filhas. Eu faço o requeijão também todos os dias para depois dar para os vizinhos que vendem o leite e para os parentes e amigos”* (MULHER 64 C, 2015). Também enfatizaram que

nós tirávamos leite de umas 25 vacas sempre para vender o leite. Tínhamos o resfriador a granel e a ordenhadeira, mas no momento que o preço do leite entrou em crise tivemos que para. O preço era muito baixo e a ração e o milho para tratar muito caro, aos poucos fomos nos desfazendo de tudo, o resfriador e as vacas. Ainda temos a ordenhadeira, ficamos somente com o gado de corte e as ovelhas, pois o preço no mercado tá bom e dá lucro (HOMEM 67 C, 2015).

Complementaram que se o ganho e produção for maior, podem ter uma melhor qualidade de vida, possibilitando realizar viagens, turismo em praias, realizar visitas a

parentes e amigos que residem em locais distantes e comprar utensílios que proporcionam maior conforto doméstico.

Além da produção de bovinos, a UPAF possui rebanhos de ovinos, com 104 cabeças, que são comercializados diretamente e utilizados para o consumo da unidade, possuem algumas aves, utilizadas para o consumo, e também praticam a piscicultura, com produção de peixes em açude, também apenas para o consumo da unidade. Na apicultura, os integrantes destacaram que tem um amigo que possui colmeias, dispostas em caixas na propriedade e quando realiza a coleta do mel, sempre retribui com a doação de uns quilos que satisfaz o consumo do ano.

Quanto às máquinas e implementos agrícolas utilizados na unidade de produção, há disponíveis os seguintes: trator agrícola, grade aradora, lance de sementes, pulverizador tratorizado e manual, distribuidor de adubo orgânico líquido, carreta agrícola e balança de pesar o gado. Na produção de alimentos “pro-gasto” utilizam o trator para arar a terra, a foice para limpeza das plantas espontâneas, enxada na capina das plantas espontâneas menores e máquina manual de semear. Entre 50 e 70% da renda familiar é proveniente das atividades agrícolas realizadas na unidade.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar D

UPAF D, localizada na linha Paloma, composta por 3 membros aposentados por idade, duas mulheres e um homem. Todos os integrantes da família participaram da entrevista. A mulher com 89 anos, recebe uma aposentadoria por idade e uma pensão de viúva. O homem tem 63 anos, é filho da senhora, aposentado por idade como agricultor e casado com a terceira integrante da unidade, mulher de 69 anos, a qual também é aposentada por idade como agricultora, todos os membros da família são de origem étnica italiana.

A área da propriedade é de 20 hectares. Quanto à produção agrícola, a unidade produz para o autoconsumo e vende o exedente. A terra é utilizada da seguinte forma: 1,5 hectares com culturas anuais, com cultivo de milho; 3,5 hectares de pastagem perene, com grama, utilizada como pastagem para alimentação do gado; 1,5 hectares de pastagens cultivadas, com aveia e azevém no inverno e milheto no verão.

Nas atividades pecuárias também os entrevistados consideram que quase tudo é para o consumo interno, a entrevistada mulher 89 D (2016) destacou que “às vezes sobra algum queijo ou ovos que a gente produz ai se vende, mas quase sempre se consome e se dá pros filhos que moram na cidade quando vem nos visitar.” Com relação a esta atividade possuem,

rebanho de 17 cabeças de gado de corte para venda direta e consumo interno; bovinos de leite de 3 cabeças utilizados para o consumo interno; 2 suínos para consumo interno; e as aves somente possuem para o consumo interno; Em relação a suínos e aves o homem 63 D (2016) ressaltou que *“nós aqui em casa sempre temos o porco no chiqueirinho na engorda para o consumo, agora tem dois um maior e outro menor, assim nunca ficamos sem ter salame e carne de porco para nosso consumo e também sempre tem galinha dessas de granja e as caipiras.”*

Quanto ao consumo de peixes, costumam pescá-los no rio,

aqui em casa a gente come peixe 1 vez por semana eu vou pescar eles no rio Paloma, e quando chego com os peixes a mulher já os prepara para comermos, eles são mais gostoso pescar e já comer tu sente o sabor de um peixe da água limpa não tem gosto de barro que nem quando se pesca no açude (HOMEM 63 D, 2016).

Em relação ao gado de corte o entrevistado Homem 63 D (2016) informou que costumam vender o excedente *“dai se tem um dinheiro extra além das aposentadorias, porque hoje não dá mais para sobreviver só com as aposentadorias, se fosse a 40 anos atrás até se sobreviveria, só que hoje se tem mais conforto: luz, água da rua de poço artesiano, carro e aí se tem maior custo.”*

Quanto aos implementos agrícolas de trabalho utilizados na produção da UPAF são os seguintes: enxada, foice, máquina manual de semear, pulverizador manual, motor a gasolina e quireleiro (utilizado para moer o milho para alimentar os animais). Exceto o quireleiro e o motor a gasolina, são os implementos agrícolas utilizados na produção dos alimentos de autossustento. A UPAF Também utiliza trator e implementos agrícolas terceirizados para realização da semeadura do milho. A colheita, por sua vez, é realizada manualmente.

Os integrantes da unidade destacaram que a renda é 20% proveniente da agricultura e o restante das aposentadorias. O entrevistado Homem 63 D (2016) falou que:

até o final do ano passado vendíamos o leite, mas tivemos que parar porque tínhamos o refrigerador em que o leite era resfriado em tarros e a empresa não aceitava mais, tinha que comprar um resfriador a granel em que custava muito e nós tínhamos pouco leite e daí deixamos de vender o leite e passamos a fazer queijo.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar E

UPAF E, está localizada na linha caçador, constituída por 4 integrantes, um casal e dois filhos, todos de origem étnica italiana. O homem de 45 anos, trabalha em tempo integral na UPAF, a mulher de 41 anos, trabalha apenas em tempo parcial na unidade, pois executa também a atividade de professora, por 40 horas semanais, a mesma destacou que *“mesmo trabalhando fora, de noite sou sempre eu que cuido da ordenha das vacas, cuido da casa, da alimentação, da horta do jardim, a (jovem moça) como estuda a noite sempre me ajuda nos afazeres da casa e de manhã é ela que ordenha as vacas”* (MULHER 41 E, 2016). Uma jovem de 18 anos e um jovem de 17 anos, são os filhos do casal, estudantes e se dedicam a ajudar o pais nos afazeres da propriedade, colaborando com as atividades relacionadas a suínos e gado de leite e de corte. A jovem ajuda também nos afazeres domésticos.

A UPAF, possui 38 hectares, em que é utilizada para: 7 hectares com cultura anual, com cultivo de milho que é utilizado para o consumo na unidade de produção; 5 hectares de pastagens perenes, com culturas de gramas, utilizadas como pastagem para bovinos de corte e leite; 7 hectares de pastagens cultivadas, com rotação de pastagens no inverno e verão; 1 hectare de silvicultura, com cultivo de eucalipto, utilizado para a produção de lenha e madeira, respectivamente utilizados para aquecimento e reforma de construções e cercas.

Com relação às atividades pecuárias, a unidade possui: rebanho de 60 cabeças de bovinos de corte, que são destinados a venda direta e consumo interno; rebanho com 33 cabeças de bovinos de leite, cujas 23 estão em plena lactação com venda direta e consumo interno e 10 em período de gestação; 550 cabeças de suínos no sistema integração com a empresa Aurora, um novo carregamento para o frigorífico é realizado a cada aproximadamente 115 dias, e desses suínos, a empresa concede um como cortesia para a UPAF, destinado ao consumo familiar. Aves, com galinhas de corte e postura, utilizadas para o consumo interno; piscicultura, um pequena açude com criação de peixes para o consumo; apicultura, possui 3 colmeias distribuídas em caixas, destinadas a produção de mel que é utilizado no consumo interno; e ovinos, com 8 cabeças, que são também utilizados apenas para o consumo da unidade.

Questionado a respeito de desenvolverem atividades diversificadas na agropecuária o Homem 45 E (2016) respondeu que:

pra ter a pastagem para o gado de engorda e leite têm que ter os porco para se ter o esterco para por nas gramas que dai ela desenvolve melhor e da maior rendimento, com pouca terra da para alimentar bastante gado então e da vaca de leite além de ter um dinheiro todo mês para as despesas da casa para pagar a luz, água, combustível, o mercado, sobra o terneiro que dá para engordar e vender e tem um bom lucro pois a carne de gado tem preço bom. (HOMEM E, 2016)

Quanto a questão se desenvolvendo diversas atividades existia uma melhor renda e consumo na família, os entrevistados destacaram que com a venda do leite pagam todas as despesas da casa (luz, água, internet etc.) e a graduação em curso superior de veterinária da jovem, e com o restante da renda do gado de corte e os suínos estão pagando o trator e os implementos agrícolas financiados pelo PRONAF, na agricultura familiar.

As máquinas e implementos agrícolas que a família utiliza para a produção são o trator agrícola, distribuidor de adubo orgânico, carreta tratorizada, grade aradora, pulverizador tratorizado e manual, espalhador de sementes, enxada e semeadora manual. Para o plantio da produção do autossustento utilizam a enxada, máquina manual plantar e, para arar a terra, o trator. Para plantar o milho utilizam serviço terceirizado, pois não é viável manter uma plantadeira somente para utilizar uma vez por ano para o plantio do milho. E tem o costume de fazer a troca de serviços com os vizinhos de trator mais especificamente para fazer a silagem. Destacaram que aproximadamente 70% da renda é proveniente da agricultura.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar F

UPAF F, está localizada na linha Caçador, constituída por duas pessoas, aposentadas por idade na agricultura, o homem possui 64 e a mulher 60 anos, ambos de origem étnica italiana. A propriedade possui 19 hectares de área de terra, em que a mão de obra é somente a do casal. Em relação ao uso da terra, os componentes relataram que 2 hectares são destinados a culturas anuais, com milho utilizado para a venda e consumo na UPAF, 1 hectare a pastagens cultivadas e 12 hectares de pastagens permanentes (grama), para alimentação dos animais.

Quanto às atividades pecuárias, os integrantes relataram que possuem rebanho de 32 cabeças de bovinos de corte, os quais são destinados para o consumo e venda direta. Rebanho de 3 cabeças de bovinos de leite, os quais 2 estão em plena lactação e o leite é utilizado para o consumo interno. E suínos, somente 1 para o consumo

quando a gente carneia este que está no chiqueiro depois eu compro outro de pequeno e coloco para a engorda eu gosto de ter um porquinho no chiqueiro porque sempre sobra umas aboboras, mandioca e batata e mais um pouco de milho e uma ração que se compra quando vê o porco já ta pronto para carnear com um custo baixo”(HOMEM 64 F, 2016).

A unidade também possui criação de algumas aves e duas colmeias de abelhas, que respectivamente, são utilizadas para consumo interno.

Os entrevistados destacaram que desenvolvem apenas estas atividades devido ao problema de saúde do homem, que não tem mais condições de trabalhar na agricultura. Mulher 60 F (2016) ressaltou que *“nós dois já estamos aposentados e com um pouco de milho esse gado que sempre se vende umas todo o ano e produzindo as miudezas pro gasto não precisa ficar tanto trabalhando dá para viver bem”*.

A unidade possui apenas equipamentos e implementos agrícolas manuais, como enxada, foice, máquina de semear manual e pulverizador manual, estes mesmos equipamentos são utilizados para cultivar os alimentos de autossustento *“nós não costuma usar veneno para plantar estas coisas de casa de horta, queremos comer um produto saudável”* relatou Mulher F (2016). A renda familiar proveniente da agricultura é de aproximadamente 50%.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar G

UPAF G, localizada na linha Caçador é composta por 4 pessoas, um homem de 54 e uma mulher de 48 anos, um jovem de 25 e uma jovem de 18 anos. Todos são de origem étnica italiana e trabalham em tempo integral na UPAF. A propriedade possui 18 hectares de área de terra, distribuída em: lavoura perene, 0,5 hectares de nozes pecam para consumo e comercialização; pastagens perenes, 6 hectares de grama para alimentação dos bovinos; pastagens cultivadas, 2 hectares, com rotação de cultivo no inverno e verão; lavouras anuais, 2 hectares com a cultura do milho, utilizado para o consumo interno e comercialização; e 2 hectares de silvicultura, com a cultura do eucalipto, utilizado para o consumo interno e comercialização.

Em relação à produção pecuária a unidade possui 1600 cabeças de suínos em sistema de integração com a empresa Aurora, um novo carregamento para o frigorífico é realizado a cada aproximadamente 115 dias, e desses suínos, a empresa concede um como cortesia para a UPAF, destinado ao consumo familiar.

Na produção de bovinos de corte, a unidade possui rebanho de 15 cabeças de gado, destinados a comercialização e consumo interno e em relação a produção de leite, a unidade possui 3 bovinos de leite, em plena lactação. O leite é utilizado para a produção de queijo e outros derivados, são comercializados e utilizados para o consumo da unidade. Os

entrevistados G relataram que até o ano anterior, comercializava leite para a cooperativa Cotrel, mas devido à crise que atingiu as unidades de produção de leite, acabaram se desfazendo da maior parte dos bovinos e de todos os equipamentos utilizados para a ordenha. Pois não era mais rentável trabalhar com a atividade leiteira, *“só se nós tivesse aumentado a quantidade de vacas e produzidos mais leite talvez ia dar algum lucrinho só que nós achamos melhor parar e cuidar somente dos porco”* (HOMEM 54 G, 2016). Quanto a outras criações que são utilizadas apenas para o autoconsumo, a unidade possui aves, galinhas de corte e caipira; piscicultura; e 4 cabeças de ovinos.

Em relação aos equipamentos utilizados na propriedade para produção dos produtos comercializados e de autossustento, utilizada a enxada, picareta, foice, arado de tração animal, pulverizador manual, carroça e bois para tração. Máquinas e implementos agrícolas terceirizados são utilizados apenas para semeadura do milho e distribuição do adubo orgânico na lavoura e em pastagens.

Quanto ao desenvolvimento dessas atividades mencionadas acima na unidade de produção, os integrantes responderam que geram uma boa renda, possibilitando uma melhor qualidade de vida. O Jovem 25 G relatou que *“depois que temos a parceria dos porcos a nossa vida melhorou muito, compramos o carro, reformamos a casa e conseguimos pagar os chiqueiros que eram financiados.”* A renda familiar é 100% proveniente da agricultura.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar H

UPAF H, localizadas na comunidade do Rio Brasil, é composta por duas pessoas, das quais, o homem tem 57 anos de idade trabalha na agricultura em tempo parcial e a mulher com 49 anos de idade é aposentada como professora, e atualmente se dedica aos trabalhos na agricultura com o esposo, ambos de origem étnica italiana. A propriedade possui 24,7 hectares de área de terra, a qual é utilizada da seguinte maneira: lavoura perene, 5 hectares com cultura de pêssego, caqui e uva, utilizados para a comercialização e consumo interno; lavoura anual, 4 hectares com cultura de milho para a comercialização e consumo interno; pastagens perenes, 3 hectares de potreiro com grama, que é arrendado para parentes.

Em relação à pecuária, a unidade possui criação de 8 mil cabeças de frangos (avicultura), em sistema de integração a empresa Aurora, um novo carregamento para o frigorífico é realizado a cada aproximadamente 45 dias, e dessas aves, a empresa concede 10 como cortesia para a UPAF, destinadas ao consumo familiar; e um suíno e galinhas caipiras para o consumo interno.

Quanto a execução de atividades diversificadas, destacaram que é importante em função que *“as vezes existe um produto que não da na safra ai temos outro como nas frutas temos de inverno e verão assim sempre se garante uma das safras dificilmente se perde as duas devido as chuvas de mais ou seca e temos o aviário que se tem dinheiro mais rápido.”*(HOMEM 57 H, 2016) Em relação a atividades diversificadas na UPAF se existe uma melhoria na rentabilidade e no consumo familiar a entrevistada mulher 49 H (2016) relatou que sim, pois quanto ao consumo *“o que não se compra é lucro, além disso muito mais saudável, nós só plantamos em escala comercial as frutas.”*

Em relação as máquinas e implementos agrícolas utilizados na propriedade, são trator, jericó, camionete, tesouras de poda, serrotes e pulverizados para tratamento das plantas frutíferas. Para a produção de alimentos de autossustento utilizam arados (às vezes), enxada e jericó para transporte dos produtos. Relataram que a renda familiar é entre 50 e 70% proveniente da agricultura.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar I

UPAF I, localizada na linha Paloma, é composta por 3 pessoas, um homem com idade de 42 anos, uma mulher com idade de 38 e uma jovem de 14 anos, todos de origem étnica italiana. O casal de adultos trabalha em tempo integral na UPAF e a jovem durante meio turno, em função que no período da manhã frequenta a escola e no da tarde, auxilia os pais nas atividades da unidade de produção.

A propriedade possui uma área de terra de 25 hectares, a qual é utilizada da seguinte maneira: lavouras anuais, 3 hectares com cultura de milho; pastagens perenes, 15 hectares com grama; pastagens cultivadas, 3 hectares com culturas de inverno e verão. Todas essas atividades são destinadas para o consumo interno da UPAF.

Com relação às atividades pecuárias, possuem rebanho de 30 cabeças de bovinos de corte, que são comercializados e utilizados no consumo interno. Possuem rebanho de 20 cabeças de bovinos de leite, das quais, 15 estão em plena lactação e o leite ordenhado é comercializado e utilizado no consumo interno da unidade. 600 cabeças de suínos, em sistema de integração com a empresa Aurora, um novo carregamento para o frigorífico é realizado a cada aproximadamente 115 dias, e desses suínos, a empresa concede um como cortesia para a UPAF, destinado ao consumo familiar. E algumas criações destinadas ao consumo interno, como algumas aves (galinhas poedeiras e de corte), piscicultura e uma colmeia de abelhas.

Quanto aos equipamentos e implementos agrícolas utilizados na UPAF, os integrantes relataram que possuem trator agrícola, ensiladeira, distribuidor de adubo orgânico, grade aradora, carreta agrícola e pulverizador manual. Para o cultivo das plantas de produção para o autossustento, utilizam enxada, máquina manual de semear e trator. Utilizam máquinas e implementos agrícolas terceirizados, apenas para realização da semeadura do milho.

Os integrantes da UPAF relataram que desenvolvem as atividades descritas acima, diversificadas em função de possibilitar uma maior renda familiar. Pois, tanto os suínos quanto a produção de leite não apresentam um ganho expressivo. Por sua vez, possuindo várias atividades é possível ter uma melhor renda econômica, sendo possível também maximizar o aproveitamento da propriedade. A renda familiar é 100% proveniente da agricultura.

Unidade de Produção da Agricultura Familiar J

UPAF J, localizada na linha Caçador, é composta por dois membros, um casal, o homem de 51 anos de idade, de origem étnica holandesa, é agricultor em tempo parcial e professor da rede pública municipal por 20 horas semanais. A mulher de 46 anos, de origem étnica italiana, é agricultora. A propriedade possui 39 hectares, utilizados da seguinte maneira: 2 hectares com culturas perenes, com erva-mate; 3 hectares lavoura anual, com cultivo de hortaliças; e 25 hectares de silvicultura, com monocultura arbórea de eucalipto.

Quanto a atividades pecuárias não desenvolvem para comercialização, possuem apenas aves e suínos para o consumo da UPAF. Os equipamentos e implementos agrícolas utilizados são enxada, picareta, foice, máquina de semear manual, pulverizador manual e outros. Também quando necessário utilizam serviços terceirizados de máquinas e implementos agrícolas, como trator para semeadura do milho e grade aradora. A família destaca que o milho é utilizado para consumo dos animais e o excedente é comercializado. A erva-mate é comercializada 100% para empresas. Quanto às hortaliças, são produzidas para a comercialização, e estas, também são utilizadas para o consumo da unidade familiar. Os integrantes da unidade destacaram que a renda proveniente da agricultura é entre 50 a 70% da renda da UPAF.

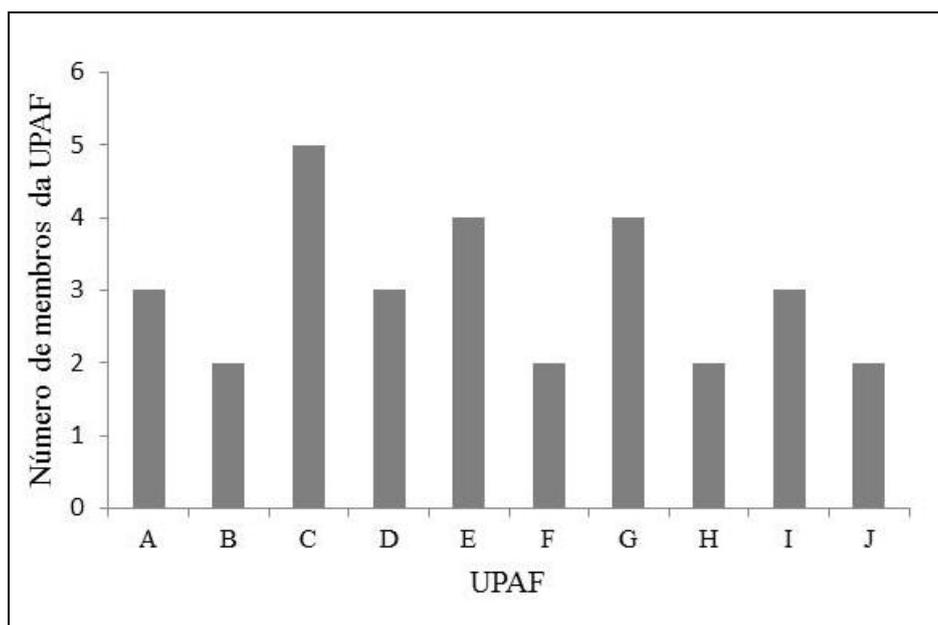
5.1.1 Análise das características das UPAs

Em função dos dados e informações apresentados, se faz necessário realizar uma análise das características das UPAFs.

Considerando o número de integrantes das unidades, a maior UPAF, foi a C, que possui 5 membros, um casal de aposentados e um casal mais jovem com um filho, sendo possível afirmar que são duas famílias que residem em um mesmo ambiente. Ao contrário, as UPAFs com menor números de membros, foram B, F, H e J, com 2 componentes por família (Gráfico 9). Sendo que a média de componentes entre todas as UPAFs foi 3 indivíduos.

A partir dos dados coletados, 30% das famílias entrevistadas possuem ao menos um membro que além de executar atividades agrícolas na propriedade, exercem também outra profissão fora da UPAF. A possível causa, desses integrantes desempenharem outras atividades assalariadas não agrícolas, é que buscam por uma complementação financeira da renda rural ou seja, uma garantia de disponibilidade mensal de dinheiro. “As atividades não agrícolas vem se constituindo numa importante fonte de geração de empregos no meio rural, em contraposição à redução de empregos agrícolas.” (ALMEIDA JUNIOR; HOEFFEL; QUEDA, 2008, p. 68). Os mesmos autores complementam destacando que a busca por atividades fora do setor agropecuário das unidades de produção em muitos casos são devido a melhores níveis salariais e por serem trabalhos mais leves, menos manuais exigindo menos esforço físico e em muitas circunstâncias essas atividades são mais atrativas para os moradores do espaço rural.

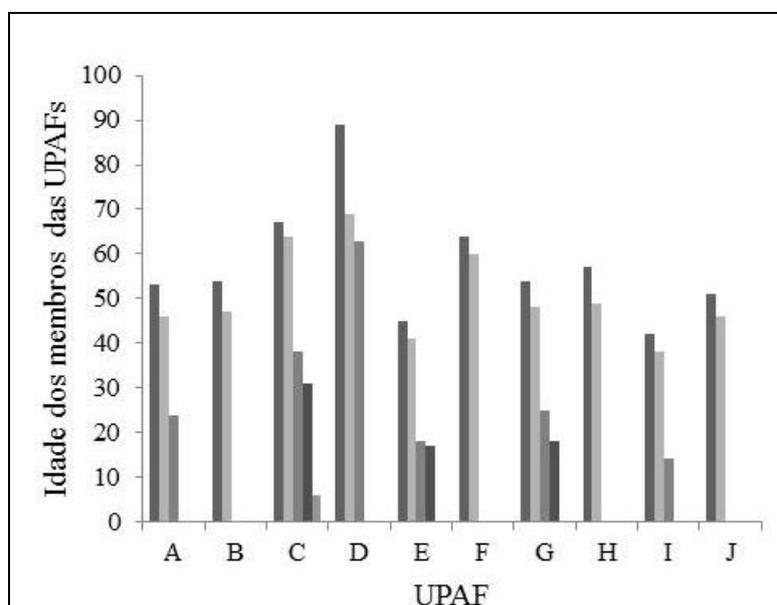
Gráfico 9 - Número de membros da UPAF.



Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016).

A idade média dos integrantes de todas as UPAFs, foi de 44,6 anos. Sendo que o integrante de mais velho e mais novo, apresentaram 89 e 6 anos, respectivamente para unidades D e C. Conforme Gráfico 10, é possível verificar a idade dos membros das UPAFs. Dos 30 membros, distribuídos em 10 unidades, apenas 7 apresentam idade menor que 30 anos, ao contrário, 16 apresentam idade igual ou acima 45 anos e 7 membros igual ou maior que 60 anos. Estas informações demonstram que o número de jovens no meio rural é baixo. Além disso, a maioria dos jovens que no momento residem nas unidades, são estudantes do ensino fundamental e médio do município ou cursam curso superior em outras cidades, para profissionalizar-se em determinadas áreas, para trabalharem com atividades agropecuárias.

Gráfico 10 - Idade dos membros das UPAF.



Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016).

Na Tabela 2, é possível verificar a área das propriedades de cada unidade de produção estudada. A média das UPAFs é de 36,4 hectares, sendo que apenas duas unidades apresentam mais de 80 hectares, respectivamente unidades A e C. Ao contrário, cinco unidades apresentam área menor do que 20 hectares. As unidades que apresentam menos que 80 hectares de área, se enquadram como agricultura familiar, pois possuem menos que quatro módulos fiscais. Fundamentados no perfil agrícola, um módulo fiscal do município é equivalente a 20 hectares.

Conforme Tabela 2, é possível verificar também que apenas uma em cada dez unidades, não realiza cultivo de nenhum tipo de lavoura anual e perene ou de nenhuma

pastagem. Demonstrando, que a base agrícola das UPAFs, é o cultivo de lavouras e de pastagens. Em relação as lavouras, além do cultivo de culturas anuais, três unidades apresentam cultivo de cultura perenes. Como cultura anual destaca-se o milho, citada por 90% das famílias envolvidas nas entrevistas. Por sua vez, no caso das lavouras perenes destacam-se espécies frutíferas e a erva-mate.

Na silvicultura, constatou-se que das dez unidades, seis apresentam ao menos 0,33 hectares de cultivo de eucalipto com finalidade para o consumo interno da unidade familiar, por exemplo, para lenha, construções e palanques para cerca. E das seis unidades, a UPAF J, apresenta cultivo em maior escala da espécie, com 25 hectares de área. A unidade J, produz em maior escala, para a comercialização, enquanto as demais unidades tem a produção em menor escala, utilizando a extração da madeira apenas para o consumo interno. Considerando a unidade de produção que cultiva a espécie arbórea de eucaliptos em maior escala, a relação deste cultivo se relaciona ao modelo voltado para a comercialização e fins econômicos.

Em relação à utilização das áreas, em média 14,2 hectares são utilizados para pastagens cultivadas e 5,2 para pastagens perenes. Demonstrando que a utilização das terras se destina principalmente ao cultivo de pastagens, que são destinadas principalmente a alimentação de bovinos de corte e leite e para equinos e ovinos. Em todas as UPAFs, as pastagens perenes são compostas por gramas, as quais dificilmente requer qualquer tipo de adubação ou trato cultural.

Quanto a pastagens cultivadas, oito das dez UPAFs desenvolvem este tipo de atividade agrícola. De acordo com as entrevistas, as famílias relataram que no inverno cultivam azevém e aveia e no verão principalmente pastinho ou aveia de verão. Sete unidades informaram que utilizam as pastagens cultivadas para a alimentação dos bovinos de leite, enquanto uma unidade utiliza para alimentação dos bovinos de corte.

Com base no trabalho de campo, a busca pela produção do leite nas UPAFs para a comercialização é uma das alternativas produtivas para a manutenção o da família no campo, pois todo mês recebem um dinheiro para a manutenção do estabelecimento em termos de pagamento de despesas mensais como por exemplo água, luz, telefone, combustível, etc.

No que se refere a produção de leite para o autossustento, cumpre um papel interno no grupo familiar importante, pois desta produção vem os processados do leite que viabilizam uma economia familiar bem significativa. Ou seja, “[...] manter o autoconsumo, junto com outras atividades econômicas, configura-se uma forma de economizar recursos [...] e

extrapolação das despesas necessárias, [...] e a manutenção de membros na residência da familiar [...]” (BRUMER, 1994 apud GRISA, 2007, p. 135). Para tanto a família possui mais autonomia produzindo para o comércio e o autossustento.

Tabela 2 - Formas de utilização da terra nas UPAFs.

UPAF	Área (ha)	Lavoura (ha)		Pastagens (ha)		Silvicultura (ha)
	-	Anual	Perenes	Cultivadas	Perenes	-
A	82	10	0	45	20	0,5
B	10	4	0	2	2	0,5
C	88	0	0	50	15	0,33
D	20	1,5	0	3,5	1,5	0
E	38	7	0	5	7	1
F	19	2	0	12	1	0
G	18	2	0,5	6	2	2
H	24,7	4	5	0	3	0
I	25	3	0	15	3	0
J	39	3	2	0	0	25
Média	36,4	3,7	0,8	14,2	5,2	2,9
Total	363,7	36,5	7,5	141,5	51,5	29,3

Fonte: Pesquisa a campo, dez. 2015, jan. e fev. 2016.

A Tabela 3, demonstra que atividades pecuárias destacam-se nas UPAFs. Das dez unidades, oito realizam atividades relacionadas a bovinos de corte e de leite, com número médio de 44,4 e 14,7 cabeças por unidade, respectivamente.

Os bovinos de corte, são destinados a comercialização e para o consumo interno do grupo familiar. Os bovinos de leite, por sua vez, em quatro UPAFs, tem o leite ordenhado comercializado e utilizado para o consumo da unidade, enquanto outras quatro unidades, utilizam o leite exclusivamente para o consumo.

A pecuária mais numerosa é a suína, com número médio de 395,6 cabeças por unidade. Todas as unidades, exceto UPAF C, apresentam ao menos um suíno. No entanto, o que torna expressivo o número, é que em quatro unidades, respectivamente A, E, G e I, ocorrem criação de suínos em maior escala, em sistema de integração com as empresas

BRfoods ou Aurora. Ao contrário, as UPAFs B, D, F, H e J, produzem suínos apenas para o consumo do grupo familiar (Tabela 3).

Em relação à produção de aves, apenas uma das unidades avaliadas a UPAF H, realiza criação voltada a comercialização, por meio de sistema de integração de galinhas de corte com a empresa Aurora. As demais UPAFs, produzem aves, com criação de galinhas de corte, galinhas caipira e patos apenas para o consumo da família.

Entre os animais de corte, a atividade com ovinocultura é a menos expressiva nas unidades, em que apenas três UPAFs possuem criação destes animais. As unidades E e G, desenvolvem a atividade apenas para o consumo do grupo familiar, com rebanho de respectivamente 8 e 4 cabeças. Ao contrário, a unidade C, possui rebanho de 104 cabeças de ovinos, que são comercializados e utilizados para o consumo interno (Tabela 3). As demais unidades destacaram que não realizam esta atividade, em função que não apresentam o costume de consumir carne de ovelha.

Das dez famílias entrevistadas, seis realizam atividade relacionada à piscicultura, destinadas ao consumo familiar. A unidade D realiza pesca no rio semanalmente, enquanto as unidades B, C, E, G e I, produzem algumas unidades de peixes em tanques e açudes (Tabela 3).

E por fim, quanto à atividade apícola, somente a unidade B, desenvolve a atividade na propriedade para fins de comercialização. Enquanto que as UPAFs E, F e I, realizam a atividade apenas para o consumo familiar. Outras duas unidades, A e C, destacaram que não executam a atividades, no entanto, em suas propriedades, apresentam colmeias de abelhas alojadas em caixas, em parceria com parentes e amigos (Tabela 3).

Por meio das integrações com empresas, pode-se assegurar que a maioria das atividades pecuárias estão se adaptando ao desenvolvimento tecnológico e a modernização da agricultura. Em que o pequeno agricultor foi obrigado a realizar transformações radicais no processo produtivo, para não se desligar do meio rural.

Algumas UPAFs realizam a integração da criação suínos como alternativa para se obter concomitantemente maior produção de leite na atividade leiteira. Em função que utilizam os dejetos gerados pelos suínos, para realizar adubação orgânica do milho destinado a alimentação dos animais e das pastagens cultivadas. No caso da unidade que realiza integração de aves com a empresa Aurora, também utilizam os dejetos gerados pelos frangos, como adubo orgânico para o cultivo de espécies frutíferas, que é a principal atividade

agrícola da UPAF H. Para tanto estes estabelecimentos mantem a produção incrementada, diminuindo as despesas com a compra de adubos químicos para aumentar a produção e renda na propriedade.

Piran (2001), ressalta que com a modernização, a agricultura se integrou ao processo da industrialização, colocando os agricultores perante o desafio da diversificação, dando destaque aos produtos como milho, soja, suínos, aves, bovinos de leite e bovinos de corte. Para tanto “desaparecem a indústria doméstica e pequenas fábricas, surgem as grandes empresas de capital externo á região e implantam-se agroindústrias e sistemas de integrados a produção” (PIRAN, 2001, p. 35).

A produção de aves e suínos, até o momento, é a principal atividade pecuária do município de Barra do Rio Azul. Ou seja, o local se enquadra ao modelo produtivista de organização de produção moderna da economia. Para tanto neste trabalho foi possível verificar que os agricultores buscam o envolvimento da produção com a indústria, vinculando-se cada vez mais ao processo de formas mercantis de produção, porém, sem perder de vista o caráter estratégico da produção para o autossustento.

É importante ressaltar que na análise dos elementos produtivos, existe ainda diversidade na produção entre as famílias entrevistadas. Há graus variados de integração aos mercados pelos agricultores familiares. Mesmo nas unidades maiores, a modernização e integração à indústria não eliminou a produção não capitalista para o consumo interno.

Tabela 3 - Atividades pecuárias desenvolvidas nas UPAFs.

UPAF	Nº de Cabeças						Apicultura
	Bovinos de corte	Bovinos de leite	Suinocultura	Avicultura	Ovinocultura	Piscicultura	Nº de Colmeias
A	80	60	1200	*	0	0	5***
B	20	22	1	*	0	*	8
C	190	3	0	*	104	*	3***
D	17	3	2	*	0	**	0
E	60	33	550	*	8	*	3
F	32	3	1	*	0	0	2
G	15	3	1600	*	4	*	0
H	0	0	1	8000	0	0	0
I	30	20	600	*	0	*	1
J	0	0	1	*	0	0	0
Média	44,4	14,7	395,6	_____	11,6	_____	_____
Total	444	147	3956	_____	116	_____	_____

Fonte: Pesquisa a campo, dez. 2015, jan. e fev. 2016.

*Desenvolvem a atividade em pequena escala, apenas para o consumo; ** Realizam pesca no rio; ***Parceria com amigos e parentes.

No Quadro 2, é possível verificar a relação das máquinas e implementos agrícolas utilizados nas UPAFs. Das unidades, 50% possuem equipamentos e implementos agrícolas mecanizados. Na agricultura moderna, os implementos agrícolas utilizados na produção são alterados. Ocorre o uso de combustíveis como fontes de energia e o uso intensivo de defensivos químicos e alterações na genética dos vegetais e animais (PIRAN, 2001).

Ao contrário, 50% das unidades utilizam apenas equipamentos manuais para a produção dos alimentos, e quando necessário, utilizam serviços terceirizados as atividades que necessitam de equipamentos e implementos agrícolas mecanizados. Apesar dos tempos atuais serem de modernização e capitalismo, ainda existem práticas agrícolas familiares que são realizadas utilizando exclusivamente o trabalho braçal. Desta forma, esses agricultores familiares “[...] trabalha, organiza a produção e segue suas lógicas de consumo de maneira a satisfazer uma demanda própria-ou seja, produz para si mesmo o alimento, cultiva para a subsistência e segue a tendência de resolver principalmente de maneira autossuficiente seu consumo interno” (MARTINELLO, SCHNIDER, 2014, p. 393).

Piran (2001), destacou que com a modernização na agricultura, mesmo sendo cultivando os mesmos produtos agrícolas, ocorreu uma mudança na forma de produzir, nas técnicas de produção e nos mecanismos de controle com o uso de insumos industrializados e químicos, trazendo inclusive transformações no ordenamento da paisagem da região.

Quadro 2 - Máquinas e implementos agrícolas utilizados nas UPAFs.

UUPAFs	Descrição dos equipamentos agrícolas utilizados na UPAFs
A	Trator, grade de aradora, pulverizador tratorizado e manual, semeadora mecanizada, distribuidor de adubo orgânico, ensiladeira tratorizada para realizar silagem carreta hidráulica e máquina manual de semear milho.
B	Arado de tração animal, carroça, enxada, foice, semadora manual, pulverizador costal e bois para atração.
C	Trator, grade aradora, lance de sementes, pulverizador tratorizado e manual, distribuidor de adubo orgânico, carreta agrícola tratorizada e balança de pesar o gado.
D	Enxada, foice, semeadora manual de plantar, pulverizador manual, motor a gasolina e quireleiro.
E	Trator, distribuidor de adubo orgânico, carreta do trator, grade aradora, pulverizador tratorizado e manual, espalhador de sementes, enxada, máquina manual de semear.
F	Enxada, foice, máquina manual de semear e pulverizador manual.
G	Enxada, picareta, foice, arado de tração animal, pulverizador manual, carroça e bois.
H	Trator, jericó, camionete, tesouras de poda, serrotes e bomba para tratamento das plantações de frutas.
I	Trator, ensiladeira, distribuidor de adubo orgânico, grade aradora, carreta agrícola e pulverizador manual.
J	Enxada, picareta, foice, máquina manual de semear, pulverizador manual e outros.

Fonte: Pesquisa a campo, dez. 2015, jan. e fev. 2016.

No Quadro 3, são apresentados os equipamentos agrícolas utilizados para a produção de autossustento nas UPAFs. É possível verificar que a maioria dos equipamentos utilizados é de característica manual. As famílias que possuem trator agrícola relataram que para o preparo da terra, utilizam o mesmo para tracionar o arado, por sua vez o plantio após o preparo da terra, de espécies como mandioca, bata-doce, batata-inglesa, cebola, amendoim e pipoca são realizados manualmente.

Quadro 3: Equipamentos agrícolas utilizados para a produção do autossustento nas UPAFs.

UUPAFs	Descrição dos equipamentos agrícolas utilizados na produção do autossustento nas UPAFs.
A	Trator para arar a terra, máquina manual de semeadura e enxada.
B	Arado de tração animal, carroça, enxada, foice, máquina manual de semear e pulverizador postal.
C	Trator para arar a terra, a foice, enxada e máquina de semear.
D	Enxada, foice, máquina manual de semear e pulverizador manual.
E	Enxada, máquina manual de semear e arado acoplado a trator.
F	Enxada, foice, máquina manual de semear e pulverizador manual.
G	Enxada, picareta, foice, arado de tração animal, pulverizador manual, carroça e bois para a tração.
H	Arado, enxada e jericó e outros.
I	Enxada, máquina manual de semear e arado acoplado a trator.
J	Enxada, picareta, foice, máquina manual de semear, pulverizador manual e outros.

Fonte: Pesquisa a campo, dez. 2015, jan. e fev. 2016.

6 AUTOSSUSTENTO COMO ESTRATÉGIA DE EQUILÍBRIO ECONÔMICO INTERNO NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

“A gente sente prazer satisfação em produzir o próprio alimento sem uso de veneno, e se come um alimento mais saudável, mais saboroso que não faz mal para a saúde.” (MULHER 47 B, 2016)

Neste capítulo serão abordados os resultados da pesquisa realizada no município de Barra do Rio Azul e avaliadas a seguintes hipóteses: 1) a produção de 50% do consumo dos alimentos é produzida na unidade familiar; 2) A invisibilidade econômica dos produtos consumidos na unidade familiar em relação aos produtos com destinação comercial intensa; 3) a diferenciação de gênero no trabalho na produção de alimentos para o consumo doméstico; 4) a partir da modernização e a chamada “Revolução Verde” intensifica-se o uso de agrotóxicos e químicos na produção dos alimentos; 5) com o sistema capitalista, as famílias se ocupam mais com o trabalho remunerado na unidade familiar e produzem menos alimentos para autossustento.

Também não pode-se esquecer que as famílias dos agricultores entrevistados possuem em seu território local sua própria identidade cultural herdada de seus ancestrais, de hábitos, costumes e convívio comunitário.

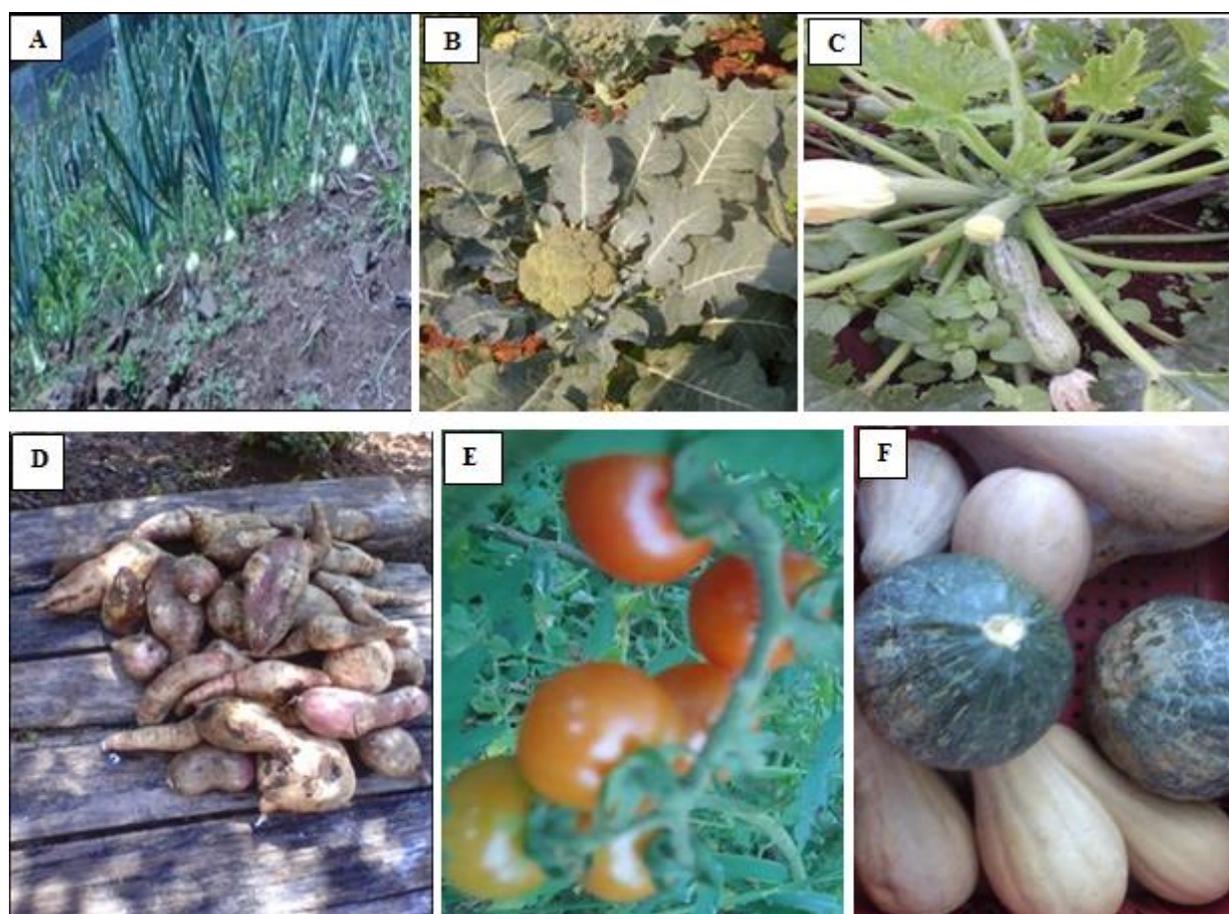
A partir da realização do trabalho a campo, foi possível identificar a quantidade de alimentos produzidos e consumidos. Para compreender qual é valor econômico que a família economiza todo o mês na produção dos alimentos para o “autossustento”, foi realizada no mês de Março uma pesquisa de preço em mercados do município estudado e em Erechim-RS, (Apêndice II) em função que os produtos não encontrados no município de Barra do Rio Azul, são adquiridos no município vizinho Erechim. Para tanto, tudo que é produzido para o autossustento, foi contabilizado para poder atribuí-lhe um preço estimado, uma vez que para os agricultores produzir alimentos é visto como uma prática tão simples, em que os mesmos não têm o costume de contabilizar monetariamente durante o mês. Neste trabalho não foi considerado os itens de autoconsumo para higiene doméstica e pessoal produzidos nas UPAFs (sabão líquido e barra, vassoura, esponjas etc.).

É importante destacar que para a realização dos cálculos dos produtos sazonais, devido de alguns produtos serem produzidos em algumas épocas do ano, e não ser possível o

armazenamento da totalidade para todo o ano, em especial os do grupo composto por frutas, verduras e legumes, foi realizada a média de consumo mensal, tomando-se o dado anual o qual foi dividido pelos meses do ano, para se obter o número que demonstrasse a condição mais próxima do real. Estes dados são aproximados da quantidade que é consumida mensalmente.

Na Figura 5 são apresentados algumas verduras e legumes, Figura 6 pinhão e algumas frutas, Figura 7 alimentos farináceos e Figura 8 alguns produtos processados produzidos para o autossustento nas UPAFs.

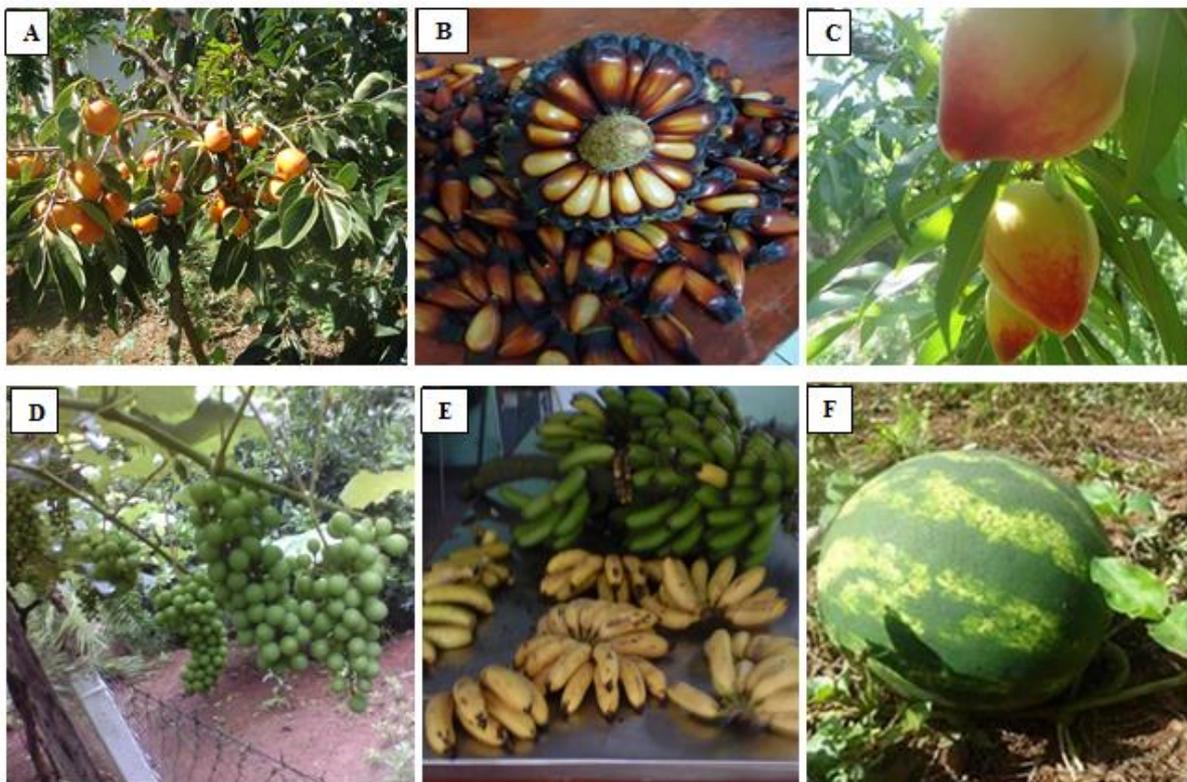
Figura 5 - Algumas verduras e legumes produzidos nas UPAFs para o autossustento.



Fonte: autora, 2015e 2016.

Legenda: A: cebola, B: couve brócolis, C: abobrinha de tronco, D: tomate, E: Abóboras e F: batata-doce (Barra do Rio Azul-RS, 2015/2016).

Figura 6 - Algumas frutas produzidas nas UPAFs para o autossustento.



Fonte: Autora, 2015 e 2016

Legenda: A: caqui ,B: pinhão, C: pêssego, D: uva E, banana e F melancia (Barra do Rio Azul-RS, 2015/2016).

Figura 7 - Alguns alimentos farináceos produzidos nas UPAFs.



Fonte: Autora, 2015 e 2016.

Legenda: A: cuca, B: “cueca virada”(grustuli) e C: pão (Barra do Rio Azul-RS, 2015/2016).

Figura 8 - Alguns produtos processados produzidos nas UPAFs.



Fonte: Autora, 2015 e 2016.

Legenda: A: pimentão e vagem, B: pêssego em calda, C: queijo de leite cru, D: produção de banha e torresmo. (Barra do Rio Azul, 2015/2016).

Unidade de produção da agricultura familiar A

Quadro 4 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF A.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto R\$ com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	277,50	-
Legumes e verduras	280,96	23,22
Frutas	123,55	39,10
Leite e derivados	126,75	-
Gorduras e açucars	66,55	-
Carnes e ovos	361,12	17,05
Processados e outros	97,60	-
Lenha	200,00	-
Gás	- ¹	32,00
Total	1534,03	111,37

Fonte: Pesquisa de campo, (jan., 2016).

¹Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹Este produto somente é adquirido no mercado.

Os integrantes da UPAF A destacaram que costumam gastar mensalmente aproximadamente R\$ 500,00 em mercado, incluindo todos os alimentos e produtos de higiene e limpeza.

Destacando as informações relacionadas à propriedade, de que forma adquire as sementes e mudas utilizadas para o cultivo na unidade de produção para alimentação, a família adquire cerca de 50% em lojas agropecuárias, produz na UPAF 40% e 10% adquire por meio de trocas com vizinhos e amigos. Destacaram que costumem guardar as sementes crioulas, mudas e ramas,

para termos de uma safra para outra e não precisa gastar para comprá-las, e nós também temos o costume de trocar sementes e mudas com os vizinhos parentes ou alguém da comunidade. Eu fui visitar minha irmã e ela tinha uma variedade de mandioca que eu não tenho, ai ela me deu umas ramas para eu plantar, depois eu guardo as ramas e faço várias mudas com elas para a outra safra, aqui nós tem o costume de fazer sempre assim quando um têm algo de diferente dá para o parente o vizinho, o amigo, a gente se troca (MULHER 47 A, 2016).

Com relação aos alimentos produzidos são 90% destinados ao consumo e 10% para a troca com vizinhos e parentes.

Quanto à adubação realizada para a produção de alimentos para o autossustento, destacaram que são 100% orgânica e no controle de plantas espontâneas, doenças e pragas não utilizam produtos químicos. Quanto as dificuldades encontradas para a produção, os mesmos destacaram que são os insetos, condições meteorológicas e o uso intensivo de

agrotóxicos nas lavouras de produção de milho e nas pastagens nos poteiros para a limpeza das plantas espontâneas. Citaram que as vantagens em se produzir os próprios alimentos para o gasto são a economia, saúde, melhor alimentação, relação de amizade com vizinhos e parentes. Também destacaram que existe o costume de fornecer alimentos gratuitos para os filhos em especial *“quando eles vêm para casa visitar a gente eu sempre costumo dar um pouco de tudo para eles do que eu tenho pipoca, mandioca, batata-doce, amendoim, carne, salame, verduras e temperos”* (MULHER 47 A, 2016).

Os entrevistados entendem que é de fundamental importância produzir seus próprios alimentos, *“a gente fica feliz em poder colher nossos próprios alimentos, tanto na horta, como nas carnes como os salames, queijo, ovos até mesmo em fazer doces e massas a gente sabe que come uma comida mais saudável, isso que se compra nos mercados não se sabe como são feitos”* (MULHER 47 A, 2016).

Na forma como os familiares se envolvem na produção dos alimentos para o consumo destacaram que nos legumes e verduras os homens somente ajudam a arar a terra e quem planta e cuida é a mulher, no caso das frutas o homem se envolve mais. Para a produção de carnes, ovos, gorduras, açúcares e processados, todos os componentes da unidade se envolvem, nos farináceos somente a mulher. A família colocou que entendem que produzem entre 50 e 80% de seus alimentos utilizados no consumo.

Unidade de produção da agricultura familiar B

Quadro 5 – Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF B.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	218,00	-
Legumes e verduras	365,03	18,15
Frutas	216,18	38,83
Leite e derivados	111,44	-
Carnes e ovos	207,31	-
Gorduras e açúcares	32,00	5,25
Processados e outros	150,31	-
Lenha	200,00	-
Gás	- ¹	32,00
Total	1500,27	94,23

Fonte: Pesquisa de campo, (fev., 2016).

¹Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹Este produto somente é adquirido no mercado.

Os entrevistados destacaram que o gasto mensal no mercado é de R\$ 300,00, realizando-se aquisição de alimentos que não são produzidos na UPAF e produtos de higiene e limpeza.

Durante a entrevista relacionada ao Apêndice I, os integrantes da unidade informaram que apenas 50 % das sementes e mudas são adquiridas em agropecuárias, 40% são obtidas na própria UPAF e 10% são obtidas por meio de trocas com vizinhos e moradores da comunidade. Destacaram também que costumam guardar as sementes crioulas e ramas. Quando questionados por qual motivo tinham este hábito, a entrevistada “B” respondeu *“costumo fazer isto porque minha mãe me ensinou, aprendi com ela, e também que então não precisa comprar não se gasta”* (MULHER 47 B, 2016) Quanto à troca com os vizinhos, costumam trocar ramas de mandioca, sementes de feijão e chuchu, *“as vezes o vizinho ou alguém da comunidade tem uma semente de outro tipo dai nós troca”*(MULHER 47 B, 2016). Os alimentos produzidos na propriedade rural são destinados 80% para o consumo da unidade e 20% para doação a vizinhos e familiares.

Quanto à forma de cultivar a produção para o consumo, informaram que a adubação realizada é 100% orgânica (esterco de gado) e não utiliza nenhum controle fitossanitário químico para o controle de plantas espontâneas, pragas e doenças, *“nóis costuma carpir de enxada mesmo para fazer a limpa das peste (plantas espontâneas), e se der as rugas, vaquinhas (pragas) se deixa e colhe o que dá, se passa veneno depois vamos ter que comer então é melhor colher pouco mais saudável.”*(MULHER 47 B, 2016)

Relacionado as dificuldades encontradas para a produção, os mesmos destacaram que são as infestações dos insetos e as condições meteorológicas os que mais dificultam o cultivo. Considerando as principais vantagens de se produzir para o autoconsumo, os entrevistados relataram que são a economia, saúde, melhor alimentação e a relação de amizade com os vizinhos e parentes (conforme questão 11 do item 7, apêndice I).

A família destacou também que apresentam o costume de realizar doação de alimentos para familiares, em especial duas filhas que residem na cidade. A Mulher 47 B (2016) ressaltou *“eu do um pouco de tudo o que eu planto para elas levarem, pipoca, amendoim, cebola, alface, tempero, de tudo pô que eu colho, e até mesmo ovo, carne, queijo, leite, salame faço bolachas, grustuli e bolo para elas porque senão elas tem que comprar e lá na cidade é tudo muito caro”*.

Em relação de quem são as pessoas que se envolvem com a produção para o autossustento, destacaram que para a produção dos alimentos farináceos, é apenas a mulher que realiza e nos demais itens (apêndice I), as tarefas são realizadas por ambos os integrantes da unidade. Ressaltaram também que consideram à produção de seus próprios alimentos, como uma satisfação, pois após a colheita é um prazer saborear os mesmos, pois não apresentam uso de agroquímicos. E quanto ao consumo dos alimentos, destacaram que entre 50 e 80% são produzidos na propriedade.

Unidade de produção da agricultura familiar C

Quadro 6 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF C.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	190,00	-
Legumes e verduras	375,88	30,15
Frutas	201,91	32,67
Leite e derivados	143,32	-
Gorduras e açúcares	38,30	10,50
Carnes e ovos	500,51	-
Processados e outros	172,94	12,17
Lenha	160,00	-
Gás	- ¹	32,00
Total	1782,86	113,49

Fonte: Pesquisa de campo, (dez., 2015).

¹Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹Este produto somente é adquirido no mercado.

Os entrevistados relataram que gastam mais R\$ 620,00 por mês no mercado, com compra de alimentos e produtos de higiene e limpeza.

Os integrantes da unidade informaram que adquirem as sementes e mudas para a produção de autossustento, em 70% adquiridas em lojas agropecuárias, 25% produzem na própria UPAF e 5% por meio de troca com vizinhos. A entrevistada enfatizou que costumam guardar sementes crioulas, batatas e ramas,

pois é de fácil manejo e nem sempre tem mudas para serem compradas de algumas espécie que temos em casa, nós compramos bastante mudas e sementes porque produzir em casa tá difícil tu semeia as sementes e os passarinho vem e arrancam tudo, nós já tentamos até colocar umas taquaras com um tecido pendurado para ver se assusta mas não adianta eles vem assim mesmo (MULHER 64 C, 2015).

Considerando a troca de sementes e mudas e a relação com os vizinhos, expuseram que as trocas são realizadas com os vizinhos, amigos e parentes. Na relação de trocas destacou que

O que o vizinho possui de diferente, planta e distribui as sementes mudas, e também quando se carneia um porco se costuma fazer a troca de um pedaço de carne, uns torresmos e um salame. E quando o vizinho carneia ele devolve assim se tem uma carne, uns torresmo e salame fresco para comer (MULHER 64 C, 2015).

Para a produção de autossustento a adubação realizada é 10% química e 90% orgânica (esterco de ovelha e gado). No controle de doenças, pragas e plantas espontâneas não utilizam controle químico. Destacaram que as principais dificuldades encontradas para produzir os alimentos para o autossustento é *“as pragas e doenças nas plantas, o excesso de venenos passado nas lavouras e pastagens prejudicam a plantação”* (MULHER 31 C, 2015). A família entende que produzir seus próprios alimentos tem como vantagens a economia, saúde, melhor alimentação e relação de amizade com os vizinhos parentes e amigos (conforme questão 11 do item 7, apêndice I).

Na questão de que maneira a família vê a produção de seus próprios alimentos? Responderam que *“a gente fica muito feliz quando planta e colhe as verduras, legumes e frutas, além de ser gratificante eles servem para economia da família, e são mais saudáveis que os encontrados no mercado.”* (mulher 64 C, 2015)

Quanto ao costume de distribuírem alimentos para os familiares e amigos, destacaram que costumam fazer sim, distribuindo para *“os parentes, os amigos, as filhas e netos que moram na cidade e vem me visitar, eu do de tudo o que se tem, principalmente quando tá sobrando que nós aqui de casa não vamos conseguir comer tudo.”* (MULHER 64 C, 2015)

Na maneira como as pessoas da família se envolvem com a produção para o consumo, destacaram que somente nos farináceos são exclusivamente as mulheres que realizam, mas nos demais alimentos produzidos (conforme a Apêndice I) todos os integrantes da unidade se envolvem. A família compreende que os alimentos consumidos são provenientes da UPAF entre 50% e 80%.

Unidade de produção da agricultura familiar D

Quadro 7 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF D.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercado (R\$)
Farináceos	155,50	-
Legumes e verduras	255,43	42,05
Frutas	94,72	22,19
Leite e derivados	142,25	-
Gorduras e açúcares	16,20	21,00
Carnes e ovos	187,08	-
Processados e outros	106,00	-
Lenha	240,00	-
Gás	- ¹	16,00
Total	1387,68	101,24

Fonte: Pesquisa de campo, (fev., 2016).

¹Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹Este produto somente é adquirido no mercado.

A família relatou que gastam em mercado aproximadamente R\$ 400,00 por mês, com alimentos e produtos de higiene e limpeza.

Relacionado a forma que adquirem as sementes e mudas que cultivam na unidade de produção para o autossustento destacaram que 50% são adquiridos em estabelecimentos agropecuários, 40% produzidos na própria UPAF e 10% costumam adquirir por meio de trocas com os vizinhos. Quanto ao costume de guardar ramas e sementes e produzir as mudas a Mulher 69 D (2016) destacou que *“para se economizar, ai não precisa comprar as sementes tão cara demais, só se compra o que não da para guardar, e algumas mudas as vezes tem que compra por que se semeia e vem os passarinho e arranca quando nasce”*. Também ressaltou que costumam fazer a troca das sementes com os vizinhos, *“para se ter uma semente de outra espécie, como semente de feijão, pipoca, amendoim, ramas de mandioca e brotos de batata doce, as vezes os vizinhos tem uma variedade diferente ou nós, ai a gente se troca.”*

A adubação que utilizam é 100% orgânica e não utilizam qualquer tipo de controle químico para o controle de insetos e fungos, doenças e plantas espontâneas. Quanto às dificuldades encontradas para a produção apontaram que a *“o clima também interfere ou chove demais ou de menos, os vizinhos tem o costume de passar veneno nos poteiros para a folha larga e o vento traz e as vezes estraga tudo na horta”* (MULHER 69 D, 2016). Quanto

as vantagens de se produzir seus próprios alimentos somente não foi citado a geração de renda (apêndice I). Os alimentos produzidos na UPAF são destinados 90% para o consumo interno e 10% para a troca e doação com vizinhos e parentes. Apresentam o costume de fornecer os alimentos para os filhos e parentes que residem na cidade, relatando que “*sempre que alguém vem nos visitar, os filhos ou parentes da cidade, a gente dá o que se tem, leite, queijo, frutas, saladas, milho verde, batata, pipoca, amendoim pra eles levarem*” (MULHER 89 D, 2016).

Na forma de desenvolver as atividades para a produção do autoconsumo, classificaram da seguinte forma: nos legumes e verduras, leite e derivados e farináceos somente as mulheres se envolvem; no cultivo das espécies frutíferas, somente o homem; e quanto à carne e ovos e açúcares e gorduras o homem e as mulheres.

Questionados de que maneira a família vê a produção de seus próprios alimentos? Obtivemos a seguinte resposta, “*melhor alimentação, mais saudável, prazer em colher o próprio alimento*” (MULHER 69 D, 2016) e quanto aos alimentos consumidos destacaram que entre 50% e 80% são produzidos na unidade de produção.

Unidade de produção da agricultura familiar E

Quadro 8 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF E.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	253,75	-
Legumes e verduras	228,66	41,25
Frutas	73,10	28,73
Leite e derivados	46,74	-
Gorduras e açúcares	42,15	37,85
Carnes e ovos	417,93	-
Processados e outros	166,63	-
Lenha	160,00	-
Gás	- ¹	42,50
Total	1388,96	150,33

Fonte: Pesquisa de campo, (jan., 2016).

¹ Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

A Família destacou também que o valor monetário gasto no mercado além do que produzem na UPAF, é de aproximadamente R\$ 550,00 reais.

Referente à forma que adquirem as sementes e mudadas para a produção doméstica destacaram que 50% compram em estabelecimentos agropecuários, 40% produzidas na própria unidade de produção e 10% adquirem por meio de troca com os vizinhos e parentes. Quanto ao guardar suas próprias sementes e mudas, informaram que apresentam o costume por que por não ter custo e serem variedades de boa produção. Também costumam realizar troca de sementes com vizinhos e parentes, em função às vezes perdem as mudas e para ter uma variedade de genética diferente.

Os alimentos produzidos na unidade de produção são destinados 95% para consumo interno e 5% para troca e doação com vizinhos e parentes. Quanto à adubação realizada destacaram que é 100% orgânica e no controle de insetos, doenças e plantas espontâneas, não utilizam qualquer controle químico. Os entrevistados informaram que as maiores dificuldades em se produzir os alimentos para autossustento são as infestações de insetos doenças e as condições climáticas. As vantagens de se produzir são a economia, a saúde, a melhor alimentação e a relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos (conforme questão 11 do item 7, Apêndice I). Em relação de que maneira a família vê a própria produção de seus alimentos relataram que é *“prazeroso, fico feliz em ver que tenho o que colher, carneamos porco, gado, ovelha tudo que se produz se fica feliz em ter e não comprar, tá tudo muito caro no mercado.”* (MULHER 41 E, 2016) *“Eu acho muito bonito quando vou tratar os peixes eles vêm todos e pulam para cima na água para eu jogar a comida é muito bonito e da uma sensação que nem sei explicá”*(HOMEM 45 E,2016).

Na relação do envolvimento das pessoas na produção dos alimentos destacaram que quanto aos legumes e verduras os homens somente ajudam a preparar a terra e os cuidados ficam a cargo das mulheres. No cultivo de espécies frutíferas são os homens que se envolvem e para carnes, ovos, leite e seus derivados e açúcar e gorduras e nos processados e outros são todos os componentes da família. Nos farináceos, somente as mulheres.

Relataram que existe pouco costume de fornecer alimentos gratuitamente para parente e amigos, pois os filhos ainda residem com os pais. Os entrevistados compreendem que a produção para o consumo fica entre 50 % e 80%.

Unidade de produção da agricultura familiar F

Quadro 9 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF F.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	164,00	-
Legumes e verduras	177,97	15,22
Frutas	85,73	20,64
Leite e derivados	89,70	-
Gorduras e açucars	19,30	5,25
Carnes e ovos	139,35	17,05
Processados e outros	67,47	-
Lenha	160,00	-
Gás de cozinha	- ¹	16,00
Total	903,52	74,16

Fonte: Pesquisa de campo (jan., 2016).

¹ Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

Os entrevistados relataram que além de produzirem a maior parte de seus alimentos, ainda costumam gastar aproximadamente R\$ 350,00 em mercado, com aquisição de produtos de higiene, limpeza e alimentícios.

Em relação à forma de aquisição das sementes e mudas que cultivam na propriedade para a alimentação, ressaltaram que são adquiridas 50% em estabelecimentos agropecuários, 40% produzidas na própria UPAF e 10% adquiridas por meio de trocas. A troca geralmente é realizada com vizinhos e amigos da comunidade, na maneira de como funciona a troca com os vizinhos, relataram que costumam trocar alguma variedade que não possuem ou perdem. Quanto ao costume de guardar suas próprias sementes e mudas a Mulher 60 F (2016) relatou que *“temos o costume sim, porque daí não se gasta para comprar e nós aprendemos desde pequenos com nossos pais que se devia de guardar as sementes e mudas para não ter que ir comprar para se fazer economia e ensinamos nossos filhos que também devem de fazer isso.”* Em relação às pessoas que se envolvem com a produção destacaram que a mulher tem a função com os legumes e verduras, leite e seus derivados e os farináceos, o homem cuida das frutas e ambos das carnes e ovos, processados, açúcar, gorduras e outros.

Quanto ao destino da produção dos alimentos na UPAF relataram que 80% é para o consumo interno e 20 % para troca com vizinhos e familiares, *“principalmente os filhos, pois os dois moram na cidade e lá no lote eles não conseguem plantar tudo como eu planto aqui. Na roça tenho mais espaço”*(MULHER 60 F, 2016).

Em relação à adubação que utilizam para a produção dos alimentos para o autoconsumo, responderam que é 100% orgânica (esterco de gado) e para o controle das pragas, doenças e plantas espontâneas não utilizam controle químico. Relataram que as maiores dificuldades de se produzir são as condições meteorológicas e as infestações de insetos.

Quanto às vantagens de se produzir seus próprios alimentos, ressaltaram que pela economia, saúde, melhor alimentação e relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos (conforme questão 11 do item 7, Apêndice I).

Questionados de que maneira a família vê a produção de seus próprios alimentos a Mulher 60 F (2016) relatou que *“como uma forma de se comer um alimento mais saudável, prazer em colher e prepará-lo, e a nós gostamos de fazer este trabalho de se produzir as nossas coisas”*. A família entende que entre 50% e 80% dos alimentos são produzidos na UPAF.

Unidade de produção da agricultura familiar G

Quadro 10 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF G.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	279,00	-
Legumes e verduras	273,13	30,10
Frutas	139,88	26,33
Leite e derivados	116,20	-
Gorduras e açúcares	55,30	-
Carnes e ovos	436,41	-
Processados e outros	151,00	-
Lenha	240,00	-
Gás de cozinha	- ¹	32,00
Total	1690,92	88,43

Fonte: Pesquisa de campo (fev., 2016).

¹ Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

Em relação ao valor monetário gasto com mercado, destacaram que é aproximadamente R\$ 520,00, com produtos para a alimentação, higiene e limpeza.

Da forma que adquirem as sementes e mudas cultivadas na unidade de produção para a alimentação, relataram que 50% são adquiridas em agropecuárias, 40% produzidas na própria UPAF e 10 % adquiridas por meio de trocas. Em relação ao costume de guardar as

sementes crioulas, batatas, ramas e outras na UPAF para cultivar na próxima safra, informaram que costumam sim, em função que não é necessário comprar e é um hábito familiar que herdaram de seus pais. Também relataram que costumam realizar troca com amigos, parentes e vizinhos, geralmente as trocas são as de variedades diferentes ou quando um tem excesso de determinado produto, costuma doar ao vizinho. E também destacaram que costumam doar alimentos para parentes que residem na cidade. Sendo que os alimentos produzidos na UPAF são destinados 10% para a troca e 90% para o consumo interno.

Em relação à adubação realizada na propriedade para a produção de alimentos, destacaram que 10% é química e 90% orgânica. Para o controle das plantas espontâneas, insetos e doenças não utilizam defensivos agrícolas químicos. Relataram que as maiores dificuldades em se produzir alimentos para o autossustento são as infestações dos insetos, doenças e as condições meteorológicas. Nas vantagens de se produzir os alimentos para o consumo destacaram que traz benefícios para a saúde, melhor alimentação, relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos e economia (conforme questão 11 do item 7, Apêndice I).

Quanto a maneira que a família vê a produção de seus próprios alimentos relataram que consomem um alimento mais saudável, economia com o mercado e o prazer em colher o próprio alimento sempre fresco, *“eu vou na horta todo dia colher a salada, temperos sempre bem fresquinhos se tivesse que comprar não seria assim, no mercado fica murcho”* (MULHER 48 G, 2016).

Na maneira como a família se envolve na produção dos alimentos para o autossustento, destacaram que nos legumes e verduras o homem e o jovem somente ajudam a arar a terra e quem cuida do plantio, da capina e da colheita é a mulher e a jovem. Nas frutas, somente o homem e o jovem; no leite e seus derivados, a mulher e a jovem; no açúcar e gorduras e outros, todos os membros da família colaboram para a produção; nos farináceos, somente a mulher e a jovem. Quanto aos alimentos produzidos para o consumo, mais de 50% e menos de 80% são provenientes da UPAF.

Unidade de produção da agricultura familiar H

Quadro 11 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF H.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	122,00	45,00
Legumes e verduras	265,21	50,60
Frutas	122,72	60,76
Leite e derivados	- ¹	33,57
Gorduras e açúcares	35,30	-
Carnes e ovos	53,88	154,91
Processados e outros	129,35	-
Lenha	240	-
Gás de cozinha	- ¹	32,00
Total	908,46	436,84

Fonte: Pesquisa de campo (fev., 2016).

-Não costumam adquirir estes produtos no mercado, somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

Em relação ao valor monetário geral gasto por mês no mercado relataram que é R\$ 450,00 com alimentação, higiene e limpeza.

A maneira como adquirem as sementes e mudas plantas para o consumo doméstico relataram que 10 % são trocadas, 40% produzidas e 50 % são compradas. A família tem o costume de guardar as sementes e mudas ramas para de algumas variedades não perder a espécie e não ser necessário compra-las. A troca geralmente é feita com os vizinhos. Em relação de que maneira funciona a troca com os vizinhos a Mulher 49 H (2016) relatou que “*eu dou o que tenho e produz bem e ganho o que não tenho*”.

Os alimentos produzidos na UPAF, 90% são destinados para o consumo e 10% para a troca com vizinhos amigos e parentes. Em relação a adubação relataram que 20% que utilizam é química e 80% é orgânica (esterco de aviário). Para a produção de consumo destacaram que não utiliza produtos químicos controle para insetos, doenças e plantas espontâneas.

Em relação às dificuldades de produzir para o gasto destacou que “*batata neste ano a semente estava doente acredito, deu a murchadeira e não colhi quase nada esta safra, as rugas, pássaros e fungos e também o clima muito chuvoso neste ano apodrecia muita coisa como melão, tomate e outros.*” (MULHER 49 H, 2016) Assim mesmo, a família destacou como vantagens de se produzir seus próprios alimentos a economia, saúde, melhor alimentação e relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos (conforme questão 11 do

item 7, Apêndice D). Somente as frutíferas são vistas como atividade garantidora de geração de renda.

Quanto ao envolvimento das pessoas na produção de autossustento relataram que no item de farináceos somente se envolve a mulher e nos legumes e verdura, carne e ovos, leite e derivados, açúcar e gorduras homem e mulher. A família destacou a produção de seus próprios alimentos como algo importante para a saúde e economia. E também destacaram que costumam distribuir alimentos gratuitamente para os parentes, mas principalmente para as duas filhas que moram na cidade e cada 15 dias vêm visitá-los. Em relação a quantidade de alimentos produzidos para o consumo na propriedade destacaram que produzem entre 50% e 80%.

Unidade de produção da agricultura familiar I

Quadro 12 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF I.

Itens	Valor total de alimentos produzidos(R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	267,50	-
Legumes e verduras	288,93	21,15
Frutas	148,87	30,38
Leite e derivados	89,81	-
Gorduras e açucars	33,20	-
Carnes e ovos	286,90	-
Processados e outros	91,42	-
Lenha	240	-
Gás de cozinha	- ¹	21,00
Total	1446,63	72,53

Fonte: Pesquisa de campo (fev., 2016).

-Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

Quanto ao valor monetário médio gastos mensalmente em mercado, relataram que é de aproximadamente R\$ 450,00, incluindo alimentos, produtos de higiene e limpeza.

Na forma de adquirir as sementes e mudas cultivadas na unidade de produção, 50% são compradas em agropecuárias, 40% produzidas na UPAF e 10 % adquiridas por meio de trocas com amigos e vizinhos e parentes. Destacaram que costumam guardar suas próprias sementes, ramas e mudas para não ser necessário ter gasto monetário com a compra e por ser um hábito familiar que aprenderam junto a seus pais. Habitam realizar a troca com parentes amigos e vizinhos, especialmente em relação a uma espécie diferente que não possuíam até então e quando colhem excedente ao consumo, realizam doações. Os alimentos produzidos na

UPAF, 90% são destinados para o consumo e 10% para a troca com vizinhos amigos e parentes.

Em relação à adubação realizada no cultivo dos alimentos para autossustento, 100% é orgânica (esterco de gado) e para o controle de insetos, doenças e plantas espontâneas não utilizam produtos químicos. Quanto às dificuldades de se produzir alimentos domésticos, destacaram que são as condições meteorológicas insetos e os agrotóxicos utilizados nas lavouras, que atingem as plantações “pro-gasto” e acaba danificando as mesmas. Relataram que as principais vantagens de se produzir seus próprios alimentos são: economia, saúde, melhor alimentação e relações de amizade (conforme questão 11 do item 7, Apêndice I). Em resposta a maneira que enxergam a produção para o consumo, ressaltou a Mulher 38 I (2016) “*saudável, prazer na hora da colheita, independência do mercado e orgulho em produzir os alimentos*”.

Quanto às pessoas que se envolvem na produção de autossustento, destacaram que legumes e verduras o homem somente ajuda arar a terra e a mulher e a jovem cuidam do plantio até a colheita; nas frutíferas, somente o homem; carnes e ovos, leite e derivados e açúcar e gordura, o homem, a mulher e a jovem; nos farináceos, somente a mulher e a jovem. Quanto aos alimentos produzidos para o autossustento da UPAF entre 50% e 80% são provenientes da unidade de produção.

Unidade de produção da agricultura familiar J

Quadro 13 - Valores monetários (R\$) contabilizados da UPAF J.

Itens	Valor total de alimentos produzidos (R\$)	Valor total gasto com alimentos adquiridos em mercados (R\$)
Farináceos	204,00	-
Legumes e verduras	384,34	32,05
Frutas	175,83	19,90
Leite e derivados	7,75	81,95
Gorduras e açúcares	24,20	14,25
Carnes e ovos	62,00	174,10
Processados e outros	80,41	-
Lenha	120,00	-
Gás de cozinha	- ¹	22,95
Total	1058,55	171,10

Fonte: Pesquisa de campo (dez., 2015)

- Não costumam adquirir estes produtos no mercado somente produzem na UPAF.

-¹ Este produto somente é adquirido no mercado.

Os integrantes da UPAF relataram que apresentam um gasto mensal de aproximadamente R\$ 350,00 em mercado, com alimentos e produtos de higiene e limpeza.

Na maneira como é adquirida as mudas e as sementes mencionaram, 70% são adquiridas em agropecuárias, 20% produção própria da UPAF e 10% por meio de troca com vizinhos, parentes e amigos. *“Quando alguém tem uma variedade diferente de alguma cultura de autoconsumo são feitas as trocas, que se perder aquela espécie tem alguém que conseguiu cultivar para a pessoa adquirir novamente”* (MULHER 46 J, 2015).

Os alimentos produzidos na UPAF são destinados 80% para a venda, 10% para o consumo e 10% para a troca e doação com os vizinhos e parentes. No caso da doação apresentam o costume de doar para amigos, vizinhos e parentes, mas especialmente para os filhos que residem na cidade.

Quanto à adubação na produção dos alimentos domésticos, informaram que 50% é com adubos químicos e 50% é orgânica. Também destacam que para o controle das pragas e doenças o controle fitossanitário é realizado por meio do uso de produtos químicos, em 40% e produtos de composição biológica em 60% e realizam capina com enxada, para controle das plantas espontâneas. Questionados sobre quais são as maiores dificuldades de se produzir, destacaram que as infestações de insetos são uma das maiores dificuldades e que muitas vezes mesmo com a utilização de produtos químicos é difícil de obter sucesso no controle. Também relatam que devido o uso intensivo de agrotóxicos nos cultivos de gramas para destruir as plantas espontâneas, realizado pelos vizinhos, prejudica muito os cultivos de autoconsumo. Destacaram também que as condições meteorológicas desfavoráveis é um grande empecilho para o cultivo. Informaram que somente os farináceos são produzidos pela mulher e quanto aos outros alimentos (Apêndice I), o homem e a mulher se envolvem na produção.

Questionados sobre quais são as vantagens em se produzir os alimentos de autossustento, relataram que favorecem para a economia, geração de renda, saúde, melhor alimentação e relação de amizade com os vizinhos, parentes e amigos. Quanto à geração de renda, destacaram que a olericultura é a principal atividade que a propriedade desenvolve (conforme questão 11 do item 7, Apêndice I).

No questionamento, de que maneira vê a produção de seus próprios alimentos? Obtive como resposta *“de maneira que não necessita comprá-los no mercado, para uma melhor economia, mais saudável, e a autoestima que proporciona de plantar, colher e preparar o*

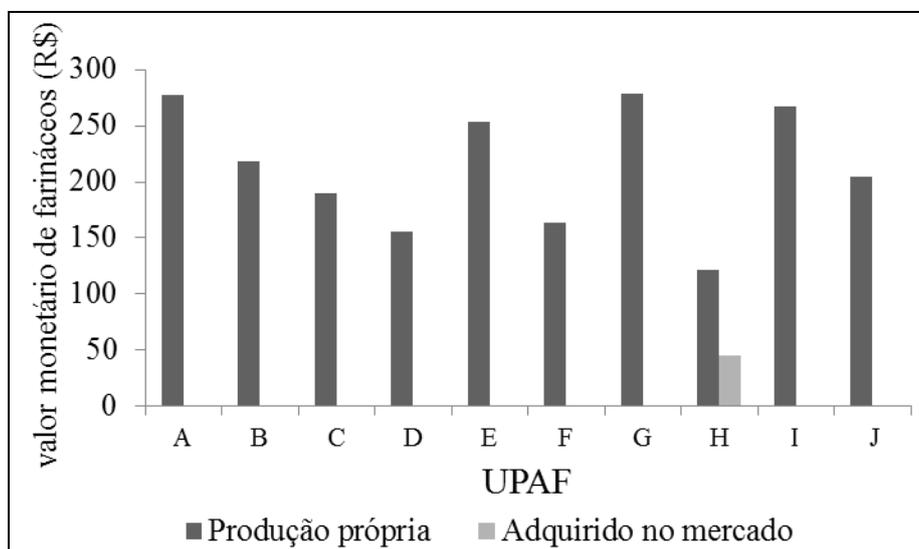
próprio alimento” (MULHER 46 J, 2015). Destacaram que os alimentos consumidos na propriedade são provenientes entre 50% e 80% da UPAF.

6.1 DESCRIÇÕES E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO AUTOSSUSTENTO

Analisando os dados e informações apresentadas acima sobre a produção de alimentos, é possível verificar que a produção para o autosustento está muito presente em todas as unidades avaliadas, inclusive nas unidades de maior área. O Gráfico 11 demonstra que apenas a unidade de produção H apresenta o hábito de adquirir em mercado alimentos derivados de farináceos. Ao contrário, as demais unidades relataram que costumam adquirir a farinha no mercado e realizam a transformação dos produtos, como doces, salgados, massas, pães e outros.

As unidades que apresentam maior e menor produção desses alimentos são a UPAF G e UPAF H, com respectivamente 279,0 e 122 reais (Gráfico 11). No entanto, a unidade que apresenta maior relação entre valor monetário de derivados da farinha e número de indivíduos, é a UPAF B, com 218 reais para dois indivíduos.

Gráfico 11 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos de farináceos.



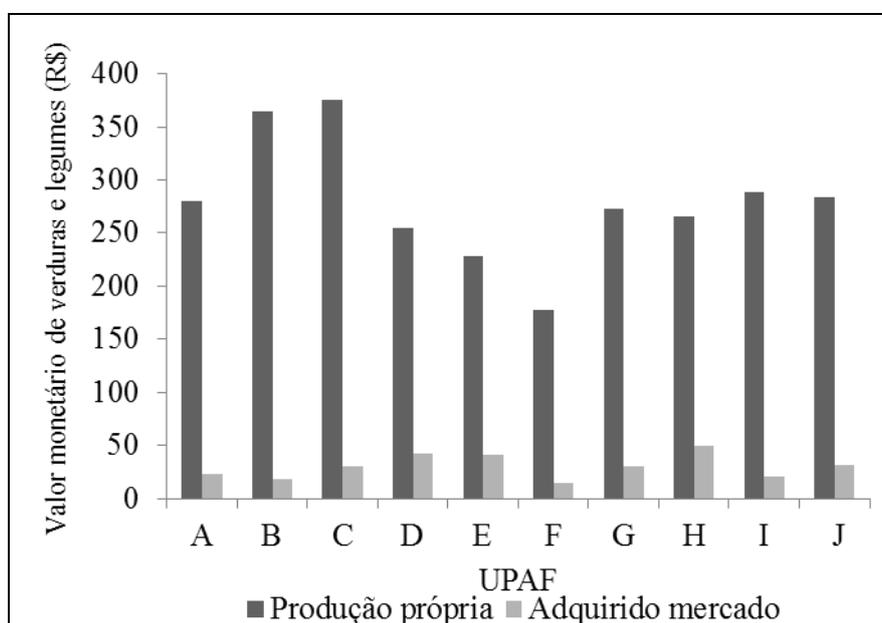
Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016).

No Gráfico 12, é possível verificar que no grupo das verduras e legumes, todas as unidades apresentam o hábito de adquirir em mercados estas variedades, com valor médio de 30,00 reais mensais. Isso se sucede em função que não é possível cultivar frutas, verduras e legumes em todas as estações do ano nas regiões do Sul do Brasil, pois o clima se caracteriza como temperado/subtropical úmido, impedindo o desenvolvimento de muitas espécies.

Induzindo assim, a aquisição em mercados. Além de que muitos alimentos, como a batata, cebola e moranga, não toleram longos períodos de armazenamento.

O valor médio monetário entre as unidades, de verduras e legumes produzidos é de 279 reais mensais. As unidades que apresentam maior e menor produção desses alimentos são a UPAF C e UPAF F, com respectivamente 375,00 e 177,97 reais (Gráfico 12). No entanto, a unidade que apresenta maior relação entre valor monetário de (verduras e legumes) e (número de indivíduos), é a UPAF B, com 265 reais para dois indivíduos.

Gráfico 12 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como verduras e legumes.



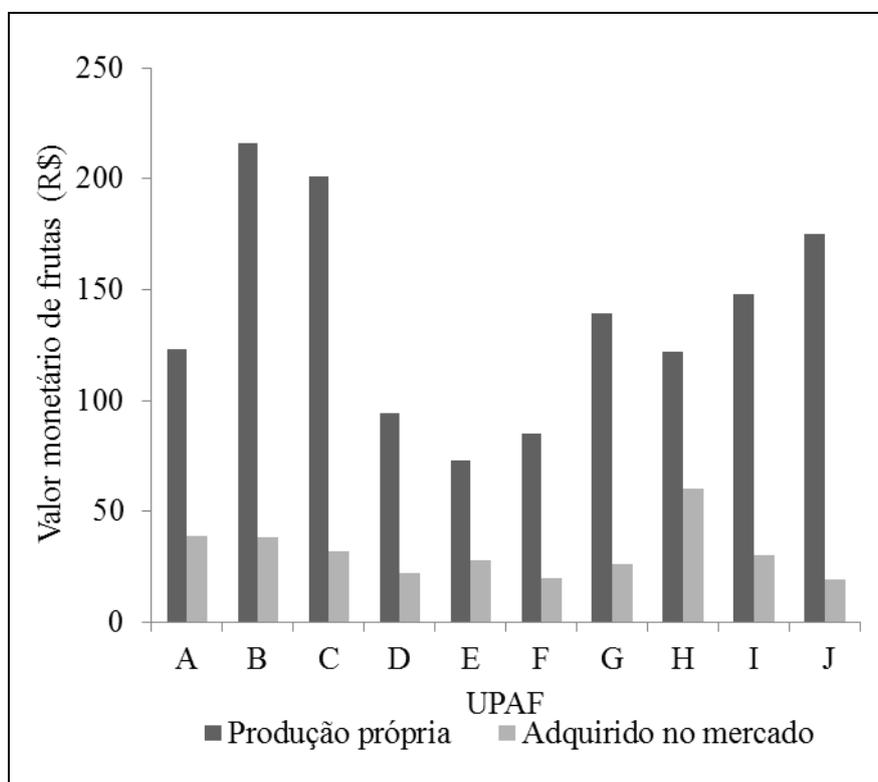
Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016).

No Gráfico 13, fica evidente que grande parte das frutas consumidas são produzidas nas unidades de produção, apresentando todas as propriedades expressiva produção. Quanto as que são adquiridas no mercado, as famílias relataram que muitas são variedades que não são possíveis serem produzidas na região devido às condições climáticas. Pois existem as frutas tropicais que não se adaptam aos climas frios (mamão, banana, manga e abacate). Apresentando as UPAFs valor monetário médio mensal de 31,4 reais mensais.

O valor médio monetário entre as unidades, de frutas produzidas é de 177,60 reais mensais. As unidades que apresentam maior e menor produção desses alimentos são a UPAF B e UPAF E, com respectivamente 216,0 e 73,0 reais (Gráfico 13). No entanto, a unidade que

apresenta maior relação entre valor monetário de frutas e número de indivíduos, é a UPAF B, com 75,00 reais para dois indivíduos.

Gráfico 13 - Valor monetário (R\$) mensal estimado de frutas.

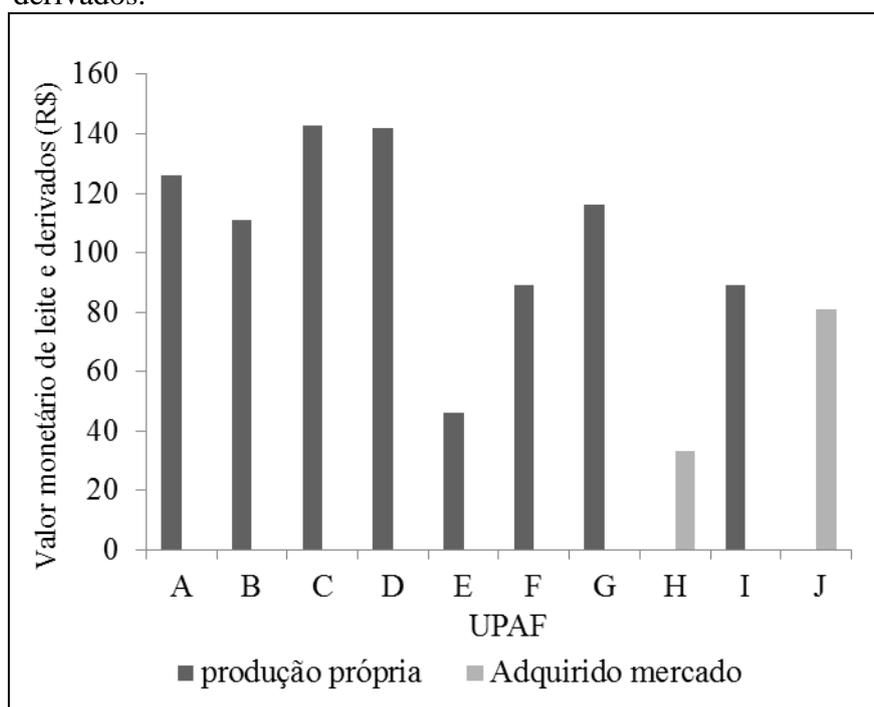


Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

O Gráfico 14, apresenta o valor monetário dos alimentos derivados do leite, das dez unidades, duas não produzem leite na UPAF, respectivamente H e J, adquirindo leite e derivados em mercados. Quanto as demais UPAFs, produzem leite e seus derivados na propriedade, apresentando com isso uma economia monetária que varia de 46,00 a R\$ 143,00, respectivamente para unidades E e C.

Algumas unidades de produção, além de apresentar o hábito de se alimentar do leite, se alimentam diariamente dos seus derivados, como queijo, manteiga, requeijão, nata e doce-de-leite. O queijo é destacado pelas UPAFs, como o derivado que está sempre presente na alimentação. A unidade que apresenta maior relação entre valor monetário de (leite e seus derivados) e número de indivíduos, é a UPAF B, com 111,00 reais para dois indivíduos.

Gráfico 14 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos leite e derivados.

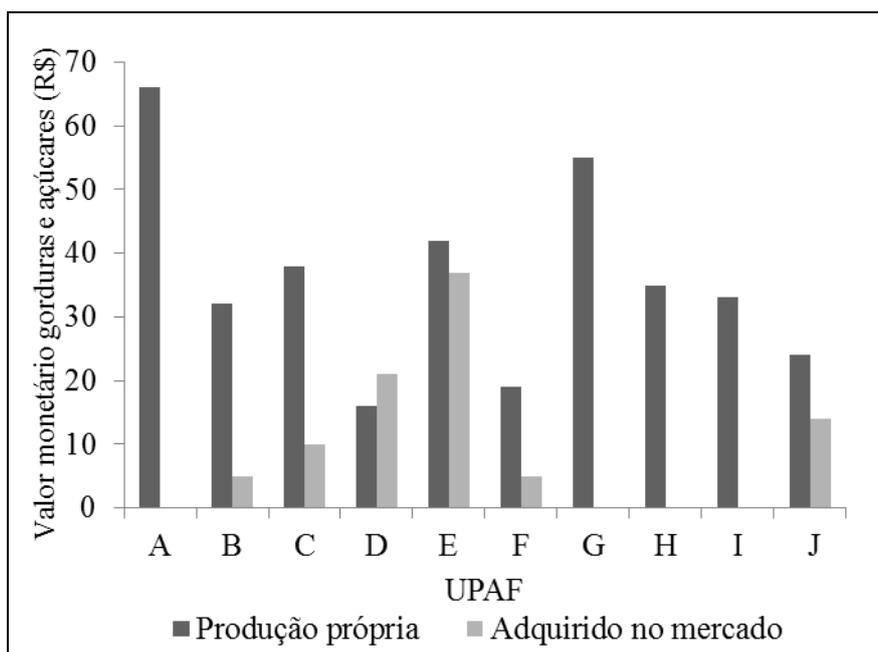


Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

O Gráfico 15 apresenta o grupo das gorduras e açúcares, em quatro UPAFs não adquirem nenhum destes itens no mercado, realizando produção apenas na propriedade. As demais UPAFs, apesar de produzirem, também adquirem no mercado. Todas as unidades destacaram que produzem geleias e chimias, utilizando frutas e até mesmo abóbora para elaboração destes.

O valor médio monetário entre as unidades, para gorduras e açúcares é de 66,00 reais mensais. As unidades que apresentam maior e menor produção desses alimentos são a UPAF A e UPAF D, com respectivamente 66,0 e 16,0 reais (Gráfico 15). Apresentando a UPAF A, a maior relação entre valor monetário de (gorduras e açúcares) e número de indivíduos, de 22 reais por integrante.

Gráfico 15 - Valor monetário (R\$) mensal estimado de gorduras e açúcares.

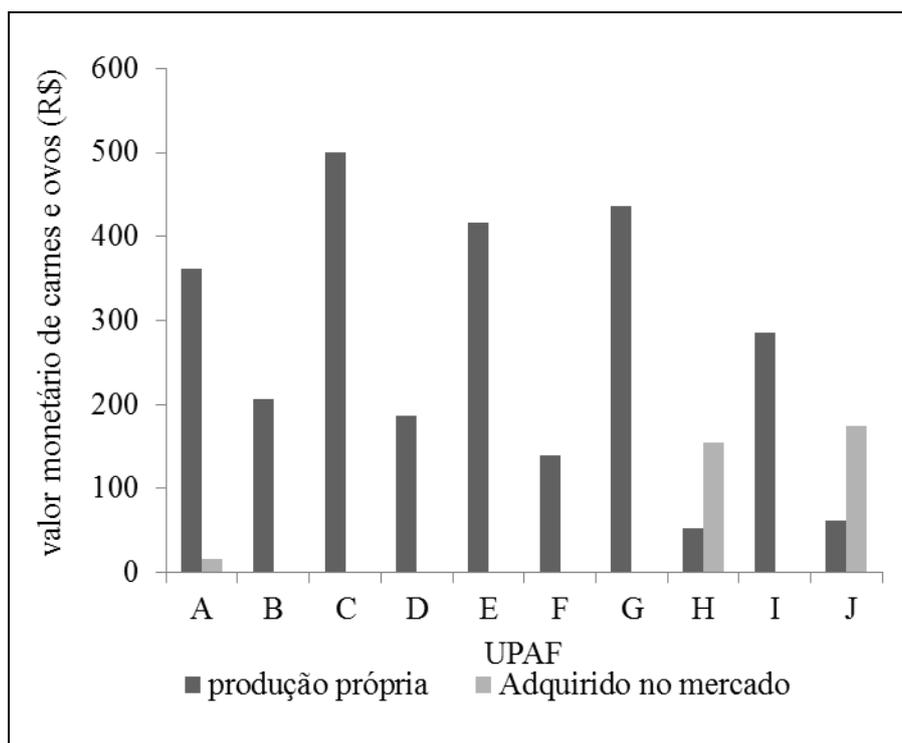


Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

Para o grupo das carnes e ovos (Gráfico 16), todas as UPAFs, produzem estes alimentos nas unidades de produção. As unidades A, H e J, além da produção, também adquirem carnes e ovos em mercados. A família da UPAF A relatou na pesquisa a campo, que somente adquire em mercado carnes de peixes. Por sua vez, as UPAFs H e J, por não serem autossuficientes na produção dessa ordem de alimentos, necessitam adquirir um valor monetário maior em mercados.

Todas as unidades de produção relataram que a carne é indispensável nas refeições. Para as unidades de produção avaliadas, o alimento de origem animal é relativamente de acesso fácil, uma vez que são quase na totalidade produzidos nas propriedades. A unidade C é a que realiza maior consumo monetário de carnes e ovos produzidos, ao contrário, a UPAF H é a que realiza menor consumo, respectivamente 500,00 e 53,00 reais. A unidade que apresenta maior relação entre valor monetário de (carnes e ovos produzidos) e número de indivíduos, é a UPAF A, com 361,00 reais para três indivíduos.

Gráfico 16 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos carnes e ovos.

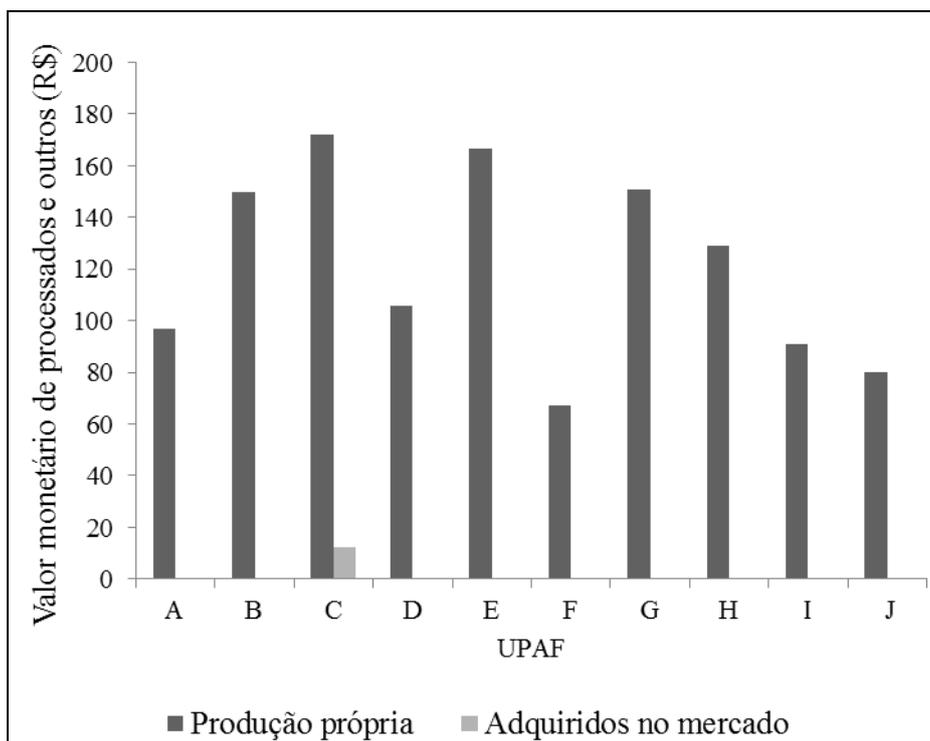


Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

No grupo dos processados e outros (Gráfico 17), para tanto, durante a entrevista a campo somente uma família a UPAF C relatou que adquire produtos como pipocas e amendoim no mercado. As demais unidades destacaram que não adquirem estas espécies de produtos no mercado somente produzem na unidade de produção.

Entre as unidades, o valor médio monetário mensal dos processados e outros produzidos é de 120,9 reais, ao contrário, dos adquiridos é de 12,17 reais, demonstrando a economia monetária existente. As unidades que apresentam maior e menor produção desses alimentos são a UPAF C e UPAF J, com respectivamente 172,00 e 80 reais (Gráfico 17). Apresentando a UPAF D a maior relação entre valor monetário de (processados e outros produzidos) e número de indivíduos, de 106,00 reais para três indivíduos.

Gráfico 17 - Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como processados e outros.

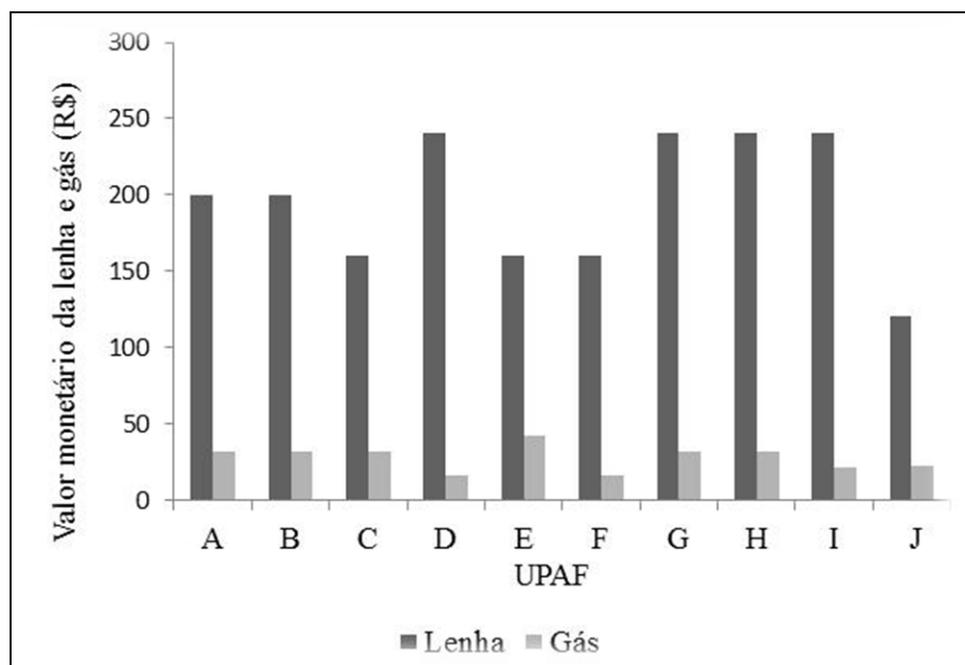


Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

No Gráfico 18, é possível verificar os valores monetários (R\$) da lenha e do gás de cozinha. Sendo que todas as famílias relataram que as lenhas produzem na UPAF e o gás de cozinha adquirem no mercado.

Entre as unidades, o valor médio monetário mensal da lenha produzida e consumida é de 196,00 reais, ao contrário, do gás é de 27,7 reais, demonstrando a economia monetária existente. As unidades que apresentam maior e menor produção e consumo da lenha são a UPAFs D, G, H e I são as que apresentam o maior consumo, e UPAF J, apresenta o menor consumo com respectivamente 240,00 e 120,0 reais (Gráfico 18). Apresentando a UPAF G a maior relação entre valor monetário de lenha e número de indivíduos, de 240,00 reais para quatro indivíduos. Em relação ao gás de cozinha a unidade que apresentam maior valor gasto é a UPAF E, e o menor valor é a UPAF F apresentando um gasto de 42,00 reais e de 16,00 reais. A UPAF E que possui o maior valor monetário gasto com a compra do gás de cozinha o número de indivíduos é de quatro.

Gráfico 18- Valor monetário (R\$) mensal estimado dos produtos como lenha e gás.



Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

No Gráfico 19, é possível verificar os valores monetários acumulados dos produtos produzidos na UPAF e adquiridos em mercados, das dez famílias avaliadas, três gastam menos de R\$100,00 mensais, cinco entre R\$ 100,00 e 150,00, uma entre R\$ 150,00 e 200,00, e uma entre R\$ 400,00 a 450,00.

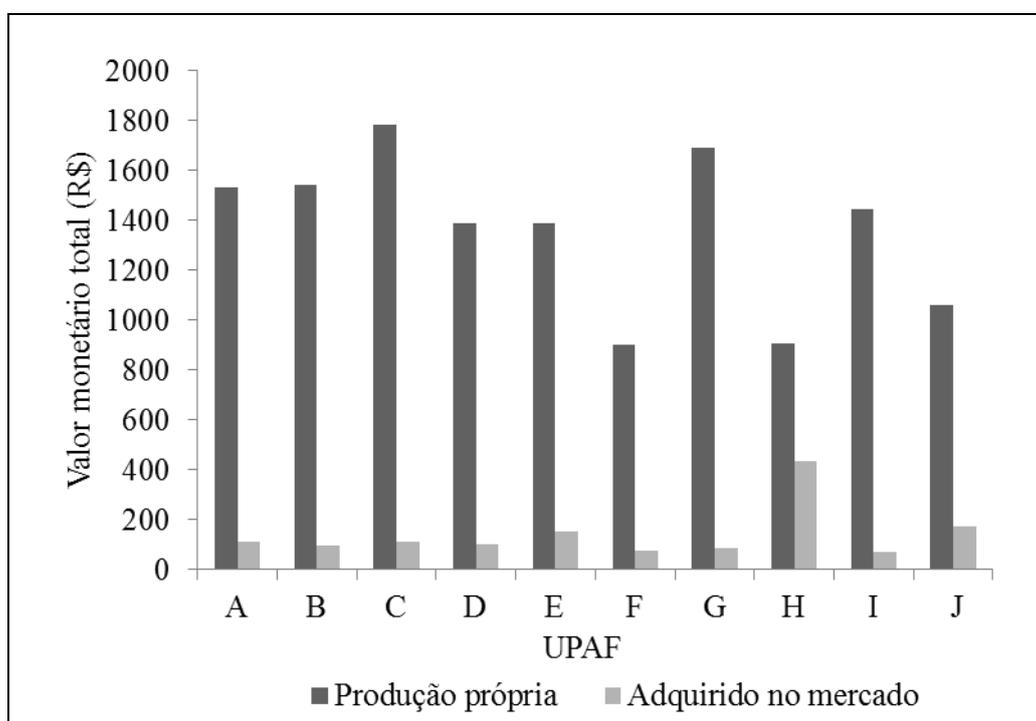
Quanto ao valor monetário economizado com a produção dos alimentos de autossustento, três famílias economizam uma média mensal estimada de R\$ 900,00 a 1050,00, três famílias economizam de R\$1300,00 a 1450,00, duas famílias economizam de R\$ 1500,00 a 1600,00 e duas famílias economizam de R\$ 1650,00 a 1800,00. É característica das propriedades avaliadas do município de Barra do Rio Azul a presença significativa da produção de alimentos para o autossustento do grupo familiar. Representada a produção vegetal por hortas pomares e pequenos espaços de terra e a produção animal, por principalmente produção bovina, suína e de aves. Obtendo-se a partir de alimentos de origem vegetal ou animal, derivados transformados, compotas e conservas.

Aplicando-se o teste de coeficiente de correlação de Pearson, por meio do Software Excel 2010, entre (o valor total monetário dos alimentos produzidos para o autossustento) e (o número de indivíduos nas UPAF), verificou-se, de 0,76, demonstrando que a quantidade de alimentos produzidos em cada unidade se relaciona com o número de integrantes. Ou seja, quando maior o número de indivíduos, maior é a necessidade de produção de alimentos para

o autossustento. Neste contexto pode-se confirmara as afirmações de Chayanov (1974) que quanto maior o número de componentes do grupo familiar maior será a produção dos alimentos para o autoconsumo do grupo familiar.

Em relação a produção de valores de uso na racionalidade camponesa a há produção excessiva do excedente. Ou seja, a produção excedente é a que está destinada atender a parentes, filhos que residem fora do estabelecimento e que visitam a propriedade com frequência e de manter a relação de reciprocidade com vizinhos.

Gráfico 19- Total do valor econômico monetário (R\$) mensal estimado dos produtos produzidos em relação aos adquiridos em mercado nas UPAF.



Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

Realizando-se uma contextualização dos produtos produzidos em relação aos comprados, observa-se que todas as famílias apresentam um valor monetário (R\$) econômico elevado por produzirem seus próprios alimentos. Considerando os agricultores envolvidos no estudo, é evidente que mesmo desenvolvendo muitas atividades diversificadas e para fins comerciais, as famílias não deixaram de produzir os alimentos destinados ao consumo interno.

Ao decorrer das entrevistas, foi perceptível que as famílias não apresentavam conhecimento do valor monetário referente aos alimentos que são produzidos na unidade de produção e consumidos pelo grupo familiar. Porém, quando questionadas sobre o valor

monetário gasto por mês nos mercados, apresentavam clareza bem definida sobre o valor. Apesar dos alimentos de autossustento contribuírem para a estabilidade econômica e minimização da vulnerabilidade, é evidente que as unidades de produção não contabilizam a renda monetária (R\$) do autossustento. Desta maneira confirma-se a hipótese de que predominando uma invisibilidade econômica dos produtos consumidos na unidade familiar em relação ao comércio. Neste contexto Grisa (2007), afirma que por se tratar de uma produção estabelecida entre homem, trabalho e natureza e ser realizada com os recursos disponíveis localmente a produção geralmente não é visível economicamente. Ou seja, “isso demonstra que o alimento que é produzido não é monetariamente valorizado, pois a ação de produção está tão internalizada que a ela não é conferido um valor econômico” (MINETTO, 2011, p. 50).

Gazzola (2004) na concepção de Chayanov (1974), destaca que a família camponesa se prepara com diferentes estratégias para garantir o alimento necessário para todo o ano, para ter uma qualidade e bem estar social de seus membros. Este aspecto para Chayanov é importante, pois aceita que a obtenção do consumo alimentar do grupo familiar esteja correlacionada com a segurança alimentar da família, no sentido das famílias traçarem as suas estratégias visando o consumo dos alimentos em primeiro lugar necessários para os membros. Ou seja, para Chayanov é necessário o caráter subjetivo da produção e distribuição dos produtos do trabalho (alimentos para a subsistência) entre os membros da família agricultora.

É interessante destacar que todas as famílias relataram que produzem entre 50% e 80% dos alimentos consumidos, tais resultados não confirmam a hipótese de que a produção de 50% do consumo dos alimentos é produzida na unidade familiar, pois todas as famílias relataram que produzem mais de 50% dos alimentos consumidos em suas unidades de produção. A produção de alimentos para o autossustento passou a ser considerado um complemento na produção de cunho comercial do sistema organizacional das UPAFs, e em escala variada acontece à compra de produtos para a alimentação. “[...] este tipo de produção continua sendo recorrente entre a grande maioria das unidades familiares, assumindo novas conotações e atributos, destacando-se neste sentido, o potencial à manutenção da autonomia dos agricultores familiares” (GRISA, 2007, p. 48).

Todas as unidades de produção pesquisadas realizam o cultivo de produtos para o autossustento do grupo familiar. Quando questionados sobre quem são as pessoas que se envolvem na produção de cada grupo dos produtos para o consumo as famílias, respondiam que em relação às verduras e legumes, que os homens somente ajudam no preparo da terra,

mais especificamente quando se trata de plantar mandioca, batata, pipoca, amendoim e etc, que é necessário arar a terra. Mas no caso dos produtos produzidos na horta e os farináceos, todas as famílias relataram que somente as mulheres são responsáveis pela produção destes alimentos. Quanto às frutas, leite e derivados, gorduras e açúcares, carnes e ovos, e processados e outros, responderam que todos os membros das famílias se envolvem nas tarefas da produção, mas que quanto aos derivados do leite, como a produção de queijo, manteiga, requeijão e os transformados de origem vegetal, como compotas, conservas e geleias, somente as mulheres realizam estas tarefas (Figura 9).

Figura 9 - Divisão sexual do trabalho nas tarefas para a produção do autossustento.

Verduras e legumes	<ul style="list-style-type: none"> • Homens somente ajudam no preparo da terra. • As mulheres cuidam do plantio, limpa e colheita.
Produtos produzidos em hortas	<ul style="list-style-type: none"> • Tarefa da mulher.
Farináceos, derivados de leite e transformados de origem vegetal	<ul style="list-style-type: none"> • Tarefa da mulher.
Frutas, leite, gorduras e açúcares, carne e ovos, processados e outros	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as pessoas do grupo familiar se envolvem nas tarefas.

Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

Com base dessas informações dos respondentes, considera-se necessário verificar a divisão do trabalho já mencionado anteriormente, em que se confirma a hipótese da diferenciação de gênero no trabalho da produção de alimentos para o consumo doméstico. A mulher desempenha um papel importante na produção dos alimentos para o consumo doméstico, além do trabalho realizado na UPAF que objetiva a renda, contemplando dimensões que envolvem o caráter social e econômico. Neste sentido pode-se afirmar que “as mulheres fortalecem a agricultura [...] e conseguem vincular várias dimensões de vida, [...] em suas ações cotidianas” (GRISA, 2007, p. 51).

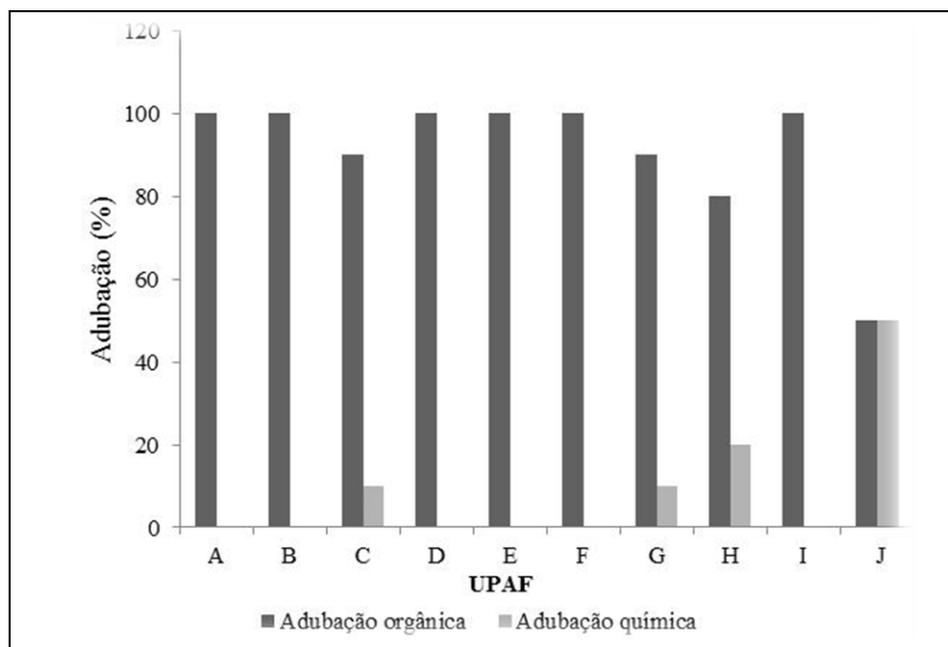
Dando destaque também as mulheres que exercem atividades remuneradas fora da UPAF, as mesmas relataram que além de trabalharem fora da unidade de produção, são responsáveis pelo trabalho doméstico da casa. A produção de alimentos para o autossustento e outras atividades existentes na propriedade. Neste sentido “a maior parte das mulheres que trabalham fora da propriedade rural tende a não reduzir seus compromissos com o trabalho nesta propriedade” (DANES, 1998 apud ALMEIDA JUNIOR; HOEFFEL; QUEDA, 2008, p. 70).

Analisando-se as práticas de cultivo utilizadas, as famílias entrevistadas quando indagados sobre a adubação utilizada na produção de alimentos para o autossustento, 60% das famílias apontaram que somente utilizam adubação orgânica distribuída entre esterco de aviário, bovino e ovino. As outras 40%, relataram que além da adubação orgânica, também utilizam em pequenas proporções (média de 25 %) um reforço com adubo químico.

Percebe-se que os estabelecimentos rurais costumam utilizar a adubação orgânica para a produção de alimentos para o autossustento, pois as mesmas tem acesso fácil e sem custos financeiros por produzirem o adubo em suas UPAFS, e o mesmo proporciona melhoria na fertilidade do solo contribuindo para o aumento na produção e um alimento mais saudável sem o uso de adubos químicos.

O Gráfico 20 demonstra que a UPAF J utiliza 50% de adubo orgânico e 50% de adubos químicos, pois o estabelecimento agrícola desenvolve a atividade de olericultura para a comercialização. As UPAFs C, G e H somente utilizam pequenas proporções para a produção do autossustento como no cultivo de feijão, frutas e outros.

Gráfico 20 - Adubação orgânica e química (%) realizada nas UPAFs para a produção de autossustento.



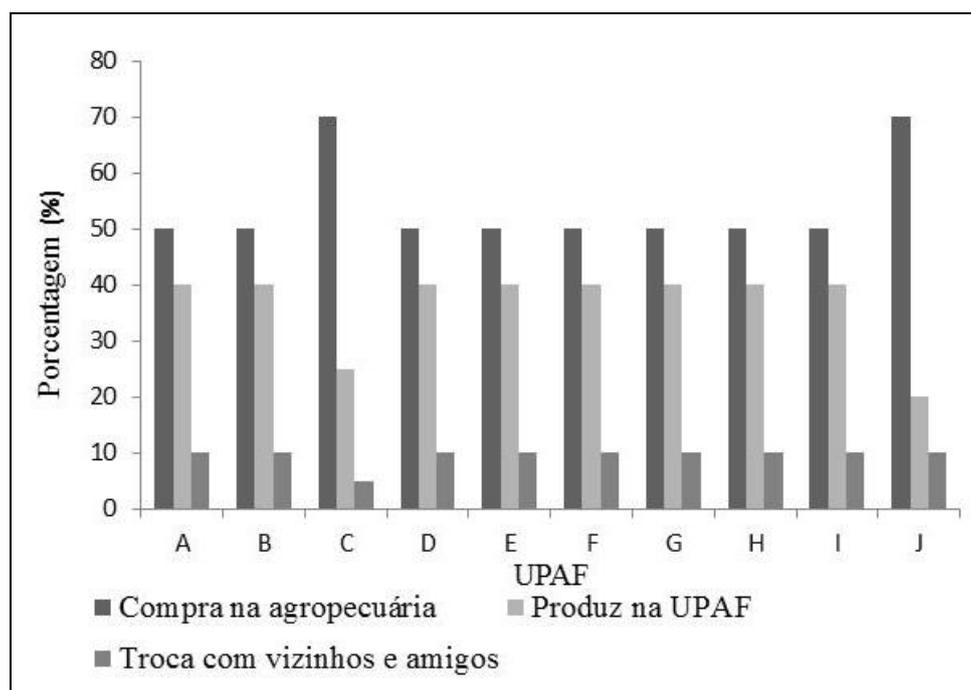
Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

Para o controle de pragas (infestações de insetos), doenças e ervas espontâneas, 80% das famílias responderam que não utilizam nenhum tipo de produto químico ou orgânico. Já as outras 20%, relataram que utilizam 20% de alguns produtos químicos para o controle fitossanitário e 80% de produtos orgânicos para o controle de pragas e doenças e para o controle das plantas espontâneas, relataram que costumam fazer capina. Com estas informações pode-se sugerir que não se confirma a hipótese de que a partir da modernização e a chamada “Revolução Verde” intensifica-se o uso de agrotóxicos e químicos na produção dos alimentos, pois ainda existe uma conscientização das famílias quanto à produção do autossustento sem utilizar agrotóxicos e adubos químicos. Aqui pode-se chamar atenção para o caráter parcial em que a modernização da agricultura se territorializa nas UPAFs, ficando praticamente restritas a produção de produtos de origem vegetal e animal para a comercialização. Ou seja, o agrotóxico e a adubação química é uma prática induzida pelo agronegócio e não está difundida culturalmente na produção para autossustento pela família.

Em relação à forma que adquirem as sementes, mudas e ramas, oito das dez famílias responderam que 50% costumam comprar, 40% produzem na própria UPAF e 10% trocam com vizinhos e amigos. As outras duas famílias apresentam o hábito de comprar 70%, adquirindo as demais sementes, mudas e ramas por meio de trocas e realizando produção na própria unidade (Gráfico 21).

No Gráfico 21 é possível verificar que as UPAFs C e J costumam comprar 70% das mudas e sementes, desta maneira pode-se desatacar que de acordo com os relatos existe uma dificuldade em produzir as mesmas internamente devido aos insetos danificarem as mudas mais especificamente de verduras produzidas em hortas. Quanto as sementes por demandar de um tempo maior para a colheita e as famílias estarem mais envolvidas com a produção convencional para o mercado.

Gráfico 21- Dados gerais (%) da maneira que as UPAFs adquirem sementes e mudas.



Fonte: Pesquisa a campo (dez., 2015, jan. e fev., 2016)

Quanto ao costume de guardar as sementes crioulas, mudas, ramas e outras para cultivar, todas as famílias foram unânimes em afirmar que costumam guardar, conforme já descrito neste trabalho. Citaram que costumam guardar sementes de moranga, abóbora, feijão de vagem, pepino, melancia, radiche, salsa, rama de mandioca, chuchu, batata-doce e entre outros. Com o desígnio de perceber as relações sociais de reciprocidade existente com relação da troca de sementes, ramas e mudas entre as pessoas da comunidade e como funciona a relação de troca, todas as famílias relataram que costumam trocar algumas espécies de sementes e mudas especialmente com os vizinhos e parentes. Decorrente destas respostas,

O ato de guardar as sementes proporciona que a família tenha a segurança de que vai ter como efetuar o plantio de produtos para alimentação quando chegar a época adequada e ao mesmo tempo confere uma certa autonomia que se traduz em

segurança de que o alimento não vai faltar a mesa. A guarda das sementes também tem um valor afetivo no sentimento de que muitas sementes criolas estão sendo reproduzidas ano após ano e pelas quais os agricultores familiares podem além de manter a guarda da espécie, doar para seus vizinhos, parentes e amigos para que se multipliquem e perpetuem contribuindo com a diversificação que é peculiar na agricultura (MINETTO, 2011, p. 56).

Ainda em relação ao ato de doar os alimentos aos filhos, parentes e amigos que residem na cidade, todas as famílias responderam que tem esse hábito, principalmente para os filhos. Estas declarações evidenciam que a produção para o autossustento ainda origina um excedente para ser destinado a doações e estimula sociabilidades através do alimento. Uma família relatou que os excedentes da produção também são utilizados para a alimentação dos animais, destacando a utilização de abóbora, batata-doce e mandioca.

Pode-se constatar que a produção para o autossustento no município de Barra do Rio Azul promove as relações de sociabilidade e reciprocidade entre as famílias agricultoras. Na concepção de Sabourim (2006 apud MINETTO, 2011) destacam que as relações de reciprocidade, o compartilhamento e ajuda mútua são valores humanos que se transformam em relações de amizade e confiança na redistribuição das trocas.

As famílias quando questionadas sobre as dificuldades de se produzir alimentos para o autossustento, todas relataram as condições meteorológicas, doenças e insetos e 40% também relataram que o uso intensivo de agrotóxicos utilizados no controle das plantas espontâneas nas pastagens e lavouras para comercialização é outro fator. De acordo com Minetto (2011) a produção de alimentos para o autoconsumo confirma sua importância nas unidades de produção, “para garantir a segurança alimentar não bastam grandes produções, mas os pequenos plantios visando a alimentação do grupo familiar são fundamentais para garantir a segurança alimentar das famílias rurais” (MINETTO, 2011, p. 48).

No entendimento dos agricultores de todas as unidades avaliadas, sobre as vantagens de se produzir seus próprios alimentos para o autossustento, entendem que seja a melhor saúde, favorece melhor alimentação, relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos e econômica. Somente uma família relatou o item geração de renda, por desenvolver o trabalho agrícola na UPAF relacionado à venda de produtos olerícolas na feira (conforme questão 11 do item 7, apêndice I). Para tanto a policultura de subsistência tem um grande potencial a ser explorado no município aqui estudado para a produção da venda do excedente, isto se houvessem estímulos para a produção do excedente para a comercialização, especialmente de alimentos orgânicos, como já é usual nos estabelecimentos pesquisados para o autossustento.

Na percepção das famílias entrevistadas, de acordo com os relatos dos entrevistados já mencionados anteriormente, a produção de seus próprios alimentos é vista como uma atividade importante, prazerosa e entre outros. Em manifestações dos entrevistados é possível perceber que o ato de produzir seus próprios alimentos “[...] está incorporado ao cotidiano do agricultor, há a valorização com aquilo que ele próprio produz e ainda a continuidade dos ensinamentos trazidos através de anos e da vivência com os antepassados” (MINETTO, 2011, p. 49). Para tanto pode-se dizer que os agricultores do município estudado valorizam sua produção de alimentos para o autossustento do grupo familiar e os consideram mais saudáveis em relação aos alimentos comprados no mercado.

Todavia a hipótese é parcialmente confirmada. Pressupôs-se que com o sistema capitalista, que as famílias se ocupam mais com o trabalho remunerado na unidade familiar e produzem menos alimentos para autossustento. No entanto, isso não foi confirmada de acordo com o resultado da pesquisa a campo, por perceber que 100% das famílias tem uma produção elevada economicamente para o autossustento do grupo familiar em relação ao que costuma adquirir em mercado. Dentre as diversas culturas produzidas e as dinâmicas de sociabilidade observou-se que as famílias da agricultura familiar mantêm os hábitos e culturas dos antepassados. Neste contexto a produção de alimentos para o autossustento na agricultura familiar, fica evidenciada a continuação da cultura herdada de geração para geração, as relações sociais de reciprocidade com os parentes, amigos e vizinhos nas trocas e doações dos produtos. Neste contexto confirmam-se as afirmações de Chayanov (1974) destacando que o mesmo relata que a unidade de produção da agricultura familiar visa o bem estar da família e a segurança da reprodução do grupo familiar e da unidade de produção.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise da produção e consumo de alimentos das unidades familiares da Agricultura familiar do município de Barra do Rio Azul-RS, com diversidade demográfica, produtiva e idades diferentes, foi possível constatar que as atividades de produção são desenvolvidas exclusivamente pelos integrantes do grupo familiar, demonstrando equilíbrio interno no grupo familiar. As famílias pesquisadas têm uma média estimada mensalmente de R\$ 1360,18 (mil trezentos e sessenta reais e dezoito centavos) equivalente aos produtos produzidos para o autossustento. Pode-se dizer que é uma atividade econômica invisível, porém muito estratégica.

Da mesma maneira que ocorria antigamente, as atividades dentro da unidade de produção familiar, ainda envolvem a diferença do gênero homem e mulher, com o protagonismo da mulher nas atividades desenvolvidas em pequenos espaços. Apesar das unidades apresentarem relações produtivas que foram induzidas ao capitalismo, as mesmas também realizam uma diversidade de atividades voltadas ao autossustento. Sendo atreladas a sociabilidade com quem mora fora do estabelecimento e expressa uma territorialidade de elevada importância na presença de laços e relações sociais com os vizinhos, amigos e parentes, por meio de práticas recíprocas que é uma característica herdada de gerações anteriores com a preocupação de transmitir para os filhos.

Em grande medida a produção é realizada sem o uso de agrotóxicos e adubos químicos, uma preocupação muito forte das famílias com a saúde, o prazer de produzir e transformar seus próprios alimentos com melhor qualidade nutricional.

Pode-se destacar também a preocupação das famílias em guardar as sementes, mudas e ramas, e o grande interesse pelas trocas para a ampliação de variedades genéticas. É possível destacar que nas unidades familiares existem dificuldades para produzir os alimentos para o autossustento como as condições meteorológicas, infestações de insetos, doenças e uso excessivo de agrotóxicos nas pastagens perenes (potreiros com grama) para fazer a limpa ou dessecar as plantas espontâneas.

Existe um potencial de se produzir para vender o excedente da produção do autossustento no município, porém não há incentivo do poder público, pois somente 10% das unidades têm produção comercial dos alimentos de autoconsumo.

Pode-se considerar que nas unidades existe diversidade de produtos agrícolas e pecuários e avanço na produção para as agroindústrias, porém é possível confirmar que as famílias pesquisadas não deixam de produzir para o autossustento do grupo familiar. Ou seja, não está ocorrendo uma alteração significativa dos sistemas de produção de autossustento nos estabelecimentos. E, por fim, é possível concluir que a produção dos alimentos de autossustento apesar de as UPAFs produzirem para a industrialização e estarem sendo afetados pelo desenvolvimento capitalista, foi possível perceber a elevada importância econômica, cultural e social, promovendo nas unidades familiares, a diminuição de despesas e a melhoria da qualidade de vida dos integrantes.

8 REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA JÚNIOR, A.R. de, HOFFEL, J.L.de M, QUEDA, O. **A propriedade rural como símbolo: representações sociais e o impacto sobre o ambiente na bacia do rio Atibainha, SP**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2018.

Anuario Brasileiro da Agricultura familiar 2015. Disponível em: <http://agriculturafamiliar.agr.br/offline/Anuario%202015/anuario-agricultura-2015.pdf>. Acesso em 15 set. 2015.

BERTOTTI, A.P. **Êxodo da jovem rural: um estudo no município de Cuzaltense – RS**. Trabalho de conclusão do curso (Graduação). UFFS. Erechim, RS, 2014.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FFE: Fundação de Economia e Estatística, 2012. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/municipal/tabelas-destaques/>> Acesso em: 16 nov. 2015.

GAZOLLA, M. **Agricultura Familiar, Segurança Alimentar e Políticas Públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai, RS**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre, RS. 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5583/000472644.pdf?>. Acesso em: 15 set.2015.

GAZOLLA, M., SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.89-122, abril 2007. Disponível em: <1.ufrjr.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/283/279>. Acesso em 15 jan. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas da questão Agrária Brasileira**. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/>> Acesso em 15 set.2015.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre a iniciação á pesquisa científica**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

GRISA, C. **A produção ‘pro gasto’**: um estudo de caso comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural- Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11001>>.Acesso em: 17 set.2015.

HOMEM 45, E. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 53, A. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 54, G. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 57, H. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 63 D. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 64, F. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

HOMEM 67, C. [dez.2015] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População urbana e rural de Barra do Rio Azul.** IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 25 fev.2016.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=430192&search=rio-grande-do-sul|barra-do-rio-azul>. Acesso em: 15set. 2015.

MALUF, R.S.; MENEZES, F.; MARQUES, S.B. Caderno 'segurança alimentar', 2001. Disponível em: <http://www.dhnet.org.Br/direitos/sos/alimentação/tconferencias.html>> acesso em : 31 jan.2016.

MARTINELLO, André Souza, SCHNEIDER, Sérgio. Paralelos entre Antonio Candido e Alexandre Chayanov: Economia fechada, equilíbrio mínimo e rusticidade. In: CARVALHO, Horacio Martins de. (Org.) **Chayanov e o campesinato.** São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 273-298

MINETTO, M. C. **Produção para autoconsumo na agricultura familiar em Santo Ângelo, RS.** Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação. UFRGS. Porto Alegre, RS, 2011.disponivel em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000819941.pdf?...1>. Acesso em: 15 set.2015.

MULHER 31, C. [dez.2015] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 38, I. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 45, E. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 46, J. [dez.2015] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 47, A. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 47, B. [Fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 48, G. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 49, H. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 60, F. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 64, C. [dez.2015] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 69, D. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

MULHER 89, D. [fev.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

O JOVEM 24, A. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

O JOVEM 25, G. [jan.2016] Entrevistador, Sandra Medianeira Tessaro Zeist, 2016.

OCTAVIANO, C. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** Repostagem. Scielo: ComCiência. Campinas, 2010. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151976542010000600006& >Acesso em: 18 set. 2015.

OLIVEIRA, A. U. **A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro.** In. CARLOS, A. F. A. (Org.) *Novos caminhos da Geografia*, São Paulo: Contexto, 2010.

PIRAN, Nédio. **Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai.** Erechim: EdiFAPES, 2001. p. 192.

REDIN, E. SILVEIRA P. R. C. da. O campesinato revisitado: contribuição para compreensão da agricultura contemporânea. **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Campo Grande. MGS, 2010. Disponível em: www.sober.org.br/palestra/15/533.pdf. Acesso em: 27 set. 2015.

RODRIGUES, S. N. **Participação das mulheres e produção de auto-sustento no fortalecimento da agricultura camponesa em assentamentos de nova Santa Rita (RS).** Monografia de especialização. UFSM, Santa Maria, RS, 2011.

SAQUET, M. A. Campo-Território: Considerações Teórico-Metodológica **Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006. Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11780/6894>. Acesso em: 8set. 2015.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, vol.1, n31 p. 3 a 16, 2009. Disponível em: agbpp.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf.> Acesso em: 13 set.2015.

SAQUET, Marcos Aurélio; CANDIOTTO, Luciano Z. P.; ALVES, Adilson Francelino. Construindo uma concepção reticular e histórica para estudos territoriais. In PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinós da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs). **Teorias e Práticas territoriais: análises espaço-temporais.** São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.53-68.

SCHMITZ, A. M. FERNANDES, P. A. SANTOS. R. A. dos A Participação das Mulheres agricultoras no sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR de Francisco Beltrão – PR: Uma Discussão de Gênero na Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, MG, out. 2012.

Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1lenga/anais_enga_2012/eixos/1028_1.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.

SCHMITZ, A. SANTOS R. A. dos. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais... Eletrônicos.** Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/10/.../anais/.../1384267320_arquivo_ali. Acesso em: 15 set. 2015.

SOUZA JUNIOR, X. S. de S. de. A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa-PB. In: RAMIRES, J. C. de L., PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da investigação.** Uberlândia: Assis, 2009, p. 25-73.

TEDESCO, J. C. Modernização, patrimônio cultural e dinâmicas familiares: estratégias camponesas e territoriais de desenvolvimento no centro-norte do RS. **R U R I S.** v. 4, n. 1, mar. 2010. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/download/709/574. Acesso em: 15 set. 2015.

VALE, Ana Lia Farias. SAQUET, Marcos Aurélio. SANTOS, Roseli Alves dos. **O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração.** Revista Fax Ciência, n° 2, 2005.

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar realidades e perspectivas.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 21-55.

WOORTMANN, Klaas. O modo de produção doméstico em duas perspectivas: Chayanov e Sahlins. In: CARVALHO, Horacio Martins de. (Org.) **Chayanov e o campesinato.** São Paulo: Expressão Popular, 2014. p.229-272.

APÊNDICE

Apêndice I

Roteiro de entrevista⁸

Entrevistado: _____

Localidade: _____

Data: _____ Nº entrevistado: _____

1. Identificação

a) Caracterização da família da Unidade de Produção Agrícola Familiar (UPAF).

Nome do agricultor: _____ Idade: _____

Nome da agricultora: _____ Idade: _____

b) Área da propriedade em hectares: _____ Própria: sim () Não ()

Se for não qual forma. Arrendamento () Parceria () outras ()

c) Composição familiar das pessoas residentes na UPAF.

() somente o casal. Idade () Homem () Mulher

() Casal mais um filho. Idade () Homem () Mulher () Filho

() casal mais dois filhos. Idade () Homem () Mulher () Filho () Filho

() casal e mais de três filhos. Idade () Homem () Mulher () Filho () Filho () Filho

() Casal e outros familiares. Quantos. 1) _____ Idade () homem () Mulher

2) _____ Idade () Homem () Mulher

3) _____ Idade () Homem () Mulher

d) Número de pessoas da família que recebem aposentadoria ou pensão:
Quantas? _____

e) Número de pessoas da família que trabalha em tempo parcial fora da UPAF:
Quantas? _____

e) Mão de obra familiar:

Jovens de (10 a 30 anos): _____

Adultos de (30 a 60 anos): _____

Pessoas acima de (70 anos): _____

Empregados fixos: _____

Empregados temporários: _____

2. Atividades agrícolas da UPAF.

1. Qual a forma de utilização da terra na UPAF:

() lavouras perenes. Área (ha): _____. Culturas: _____

() lavouras anuais. Área (há) _____. Culturas: _____

() Silvicultura. Área (há) _____.

() Pastagens perenes. Área (há): _____ Culturas: _____

() pastagens cultivadas. . Área (ha): _____. Culturas: _____

() Outras. . Área (ha): _____. Culturas: _____

⁸ O presente roteiro de entrevistas foi adaptado ao referido questionário do TCC “Produção para autoconsumo na agricultura familiar em Santo Ângelo”, Minetto (2011).

3. Com relação as atividades pecuárias desenvolvidas na UPAF:

- () Bovinos corte. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Bovinos leite. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Suinocultura. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Caprinocultura. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Ovinocultura. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Avicultura. Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Piscicultura: Cabeças: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () Apicultura: Quant. Caixas: _____. () integração () venda direta () consumo interno
 () outros: Quant.: _____. () integração () venda direta () consumo interno

5. Porque desenvolve essas atividades agropecuárias (diversificadas)?

6. Com a diversificação de atividades na UPAF existe uma melhoria na rentabilidade e no consumo da família? Por que?

3. Máquinas e implementos agrícolas de trabalho.

1. Quais são as máquinas e implementos agrícolas utilizados na produção da UPAF?

2. Quais são as máquinas e implementos agrícolas utilizados para a produção de autoconsumo?

3. Utiliza equipamentos e implementos agrícolas terceirizados? () sim () não

4. A renda familiar da UPAF.

a) A renda familiar é proveniente da renda agrícola em:

- () menos de 50% () 50 % a 70 % () mais de 70 % () 100%

5. Consumo e produção de alimentos.

Produtos Consumidos	Quantidade aproximada consumida por mês			Origem dos alimentos consumidos na UPAF	
	Não consome	Consome	Quant.	Produzido na UPAF	Comprados
Verduras e legumes				Quant.	Quant.
Abobrinha de tronco- Kg					
Repolho-Um					
Alface- Um					
Couve-flor- Um					
Couve-brócolis- Um					
Batatinha- kg					
Beterraba – Kg					
Cebola- kg					

Cenoura- kg					
Moranga- Kg					
Abóbora- kg					
Chuchu- kg					
Tomate- Kg					
Feijão- kg					
Arroz- Kg					
Pepinos- Kg					
Mandioca- Kg					
Batata doce- kg					
Alho- kg					
Radiche- Maço					
Couve folhas – maço					
Temperos- Maço					
Rucula- Maço					
Pimentão- Kg					
Beringela- Kg					
Frutas					
Uva- Kg					
Citros- Kg					
Banana- Kg					
Pera- Kg					
Maçã- Kg					
Abacate- Kg					
Melão- Kg					
Pêssego- kg					
Caqui- kg					
Melancia- Kg					
Abacaxi- Um					
Manga- Kg					
Morango- kg					
Ameixa- Kg					
Jaboticaba- kg					
Mamão- kg					
Pinhão- Kg					
Pitanga- kg					
Araçá- Kg					
Uvaia- kg					
Guabiroba- Kg					
Nespora- Kg					
Carne e ovos					
Carne de frango- kg					
Carne de gado- Kg					
Carne de Porco- Kg					

Carne de peixe- Kg					
Carne de ovelha- Kg					
Ovos- dúzia					
Leite e derivados					
Leite- L					
Queijo- kg					
Nata- kg					
Manteiga- kg					
Requeijão- kg					
Doce de leite- kg					
Açúcares e gorduras					
Banha- Kg					
Açúcar mascavo- kg					
Geléia/Chimia- kg					
Melado- kg					
Mel- kg					
Farináceos					
Bolachas doces- Kg					
Bolo- Kg					
Grostoli- Kg					
Macarrão- Kg					
Lasanha- Kg					
Salgados- Kg					
Pão caseiro- Un					
Cucas					
Processados e Outros					
Pipocas- Kg					
Amendoim- Kg					
Conservas- vidros					
Computas- vidros					
Salame- Kg					
Vinagre- L					
Vinho- L					
Lenha- m ²					

Gás- L					
--------	--	--	--	--	--

6. Produtos adquiridos para alimentação diária fora da UPAF.

1) Qual o valor monetário geral gasto no mercado por mês com produtos alimentícios de higiene e limpeza?

7. Outras informações relacionadas à propriedade:

1. De que forma adquirem as sementes e mudas plantadas na unidade de produção utilizados para a alimentação?

Agropecuária () %

Produção na UPAF () %

Troca () %

2. A Família tem o costume de guardar as sementes crioulas, batatas, ramas e outros para plantar na unidade de produção? Por que?

3. Existe a troca de sementes e mudas entre as pessoas da comunidade? Como quem são realizadas estas trocas?

5. Como funciona a relação de troca com os vizinhos?

6. Quem são as pessoas que se envolvem com a produção de autossustento:

a) Legumes e verduras Homem Mulher Filho

b) Frutíferas Homem Mulher filho

c) Carne e ovos Homem Mulher Filho

d) Leite e derivados Homem Mulher Filho

e) Açúcar e gorduras Homem Mulher Filho

f) Farináceos Homem Mulher Filho

g) Outros Homem Mulher Filho

7. Os alimentos produzidos na UPAF são:

Destinados somente para o consumo interno. Quanto: _____ %

E troca com vizinhos e parentes. Quanto: _____ %

E destinados para a venda. Quanto _____ %

8. Adubação realizada na propriedade pra a produção dos alimentos para o autoconsumo:

Química () %

orgânica () %

Não realiza

9. Modo de controle de pragas, doenças e plantas daninhas utilizado:

- orgânica () %
- químico () %
- Biológico () %
- Outros () %
- não utiliza

10. Em sua opinião, cite quais são as maiores dificuldades para se produzir alimentos para o autossustento.

11. Quais são as vantagens de produzir alimentos para o autossustento:

- Economia;
- Geração de renda;
- Saúde;
- Melhor alimentação;
- Relação de amizade com vizinhos, parentes e amigos;
- outros;

12. De que maneira a família vê a produção de seus próprios alimentos?

13. Existe o costume de fornecer alimentos gratuitamente para os filhos, parentes e amigos que moram na cidade?

14. Quanto aos alimentos produzidos para o autossustento da UPAF são provenientes:

- menos de 20%
- mais de 20 e menos de 50%
- mais de 50% e menos de 80 %
- mais de 80%

Apêndice II

Lista de preços dos produtos em supermercado, pesquisados no mês de março de 2016.

Verduras e legumes	Unidade	R\$	Frutas	Unidade	R\$	Carnes e ovos	Unidade	R\$
Abobrinha de tronco	Kg	3,00	Citros	Kg	3,39	Carne de frango	kg	5,69
Repolho	Kg	3,99	Banana	Kg	1,55	Carne de gado	Kg	14,00
Alface	Un	2,12	Pera	Kg	4,89	Carne de Porco	Kg	9,50
Couve-flor	Un	7,99	Maçã	Kg	5,60	Carne de peixe	Kg	17,05
Couve-brócolis	Un	7,99	Abacate	Kg	5,89	Carne de ovelha	Kg	18,00
Batatinha	Kg	3,50	Melão	Kg	5,79	Ovos	Dúzia	4,89
Beterraba	Kg	3,79	Pêssego	Kg	6,89	Leite e derivados		
Cebola	Kg	3,95	Caqui	Kg	5,20	Leite	L.	3,19
Cenoura	Kg	5,50	Melancia	Kg	1,50	Queijo	Kg	12,00
Moranga	Kg	2,50	Abacaxi	Un	6,25	Nata	Kg	11,55
Abóbora	Kg	1,99	Manga	Un	4,95	Manteiga	Kg	
Chuchu	Kg	3,89	Morango	Kg	4,89	Requeijão	Kg	19,95
Tomate	Kg	3,25	Ameixa	Kg	6,99	Doce de leite	Kg	7,00
Feijão	Kg	4,19	Jabuticaba	Kg	4,00	Farináceos		
Arroz	Kg	2,55	Pinhão	Kg	4,50	Bolachas Doces	kg	16,00
Pepino	Kg	3,55	Uva	Kg	6,70	Bolo	Kg	9,00
Mandioca	Kg	4,79	Mamão	Kg	6,50	Grostoli	Kg	15,00
Batata doce	Kg	3,75				Macarrão	Kg	9,00
Alho	Kg	37,75				Lasanha	Kg	13,00
Radiche	Maço	1,95				Salgados	Kg	8,50
Couve folhas	Maço	1,95				Pão caseiro	un	6,00
						Cuca	un	8,00
Temperos	Maço	1,95				Processados e outros		
Berinjela	Kg	4,89						
Rúcula	Maço	1,95	Açúcares e gorduras			Pipocas	Kg	3,99
Pimentão	Kg	9,79	Banha	kg	4,10	Amendoim	Kg	8,19
			Açúcar mascavo	kg	5,00	Conservas	Vidros	5,75
			Geléia/Chim ia	Kg	6,99	Compotas	Vidros	9,59
			Melado	Kg	4,00	Salame	Kg	22,00
			Mel	Kg	9,00	Vinagre	L	1,95
						Vinho	L	6,00
						Lenha	m ²	80,00